

Os *Vitorianos*
de Channing



Vingança

MARGOTTE
CHANNING

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Os *Vitorianos*
de Channing



Vingança

MARGOTTE
CHANNING

Vingança

os  *Victorianos*
de Channing

MARGOTTE
CHANNING

1ª Edição



2024

Ribeirão Preto/SP

DIREITOS AUTORAIS



Título original: Venganza
Los Victorianos de Channing
Copyright © Margotte Channing, 2016
Copyright da tradução©2024 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Kelin Regina
Revisão: Rosângela Mazurok
Diagramação e adaptação de Capa: Labellalluna Web®
Arte: Margotte Channing

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) FICHA CATALOGRÁFICA

C458lbe

Channing, Margotte.
Título: Vingança (recurso eletrônico) - ©2024 Leabhar Books Editora
Ltda- Ribeirão Preto - SP
Tradução de: Venganza © 2017 Margotte Channing
Formato: Livro digital
Veiculação: Digital
ISBN 978-65-5444-297-8

1. Romance de época. 2.Espanha. 3. Regina, Kelin. I. Título

80754

CDD 82-32
CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books® Editora
Ltda. 14025-200 — Rua Sete de Setembro, 1851 conj 1 - RP/SP - Brasil
E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | www.leabharbooks.com



Londres, 1852

O corpo jazia imóvel deitado de lado sob um espesso cobertor na semiescuridão do quarto. Apenas a luz da lua que entrava pela janela o iluminava, então não se vislumbrava claramente a silhueta que estava sob a roupa de cama. A duras penas, por cima do cobertor, avistava-se a cabeça de um ancião parcialmente coberta por um gorro de dormir. Seus olhos estavam cobertos por uma máscara e, além disso, tinha uma densa barba branca que cobria o restante do rosto. Roncava levemente, indiferente ao estranho que havia entrado em seu quarto alguns momentos antes, e que estava imóvel ao lado da cama. Então, o assassino levantou o braço direito para desferir uma facada no corpo do adormecido, mas não conseguiu completar sua ação porque, de repente, o quarto se transformou em um pandemônio de correrias e gritos e dois homens surgiram do nada e o derrubaram. Ao mesmo tempo, várias lâmpadas a gás foram acesas, iluminando o quarto. Quando o criminoso estava contido no chão, o velho se levantou da cama de um salto, ao mesmo tempo em que tirava a máscara, com uma agilidade imprópria para sua idade. Aproximou-se, observando como os dois policiais que o seguravam iluminavam seu rosto com uma das lâmpadas, então, muito sorridente, voltou-se para o inspetor de polícia que estava ao seu lado.

— Eu lhe disse, James! Sabia que era o sobrinho. Deve-me uma refeição no “Pomme de terre”. Eu sabia — a mulher, pois claramente era uma por sua voz, com um puxão seco, retirou a barba postiça, seguida do gorro de dormir. Alguns resquícios de cola ficaram em seu queixo, mas, do contrário, sua aparência era normal, pois estava completamente vestida sob os lençóis. O inspetor de polícia sorriu ao vê-la mover-se de um lado para o outro com uma energia surpreendente à qual já estava acostumado. Pouco lhe faltava para começar a dar saltos de alegria.

— Está bem, Alexandra, fico lhe devendo uma. Ainda que o justo seria que me convidasse, pois ganha consideravelmente mais do que eu — queixou-se.

— Ha! De jeito nenhum! Uma aposta é uma aposta — de repente, lembrou onde havia deixado sua arma e a resgatou de debaixo do travesseiro, colocando-o na bolsa como se fosse apenas um objeto, de onde tirou um lenço para limpar os resquícios de cola que ficaram em seu queixo — bom, estou indo embora. Com um pouco de sorte, minha tia terá guardado algo para o jantar.

James a olhava sem conseguir evitar um sorriso.

— Em toda a minha vida, nunca conheci, homem ou mulher, que coma tanto quanto a senhorita — segurou-a pelo cotovelo — Vamos, vou levá-la

para casa, já está ficando tarde — fez um gesto para um de seus homens, para que cuidasse do detido.

— Levarei a srta. Wallace para casa, mas logo estarei na delegacia — Frank, seu sucessor no comando, assentiu e o inspetor tomou Alexandra pelo braço, e ela, depois de se despedir dos outros policiais, o acompanhou tagarelando até que subiram no coche e, uma vez dentro, também.

— Este caso era muito importante para mim — ficou olhando para o amigo com os olhos muito brilhantes — saiu nos jornais. Ninguém mais poderá duvidar que posso fazer o mesmo trabalho que um homem — ele concordou com um murmúrio.

No mistério que acabaram de resolver, tentaram assassinar duas vezes um ancião que, finalmente, decidiu contratar Alexandra, em grande parte porque era muito amigo de sua tia. Ela, depois de pensar muito, falou com James para explicar que havia elaborado uma armadilha para o assassino, na qual ela seria a isca. O inspetor levou-a a sério porque já haviam trabalhado juntos várias vezes, e conhecia seu profissionalismo.

James continuou sorrindo ao ver Alexandra distraída cantarolando olhando pela janela.

— Soube algo do seu irmão novamente?

— Sim, continua chato como sempre! Quer a todo custo que eu desista disso, mas já lhe disse que esqueça. Diz que não é um trabalho adequado para uma mulher, tem medo de que algo me aconteça. — Encolheu os ombros. — Agora está em St. Ives, mas vem de vez em quando à cidade, para casa de nossa tia. Estou cansada das diferenças que a sociedade faz entre homens e mulheres, James! — sussurrou.

— Pode ser que chegue o momento em que todos sejamos iguais perante a lei — algo em seu tom de voz fez com que a observasse com atenção e pensou que estava lhe escondendo algo.

— O que está acontecendo?

— Não sei do que está falando — tentou dissimular, mas desviou o olhar.

— James, não me insulte mentindo para mim. Prefiro que me diga que não pode me contar — voltou a olhá-la nos olhos.

— Não pretendia lhe dizer, mas a senhorita ficará sabendo de qualquer maneira — suspirou — outro dia meu chefe me chamou em seu escritório e recebi ordens para visitar o Marquês de Bute — Alexandra não pôde evitar um sobressalto ao ouvir aquele nome e, como James não era tolo, percebeu.

— Foi vê-lo? — de repente, ela ficou muito séria.

— Sim, hoje pela manhã — a observou por alguns segundos como se estivesse ponderando a conveniência de contar tudo.

— James, por favor, me conte o que ele disse! Ou não teria começado com a história... — o coche havia parado em frente à casa de sua tia, mas nenhum dos dois se moveu.

— Bem, fui à casa dele esta manhã, conversamos e ele estava bastante irritado. Principalmente por sua intervenção neste caso e nos outros dois em

que colaboramos. E me culpou diretamente por tê-la deixado fazer isso.

— Não posso acreditar! — Alexandra ficou de boca aberta, literalmente.

— Pois é o que aconteceu. Além disso, estava muito interessado em conhecer nossa verdadeira relação, já que, segundo as palavras dele, não parecia apenas profissional. Levando em conta que é conhecido em nosso meio por ter sido um dos melhores espiões que o país já teve, e que depois foi nomeado diretor do Serviço Secreto, me chama a atenção como tratou o assunto de forma grosseira. É quase como se quisesse que lhe contasse, mas não sei com que finalidade. Mas talvez saiba...

Ela baixou o olhar para suas próprias mãos. Há muito tempo sabia que, no final, Gabriel não se contentaria com as negativas que ela vinha lhe dando há meses. Parecia que havia chegado a hora de ser muito mais firme e acabar com aquilo de uma vez por todas.

— Sinto muito, James, mas é um homem que não aceita um não como resposta — James a olhou fixamente e assentiu, acreditando entender.

— Alex, se precisar de ajuda, saiba que pode contar comigo — esperando que ela respondesse algo antes de descer da carruagem.

— Obrigada, mas não é necessário, James — se mais alguém interviesse, só pioraria a situação — quando os dois desceram, ele levou alguns segundos para soltar sua mão.

— Lembre-se do que eu disse.

Enquanto segurava a mão dela entre as suas, ela o contemplou à luz dos postes da rua. Era um pouco mais alto que ela, com cabelos castanhos e olhos lindos da mesma cor. Seria um homem muito bonito, se não fosse por uma cicatriz que cobria toda a sua bochecha esquerda, causada por uma queimadura. Nunca lhe havia contado o que a havia causado, mas não se importava, por isso, se despediu dando-lhe um beijo na bochecha ferida antes de entrar na casa de sua tia.

— Obrigada novamente.

James a seguiu com os olhos até ela cruzar a porta, pois ninguém o havia beijado desde o incêndio. Depois, subiu na carruagem e partiu, ainda tinha muito o que fazer naquela noite.

Anthony, o mordomo, fechou a porta com uma expressão séria ao notar o cansaço no rosto de Alexandra.

— Sua refeição está guardada na cozinha, quer que a leve para a sala de jantar?

— Não, prefiro na sala de estar, na mesinha perto da janela, obrigada Anthony. Minha tia já foi dormir?

— Sim, há algum tempo.

— Então, pode ir dormir, Anthony, eu levarei meu prato para a cozinha quando terminar.

— Não me importo de esperar, senhorita — o olhou muito séria, não planejava ter um homem de sua idade esperando que ela terminasse o jantar, só porque estava atrasada.

— Por favor, Anthony, é tarde e se eu souber que está esperando que eu termine, não jantarei tranquila. Por favor, vá dormir — o ancião a olhou com dúvida, mas finalmente cedeu e se retirou depois de pedir que ela o avisasse se precisasse de mais alguma coisa.

Alexandra estava exausta o que não era estranho, já que levava meses sem descansar como devia. Há semanas, sua tia não a deixava em paz, pois via suas olheiras e que havia perdido vários quilos. Contava a mesma história a todos que perguntavam o que estava acontecendo: que tinha que se esforçar muito mais do que um homem para ser considerada boa em seu trabalho e que teria tempo para descansar mais tarde.

Mas a verdade era que, se não chegasse à cama todas as noites totalmente exausta, não seria capaz de dormir, porque então ele aparecia em sua mente e ela se lembrava das vezes em que se encontraram, e repassava tudo o que haviam dito até chegar à situação em que se encontravam agora.

Sentou-se diante da bandeja que Anthony lhe trouxe e, enquanto o fazia, lembrou-se da última discussão que teve com Gabriel, o Marquês de Bute.

Drogo e Amanda, seus primeiros clientes importantes, os haviam convidado para jantar após voltarem de sua lua de mel em sua propriedade na Toscana. O local escolhido fora o restaurante da moda em Londres, The Clerk. Seu dono arrastava o rumor de ser um homem misterioso e estar de várias maneiras conectado aos submundos. Alexandra tinha muita vontade de comer lá, principalmente para conhecê-lo e ver o que havia de verdade nos rumores. Black, como era chamado, fora encantador com eles, os recebeu como se fossem da realeza e os levou a uma das salas privadas que precisava ser reservada com meses de antecedência. Os convidados eram os mesmos que haviam comparecido ao casamento de Drogo e Amanda no ano anterior. Sua tia Margaret com seu “amigo” o Dr. Sweets, ela mesma com seu irmão Jake, e claro, Gabriel, o Marquês de Bute e, ao contrário do que se havia imaginado, o jantar foi bastante desagradável.

Desde o início, era evidente que Black e Gabriel se conheciam e que não eram, precisamente, bons amigos. Black, que parecia um homem inteligente, deve ter percebido algo entre Gabriel e ela, e desde então não parou de flertar com Alexandra, dando a certeza de que o fazia para provocar Gabriel. Como ela o achava pomposo, pensou que seria uma boa ideia provocá-lo e seguiu na onda de Black, provocando o aumento da irritação de Gabriel à medida que os minutos passavam até que, quando todos estavam indo embora, ele a segurou pelo braço para retê-la ao seu lado.

Ela aceitou para não fazer um escândalo, permitindo que os outros saíssem, então se virou para ele.

— O que quer? — levantou o queixo, altiva, sabendo que esse simples gesto o irritaria.

— Temos que conversar. Te mandei várias mensagens sem resposta alguma — puxou o braço, mas ele não a soltou. Black estava na porta da sala privada observando a discussão quando decidiu intervir com um sorriso zombeteiro.

— Alexandra, precisa de ajuda? — ela percebeu que Black queria fazer Gabriel pagar por algo que não tinha nada a ver com ela e decidiu cortar a situação antes que piorasse.

— Não, obrigada, Sr. Black — lançou “o olhar furioso”, herdado de sua tia, mas não pareceu surtir efeito.

Teria que praticá-lo um pouco mais porque cada vez mais homens estavam imunes.

— Deixe-nos sozinhos, Black, por favor.

— Como eu disse, Sr. Black — repetiu o tratamento porque não lhe agradava que ninguém a usasse — nós não precisamos — finalmente percebeu e se foi e, aparentemente, isso acalmou Gabriel que soltou seu braço, então ela foi para a saída. No entanto, Alexandra ouviu duas palavras do Marquês que nunca esperava ouvir.

— Por favor — ela se virou e o encarou surpresa.

— Está bem, o que quer?

— Que me conceda meia hora para conversar, se quiser, podemos fazer isso em um lugar público. Vamos tomar um café.

— Está bem, irei ao Savoy em meia hora, mas preciso acompanhar minha tia primeiro. Concorde? — ele assentiu inspirando profundamente.

Se despediram na saída e, ao subir na carruagem, sua tia perguntou o que tinha acontecido.

— Nada, um mal-entendido — disfarçou olhando pela janela, embora duvidasse que a anciã não ouvisse os batimentos de seu coração, que estava prestes a sair pela boca.

— Bem, para mim pareceu uma briga de gatos de rua e você era o prêmio, querida — sua tia ria enquanto seus cachos brancos balançavam graciosamente sobre sua cabeça.

— Os homens são muito chatos, tia — respondeu com um suspiro.

— Filha, estou preocupada — a olhou surpresa por sua seriedade.

— Por quê? Estou bem de saúde e tenho muito trabalho.

— É por isso! — levantou a mão para evitar que sua sobrinha respondesse — não digo que deva se casar, se não é isso o que quer, mas filha, nunca sai para se divertir, está sempre trabalhando. Gostaria que, uma vez, saísse para se divertir e pessoalmente o marquês me parece um homem muito atraente, uma boa pessoa, mesmo sendo um pouco pomposo e experiente.

— Tia, não está me aconselhando sobre o que eu penso que está?

— Sim, deveria tentar o sexo com alguém como ele. A primeira vez deveria ser com alguém que saiba o que está fazendo e, se ambos se gostam, seria perfeito — Alexandra balançou a cabeça negativamente. Apesar de conhecer as ideias avançadas de sua tia, ainda a surpreendia em muitas ocasiões.

— Não estou te ouvindo — decidiu distraí-la — aliás, onde ia o Dr. Sweets tão depressa?

— Ele tinha uma visita, sabe que ele tem muitos pacientes — suspirou —

sempre está de um lado para outro, na verdade, quase nunca temos tempo juntos. Pode ser que seja melhor assim, porque sempre acabamos discutindo — soltou algumas risadas que contagiaram Alexandra e, naquele momento, chegaram à residência de Margaret.

— Tia, tenho que ir à delegacia de polícia, imagino que estarei de volta em duas horas, no máximo — sua tia a olhou por um longo momento antes de sair e respondeu com um sorriso — divirta-se, minha querida — então saiu da carruagem, ajudada por Anthony, o mordomo.

Alexandra pensou com um sorriso que era impossível esconder qualquer coisa dela. Disse ao cocheiro que estavam indo para o Savoy e se acomodou no assento.

Toda Londres falava sobre a grande festa com a qual havia sido inaugurado semanas antes, embora ainda não o tivesse conhecido, ficou surpresa ao sair da carruagem porque era diferente de todos os hotéis que já havia visitado antes.

Era o hotel mais luxuoso que já havia visto, mas, ao mesmo tempo, achou-o muito acolhedor. Quando chegou, disse ao garçom que o Marquês de Bute a aguardava, e em seguida a conduziu a uma mesa perto da janela, preparada para dois. Era o primeiro grande salão de Londres onde se admitia, pela primeira vez, que as mulheres tomassem o chá sozinhas em um lugar público. O marquês estava olhando impacientemente para a porta e se levantou assim que a viu.

Alexandra o cumprimentou com um murmúrio e o olhou por baixo do chapéu, surpresa ao ver sua irritação, e sentou-se à sua frente, auxiliada pelo garçom, que imediatamente os deixou a sós. Junto à mesa tinham deixado o necessário para tomar café ou chá, acompanhado de leite, massas, sanduíches e bolos.

— Olá, Alexandra — sua voz continuava criando desejos impossíveis dentro dela e era o único homem que havia conseguido fazer isso, pelo menos até agora.

— Acabamos de nos encontrar, Gabriel — brincou —, mas olá novamente — sorriu ironicamente.

— Não entendo como é possível que a mulher que mais desejei em minha vida seja a menos romântica que já conheci — parecia zombar de si mesmo.

— Não posso responder a isso, mas devo dirigir-me à delegacia, assim agradeceria se me dissesse com brevidade o que deseja — tomou a cafeteira e serviu-se. — Posso te oferecer um café?

— Sim, apenas um, obrigado. Realmente pretende me fazer acreditar que não sabe sobre o que desejo falar contigo?

— Não sei — deu um gole no líquido vaporoso e o saboreou encantada porque estava excelente — faz tempo que não nos vemos e, que eu saiba, daquela vez, nada ficou pendente entre nós.

— Refere-se ao momento em que explodiu uma bomba naquela casa e estive à beira da morte sangrando? Ou quando te tive entre meus braços sobre

a escrivania de meu escritório, prestes a fazer amor? — aparentou que suas palavras não a afetavam.

— Eu não chamaria isso de fazer amor — murmurou, colocando um doce na boca — mas, ainda que fosse assim... tudo isso já faz muito tempo, Gabriel. Sei que mudou de amiguinha e imaginei que a nova lhe daria o que precisava.

— Isso não é da tua conta — finalmente conseguiu irritá-lo. Com um pouco de sorte, a dispensaria em poucos minutos e a deixaria em paz.

— Eu diria que sim, se pretende que ocupe o lugar dela.

— Nunca pretendi tal coisa — sua tática estava tendo sucesso pois já notava como a veia ao lado de sua garganta se inchava. Estava à beira de perder totalmente o controle.

— Ou seja, que continuaria tendo uma amante e, além disso, quando te interessasse, transaríamos em algum lugar. Isso é o que tinha pensado? Acredito que se equivocou de religião... e de país — depois de colocar outro doce na boca, voltou a olhá-lo. Sempre comia muito, mas ainda mais quando estava nervosa.

— Sei o que pretende — Gabriel baixou o tom de voz, sibilando entre dentes — quer que eu me irrite para conseguir que te deixe em paz, mas isso não vai acontecer, Alexandra. Nunca pretendi que fosse minha amante porque, por alguma razão, esse papel não te convém. Para começar, eu mantenho Beth e a presenteio frequentemente, e não acredito que você gostasse dessa situação — ela o olhou furiosa — bem, se te presentear de vez em quando com uma caixa de doces, seria feliz — agora havia conseguido enfurecê-la. — Mas estás enganada, não queria falar sobre isso, queria comentar contigo algo que chegou aos meus ouvidos — franziu a testa ao olhá-lo, sem saber a que se referia.

— Diga-me.

— Contaram-me que estive com um inspetor de polícia em casos especialmente perigosos. De fato, alertaram-me que arrisca tua vida, desnecessariamente, com muita frequência.

— E? — ergueu o queixo.

— Tenho certeza de que tua tia, para começar, não sabe disso, nem teu irmão também.

— Como se rebaixa, Marquês! Está me chantageando? — sentia que estava à beira de explodir. Se pudesse, começaria a gritar como uma vendedora de verduras, mas manteve-se aparentemente calma.

— Se não deixar de fazê-lo, me verei obrigado a lhes contar — a olhava seguro de si, como se ela não tivesse outra escolha senão fazer o que dizia. Apesar do que acreditava, ainda não a conhecia. Nem um pouco.

Ela terminou seu café, deixando a xícara sobre o pires com um golpe seco. Depois inclinou-se um pouco para ele para que a escutasse, embora lhe falasse sussurrando.

— Escuta-me bem, Gabriel — inspirou fundo e continuou — e acredite no

que te digo. Se contar algo à minha família, o que seja... se os usar para me chantagear, talvez consiga fazer com que eu deixe de trabalhar nesse caso. Mas jamais, nunca, me terá. Se já é difícil que vá para a cama contigo, essa é a maneira mais segura de que isso jamais aconteça. Entendeu? — ele assentiu sem falar. Não se lembrava de outra pessoa que o tivesse deixado mudo. Nunca.

— Agora eu vou, o café estava muito bom. Muito obrigada e adeus, Gabriel — saiu da sala com a cabeça erguida, deixando o Marquês de Bute de pé, já que havia se levantado por cortesia quando ela se levantou, e atônito, não pelo que ela lhe dissera, mas sim pelo que sentira quando o fez. Tinha muito em que pensar.



Aquilo havia acontecido há várias semanas e, desde então, havia recebido vários bilhetes dele, cada vez mais insistentes, mas não tinha dado atenção a nenhum. Nem mesmo tinha respondido, continuava irritada. Claro que nunca teria acreditado que ele se atreveria a falar diretamente com a polícia. Isso sim poderia prejudicá-la, pois estava começando a fazer nome no seu cargo. Olhou para o relógio sobre a lareira e, ao ver a hora, pensou que, certamente, ele ainda estaria acordado. Tomou uma decisão, levou a bandeja para a cozinha e subiu para se trocar; maquiou-se um pouco porque tinha umas olheiras terríveis.

Vestiu um vestido confortável, mas mais bonito do que o que estava usando. Afinal, era uma mulher, e iria ver um homem muito atraente, e se perfumou. Pegou sua bolsa, verificou se tinha dinheiro e saiu para a rua, trancando a porta novamente. Havia deixado um travesseiro embaixo dos lençóis de sua cama, embora não estivesse certa de que esse velho truque funcionasse. Por precaução, havia fechado as persianas para que não entrasse luz e só se visse um volume.

Não encontrou um coche e pediu ajuda a um policial que patrulhava com uma lanterna pendurada em seu chapéu. O homem assentiu e a acompanhou duas ruas adiante, onde havia um coche parado.

— É um pouco tarde para que damas como a senhorita andem sozinhas na rua — o olhou fixamente porque sua voz soara quase ameaçadora, mas o homem a olhou tranquilamente. Era mais velho, teria uns cinquenta anos.

— Sim, tem razão, mas não tenho escolha a não ser sair, muito obrigada, agente — ele assentiu ajudando-a a entrar, depois que ela deu a direção ao cocheiro.

A casa de Gabriel estava em uma das áreas mais luxuosas da cidade, na Cromwell Road, perto do Museu Nacional de História. Era uma mansão linda, mas um pouco intimidadora. Ela disse ao cocheiro para esperar, caso não a deixassem entrar. Surpreendeu-se quando ele mesmo abriu a porta, justo quando ia bater novamente. Estava descalço e com a camisa desabotoada, mostrando parte do peito, ela franziu a testa porque sentiu um leve cheiro de álcool. Tinha pegado o Marquês bebendo.

— Sabia que viria, mais cedo ou mais tarde. Estava a sua espera — a olhou com os olhos faiscando fogo.

— Espere, tenho que pagar ao cocheiro — se virou para descer os degraus, mas ele a segurou.

— Entre, eu mesmo faço isso — desceu os degraus, descalço, embora parecesse não notar. Pagou ao cocheiro dando-lhe uma generosa gorjeta e

voltou para perto dela em questão de minutos, depois a empurrou sem muita delicadeza e fechou a porta. Segurou-a pelo braço e, por alguns segundos, olhou para o andar de cima, mas suspirando, dirigiu-se a uma sala no andar de baixo.

Era uma espécie de sala pequena, quase debaixo das escadas, mas, de longe, a sala mais aconchegante de todas que ela havia visto naquela casa. Havia uma mesinha baixa, um sofá e uma mesa com duas cadeiras perto de uma janela. Na lareira, um fogo alegre queimava. Era uma sala de mulher, mas estranhamente, Gabriel não parecia deslocado ali.

— Gosto desta sala. É muito bonita.

— Era a favorita da minha mãe — o olhar de Alexandra percorreu a sala enquanto ele se dirigia à mesa onde havia uma garrafa ao lado de dois copos, um com bebida.

— Tenho certeza de que gosta de uísque — sem esperar sua resposta, ele serviu no copo que estava vazio.

— Sim — quando ele lhe deu, não fez nenhum movimento para tocá-la, mas se dirigiu ao sofá e lá se sentou, camisa aberta e descalço, bebendo, enquanto a olhava fixamente. A postura de seu corpo, relaxada, indicava que ele havia bebido muito.

Apesar de tudo, estava espetacularmente bonito, isso era inegável. Depois de tirar o chapéu e a capa e deixar as duas coisas sobre uma cadeira, ela permaneceu em pé a sua frente, embora estivesse morrendo de cansaço, e o olhando, pegou o copo e bebeu o uísque de um gole, o que o fez sorrir irônico.

— Bebe com frequência?

— Não muito, quando tenho vontade — na verdade, ela não gostava muito de uísque, mas sabia que isso o incomodaria e não conseguia resistir — está bem, Gabriel, consegui que eu viesse. Imagino que isso é o que procurava com toda a confusão que armou para que James te visitasse.

— James? A senhorita se refere ao seu amiguinho? Para dizer a verdade, não o achei grande coisa. Ele é um pouco sem graça. Diria que está escondendo algo — levantou-se para servir seu uísque novamente.

— Gabriel, por favor, pode parar de beber? — ele se virou com o copo na mão e bebeu de uma vez.

— E a senhorita, o que lhe importa se eu beber? — bateu o copo na mesa e ficou de pé, enfrentando-a. Ela pensava que estava calmo, mas o álcool não tinha conseguido acalmá-lo e ela não entendia o que estava acontecendo.

— Pode me dizer o que há de errado contigo agora? Está com raiva?

— Se estou com raiva? — quando percebeu seu tom de voz, o abaixou e aproximou-se dela, até que estivesse quase colado ao seu corpo, em pé ao lado da lareira. — Quando esta noite terminou tua façanha, alguém veio me contar o que estava fazendo na casa daquele velho. Fazendo-se passar por ele, como isca para que o sobrinho dele a apunhalasse — ela arregalou os olhos com a raiva que estava sentindo. Se continuasse assim, começaria a soltar fumaça a qualquer momento.

— Gabriel, estava cercada por policiais, era impossível que...

— Não! O que vai dizer é mentira, não é impossível que te matem! Não é impossível que matem alguém! Maldita seja! — Agarrando-a pelos braços, sacudiu-a. Ela soltou involuntariamente o copo, que voou e caiu contra a lareira, quebrando-se e espalhando vidros por todo lado. — Não consigo suportar mais! — murmurou. — A única maneira de te tirar da minha cabeça é te levando para a cama para poder seguir com a minha vida! — Pegou-lhe pela mão e puxou-a, arrastando-a para fora da sala. Alexandra teve tempo para gritar enquanto a fazia subir as escadas, e enquanto a levava para o quarto, mas não o fez porque não era tão hipócrita. Era isso que o seu corpo pedia, quando não dormia à noite. Aos seus vinte e oito anos, tinha certeza de que queria que Gabriel fosse o primeiro, embora não fosse o seu último homem.

Quando chegaram ao quarto, ele fechou a porta e a olhou.

— Não está lutando — sussurrou, perto dela. — Quer isso? — ela o olhou envergonhada.

— Sim. Mas, antes de qualquer coisa, quero que saiba que nunca fiz isso antes. Não por nada, mas porque tenho estado muito ocupada com o trabalho e... — ele calou-a com um beijo terno e ardente ao mesmo tempo, as suas línguas envolvidas numa dança precursora do que ia acontecer entre os seus corpos. Quando se afastaram, ambos estavam ofegantes.

— Meu Deus, lamento muito ter bebido tanto! — arrependido, passou a mão pelo cabelo.

— Pode te afetar nisto? — ele soltou um riso.

— Espero que não. Vem, vamos para junto da lareira, quero te ver quando te despir e assim não terá frio — ela assentiu obediente. Iria deixá-lo comandar a situação, já que tinha experiência e ela não.

Os olhos dele estavam sombreados por um intenso desejo. Sentia-se desconfortável consigo mesmo, porque sabia que, se ela o negasse, era capaz de chegar a suplicar. O fato era que não conseguia passar mais uma noite sem ela, mesmo que depois se esquecessem mutuamente.

Começou a desabotoar os botões das costas de seu vestido, sentiu o tremor que percorreu o seu corpo.

— Tem medo? — Alexandra meneou a cabeça enquanto ele lhe baixava o vestido pelos quadris.

— Não, não tenho medo, Gabriel — ele deixou ver, em seu olhar por alguns instantes, a exasperação que sentia por sua mentira — mas pode ser um erro — murmurou.

— É possível, mas, mesmo que seja, vamos cometê-lo — murmurou ele e beijou-a. Ela apertou-se contra ele e afundou os dedos no seu cabelo e estremeceu de novo, mas desta vez de paixão. As mãos rápidas dele já estavam a lhe tirar a roupa, procurando a sua pele.

Despiu-a em um tempo recorde. Quis contemplá-la à luz do fogo, mas ela não o permitiu, lançando-se a despi-lo. Ele continuava a acariciar suas costas, os seios, qualquer lugar onde pudesse alcançar, enquanto ela lhe tirava de

forma inexperiente a camisa e depois a calça e as meias. Totalmente envergonhada, despiu-lhe a ceroula, deixando à vista o seu pênis ereto. Ela sabia como seria, tinha visto alguns desenhos, mas impressionou-a de qualquer forma. Estendeu o dedo indicador para o tocar, e ele estremeceu quando o fez.

— Estou te machucando? — perguntou inocentemente, mas ele abanou a cabeça com os olhos quase fechados, como se lhe custasse concentrar-se.

— Não, pelo contrário, eu gosto — ela aproximou-se mais e acariciou-o com a palma, depois apertou-lhe suavemente os testículos em sua mão. Ele aguentou tudo com um pequeno gemido de prazer, olhando para ela com uma ânsia infinita. Finalmente, ela colocou-se diante dele e abriu os braços.

— Faça o que quiser comigo — ele sorriu como se lhe tivesse oferecido a lua e pegou-a no colo, levando-a para a cama. Imaginou-se penetrando-a selvagememente, até que os seus gritos ecoassem na casa e ele se esvaziasse nela, mas inspirou fundo para se tranquilizar. Deitou-a na cama e depois recuou.

Voltou a aproximar-se momentos depois, um pouco mais calmo, mas terrivelmente excitado, a ponto de doer, e sentou-se ao lado dela. Alexandra olhava-o com os seus olhos de gata, por uma vez com confiança, mas parecia cansada. Ele acariciou os seios pequenos e firmes. Os mamilos estavam inchados e puxou-os com os dedos, fazendo-a gemer, depois meteu-os na boca e chupou.

— Gosta? — ela assentiu, sem perceber que ele não a via.

— Sim, por favor, continua — Gabriel beijou-lhe o pescoço e lambeu a orelha, até chegar ao ombro, onde lhe deu uma pequena mordida, fazendo-a gemer novamente.

Ela queria mais e queria mais rápido, especialmente porque sabia o que Gabriel lhe faria e que doeria no início, a sua tia lhe havia explicado há algum tempo.

— Gabriel, prefiro que o faça rápido. A minha tia me disse que a primeira vez é impossível que tenha um orgasmo, mas gostaria de ter um antes de ir, se for possível — disse-lhe muito séria. Ele deixou seu pescoço e admirou-a intensamente, com um sorriso.

— Então quer um orgasmo? Não se preocupe, terá um, mais cedo do que pensa — separou-lhe as pernas, levantando-as e dobrando-as, quando começou a lamber sua vagina, ela ergueu bruscamente a cabeça.

— O que está fazendo? Tenho certeza de que essa não é a maneira correta de fazer isso.

— Cala-se Alexandra e aproveite — em parte para lhe ensinar uma lição, dirigiu-se ao clitóris dela e o lambeu repetidamente enquanto observava sua reação. No início, o encarava com os olhos arregalados, até começar a sentir prazer, e então só conseguia gemer movendo a cabeça de um lado para o outro no travesseiro. Penetrou-a com um dedo ao mesmo tempo, imitando um pênis, para fazê-la chegar ao orgasmo mais rápido, o que aconteceu quase

imediatamente. Deixou-a descansar por alguns segundos; ela estava esparramada na cama, com os olhos fechados e respirando com dificuldade.

— Isso foi um orgasmo. Gostou, querida?

— Deus! O que eu estava perdendo. É melhor do que comida! Bem, talvez não melhor que chocolate. — Ele riu alto, conhecendo sua paixão por comer.

— Isso foi só o começo. Agora vamos para a segunda parte. Abra as pernas — se colocou entre elas e acariciou seu rosto, afastando os cabelos negros e lisos que estavam grudados de suor. Beijou-a, explorando sua boca com a língua, e ela o abraçou, acariciando sua nuca.

Dedicou sua atenção aos seios dela, e ela voltou a gemer pouco tempo depois. Então ele a penetrou com um dedo para ver como estava apertada e que era bastante estreita, mas estava muito molhada.

Guiou seu pênis com a mão e o posicionou na entrada. Ela observava tudo com atenção.

— Vamos devagar, para que doa o menos possível — continuaram se beijando enquanto seu membro latejava desesperadamente, assim como ele, aguardando sua vez. Ele empurrou alguns centímetros e segurou suas mãos. Mas ela o surpreendeu, como sempre, com seu pedido.

— Gabriel, eu preciso de mais, por favor — a beijou, pois não conseguia ouvir aquilo sair de sua boca e continuar são. Ao se inclinar, pressionou seu quadril contra ela, fazendo com que entrasse um pouco mais. Saiu e voltou a entrar, repetindo o movimento até que os dois estavam tão excitados que não podiam mais aguentar.

— Gabriel, agora, por favor, eu te quero — gritou.

— Eu não quero te machucar — mal dava para entender o que ele dizia, porque falava entre dentes, tentando se controlar.

— Agora! — guiada por sua intuição, que raramente a traía, cruzou as pernas atrás da cintura dele e empurrou para perto de si. Ele não resistiu e deu o último impulso necessário para romper o último obstáculo que os impedia de se tornar um só. Em seguida, ficou imóvel, observando-a, sem beijá-la ou acariciá-la, apenas esperou, com as mãos entrelaçadas, que ela, com os olhos fechados, os abrisse. Então ele falou.

— Desculpe, eu não queria te machucar, mas a primeira vez é impossível que não doa. Tentei fazer doer o menos possível... — Alexandra, emocionada, colocou a mão na boca dele para impedi-lo de continuar falando, e ele aproveitou para beijar sua palma.

— Quietos, estou bem. Foi como uma espécie de ardor. Nem sequer posso chamar de dor, eu te garanto. Não se compara a quando um vidro se cravou em mim, lembra? Aquilo sim foi dor — ela brincou, e ele sorriu, beijando-a novamente, desta vez na boca. Quando terminou, Alexandra limpou a garganta para chamar sua atenção. — Humm, podemos continuar? Sinto que ficou algo pendente — ele gargalhou, fazendo-a dar um pulo, pois ainda estava dentro dela. Gabriel, feliz, continuou se movendo com investidas longas e profundas, e ela estendeu as mãos para acariciar suas costelas e

braços, encantada com seu corpo. Pouco depois, começou a sentir que algo estava prestes a acontecer, assim como ele havia feito antes com a língua, mas desta vez era diferente, mais forte, e quando o prazer a alcançou, sentiu como se estivesse flutuando. Gabriel, então, pareceu enlouquecer, segurando-a pelos ombros e apertando-a contra seu corpo.

— Outra vez! — exigiu, jogando sua cabeça para trás e a beijando vorazmente, — Outra vez, droga! — e continuou a penetrá-la e a sair novamente, mas ela não conseguia continuar.

— Não, Gabriel, por favor! — ela estava muito cansada.

— Sim, maldição, não esquecera desta noite nunca — olhou-o fixamente, ouvindo o desespero em sua voz. Naquele momento, percebeu o dano que havia causado com suas recusas.

Excitada e fascinada, percorreu o corpo dele com as mãos enquanto arqueava o próprio, se oferecendo completamente. O próximo clímax de Alexandra fez com que Gabriel se sentisse dilacerado pelo prazer. Murmurando algo incoerente, ele explodiu dentro dela e deixou cair a cabeça no oco do seu ombro, e quando as mãos exaustas dela escorregaram dos ombros suados de Gabriel, ele pronunciou seu nome.

Ela ficou em silêncio por um longo tempo, sentindo que não havia nada a dizer. Tinha dado um passo errado, plenamente consciente do que estava fazendo, e se houvesse consequências, as enfrentaria. Agora ela tinha que reunir toda a dignidade que pudesse e sair dali.

— Eu tenho que ir — ela se afastou, desviando o olhar, embora se movesse com dificuldade porque estava exausta.

— Fique um pouco.

— Não posso dormir aqui, sabe disso — se aproximar da lareira para pegar suas roupas exigia um esforço tão grande que ela chegou a considerar lhe pedir ajuda, mas Gabriel colocou a mão em seu ombro, meio sentado, para que ela o olhasse. E quando o fez, seus olhos lhe disseram muito mais do que suas palavras.

— Alexandra, fica só um pouco. Descansa. Te acordarei em algumas horas, parece não ter dormido por muito tempo.

Sem dúvida, havia conseguido disfarçar as olheiras. Concordou em silêncio, deixando que ele a cobrisse e a abraçasse contra si, e adormeceu como uma criança.

Acordou-a quatro horas depois. Embora soubesse que discutiria com ele por tê-la deixado dormir tanto, não foi capaz de fazê-lo antes. Aproveitou para vigiar seu sono e tê-la em seus braços. Quando ela se mexia dormindo, ele abria os braços, e quando ficava quieta, ele os fechava sobre ela novamente.

Não se importou em estar acordado durante esse tempo e não se importaria de fazê-lo sempre.

Quando a despertou, insistiu para que ela tomasse banho e que ele mesmo a acompanharia, já que ela não saberia como funcionava o sistema do chuveiro. Ela o olhou com a sobrelheira arqueada, sabendo muito bem que ele queria se

aproveitar, mas aceitou com o mesmo gesto que uma rainha faria. Ele queria prolongar o tempo juntos o máximo possível.

Uma hora depois, estavam na porta.

— Pode discutir o quanto quiser, mas não irá sozinha. E amanhã falaremos sobre toda essa questão da polícia.

— Não há mais nada a dizer sobre isso, é meu trabalho, Gabriel — embora falassem em sussurros para não acordar os criados, suas palavras revelavam o gênio que ambos tinham, o que era muito — você leva a tua vida e eu a minha. Se quer que tenhamos algum tipo de relação, eu preciso de liberdade. Se não, esquece tudo.

— É incrível! Tudo tem que ser como você quer! — ele estava indignado, mas ela também. Ficaram se encarando como dois combatentes.

— Assim como você, não sei do que está reclamando — ela lembrou, indignada.

— Tudo bem, mas agora eu te acompanho. E me reservo o direito de te proteger sempre que achar que está em perigo — abriu a porta para deixá-la passar, e ela o fez protestando.

— De jeito nenhum! — se calaram ao ver um policial, que os observava atentamente. Alexandra segurou o braço de Gabriel, que inclinou a cabeça para o guarda.

— O senhor sabe onde é mais fácil encontrar um coche?

— Sim, senhor, um pouco mais acima costuma ter vários esperando, perto do teatro.

— Tudo bem, obrigado.

— Não quero que volte a falar com a polícia sobre mim, Gabriel, isso me faz parecer pouco profissional — disse enquanto caminhavam.

— Farei o que achar conveniente — estava zangado, mas não era tolo, então aproveitou para perguntar — então, isso significa que temos um relacionamento exclusivo?

— Não — Alexandra sentiu seu coração dar um salto, não podia consentir que lhe acontecesse o mesmo que à sua mãe — Gabriel, se quer que continuemos, você leva a tua vida e eu levo a minha, e nos encontraremos de vez em quando — ele parecia cada vez mais zangado — se isso não é o que quer, é melhor dizer agora.

— Tudo bem, imagino que tenho que estar muito contente. É o sonho de todo homem que a mulher com quem se deita diga que pode ficar com quantas quiser. Isso significa que também se deitará com outros?

— Não. Definitivamente não. Apenas contigo. E acho que poderíamos, enquanto durar nosso relacionamento, nos tratar como amigos — a olhou incrédulo, mas sabia que não podia discutir, pelo menos naquele momento, então assentiu.

— Como vamos nos comunicar?

— Podemos mandar recados para nossas casas, não deve haver problema, não é como se houvesse um marido ou esposa ciumenta. Estamos solteiros,

tudo bem para você? — ele assentiu novamente, embora estivesse estranhamente calado.

— Gabriel, está chateado com alguma coisa? — entraram no coche depois de dar a direção ao cocheiro.

— Não, está tudo perfeito — ela mordeu o lábio inferior, insegura de repente.

— Olha, sei que sou nova nessas coisas, se te incomodei em alguma coisa, me desculpe — ele parou de olhar pela janela e seu olhar se acalmou ao ver sua expressão. Acariciou seu rosto com o dorso da mão e a beijou levemente nos lábios, suspirando.

— Não me incomodou em nada, é culpa minha, quero muitas coisas. Mas sou muito paciente, é uma das minhas virtudes — ele sorriu com malícia.

— Gabriel, não espere mais do que isso de mim, se chegarmos a um acordo... — ele a pegou nos braços e a beijou para que parasse de falar, enquanto o coche continuava seu caminho, transitando pelas pedras irregulares da velha e desordenada Londres.



— Acompanhando-a até a porta, ele a beijou apaixonadamente como despedida, apesar de seus protestos. Depois, esperou até que ela entrasse e trancasse a porta antes de voltar para o coche.

Dentro de casa, Alexandra tirou os sapatos para não fazer barulho com os saltos no chão de madeira e subiu as escadas silenciosamente, xingando quando algum degrau rangia e só conseguiu respirar aliviada quando chegou ao seu quarto. Despiu-se e se deitou na cama, adormecendo assim que sua cabeça tocou o travesseiro.

Uma das criadas, não sabia qual porque não estava completamente acordada, entrou em seu quarto e a despertou para informá-la de que sua tia e o Dr. Sweets estavam a esperando na sala de jantar. Ela se lavou na pia, decidindo tomar banho à noite e desejando que sua tia instalasse um chuveiro daqueles que estavam se tornando tão famosos e que havia usado na casa de Gabriel, e do qual tinha se encantado. Vinte minutos depois desceu as escadas para a sala de jantar, vestindo um vestido de lã bege e com os cabelos presos atrás com um prendedor.

Sua tia e o Dr. Sweets estavam sentados juntos e tomando o café da manhã. Os cumprimentou e serviu-se de um café com leite bastante forte antes de se sentar, se preparando para enfrentar o que imaginava que iriam dizer, quase sem acreditar que sua tia finalmente estava fazendo aquilo. Não era tola, há muito tempo sabia que tinham um relacionamento, mas sua tia não era dada a dar explicações, assim como ela. Levantou os olhos da xícara quando percebeu que Margaret estava dizendo algo, o que acontecia quando estava cansada, era difícil para ela se concentrar e tendia a divagar.

— Alexandra, estive falando por alguns minutos e nem sequer percebeu, onde estás com a cabeça?

— Desculpe, tia — ao olhá-los novamente, percebeu que não pareciam particularmente felizes. Não achava que iriam lhe comunicar algo bom.

— Estava dizendo que o Dr. Sweets quer pedir-lhe um favor. Trata-se de uma paciente dele que precisa que assuma uma investigação, mas ela não pode pagar — que detetive estava se tornando, não tinha nada a ver com o que esperava.

— Desculpe, tem sido uma semana muito difícil.

— Sim, eu sei, mas preste muita atenção, filha, este assunto é muito importante — sua tia olhou significativamente para o Dr. Sweets, que olhava para Margaret embasbacado, a idosa, ao perceber, o repreendeu com um sussurro.

— Robert! — depois olhou para Alexandra, para que se lembrasse do

porquê de estarem ali reunidos, e o ancião tossiu, um pouco envergonhado.

— Sim, desculpe, Alexandra — pelo que parecia, não haveria casamento por enquanto.

— Estou tratando há alguns dias de uma mulher muito doente, talvez já tenha ouvido falar dela, Ada Byron King. Isto é confidencial, é claro, mas ela está morrendo. Restam-lhe poucos dias de vida, no máximo uma semana. Sabe quem é?

— Claro, como todos, não é mesmo? A filha de Byron, quero dizer, a única que ele teve dentro do casamento. Além disso, é uma grande matemática. Ouvi uma palestra dela na Universidade de Cambridge, há alguns anos, foi muito interessante — sua tia a olhou estranhamente.

— Por que não me levou junto?

— A senhora não quis vir, disse que parecia chato — sua tia fez beicinho e respondeu.

— Quem me dera que tivesse me dado tanta atenção no dia em que me arrastou para o teatro para ver aquela horrível peça de Chekhov! Ainda tenho pesadelos! — Alexandra estreitou os olhos sem acreditar que ainda estivesse sendo culpada por aquilo.

— Bem — o Dr. Sweets decidiu cortar rapidamente. Sabia que, se não o fizesse, começariam a falar sobre o assunto e a discussão poderia durar horas — fico feliz que a conheça. A sra. Ada King precisa de alguém de confiança para procurar algo para ela.

— O que é?

— Se não se importar, ela prefere contar-lhe. Falei sobre a senhorita, mas disse que iria perguntar se estaria interessada no trabalho.

— Não sei, atualmente estou colaborando com a polícia. Se surgirem casos interessantes, o inspetor Brown me chama.

— Tenho certeza de que pode dedicar alguns dias a este caso, considerando a urgência da saúde da senhora, não é? — sua tia sabia que ela não poderia resistir a qualquer coisa que lhe pedisse, tinha certeza de que havia garantido ao médico que ela aceitaria. Por que manter uma fachada de que estava pensando se todos sabiam que diria sim?

— Claro que sim, tia.

— Quanto aos seus honorários, Ada não está bem financeiramente, como verá quando a visitar. Eu pagarei — sua tia olhou surpresa para o médico e ele encolheu os ombros — essa mulher sofreu muito — sussurrou.

— Não é necessário, não cobrarei. Se o caso merecer, às vezes, eu também não cobro — se observaram mutuamente, avaliando-se verdadeiramente pela primeira vez desde que se conheciam.

— Vou visitá-la agora e, se for conveniente para a senhorita, pode me acompanhar. Se ela estiver com forças, poderá entrevistá-la. Poderíamos adiar, mas não acredito que tenha muito tempo, e pelas manhãs, está um pouco mais forte.

— Tudo bem, deixe-me tomar outro café para despertar, colocar meu

casaco e vamos.

— Robert, deixe-a tomar um bom café da manhã, senão, não será capaz de articular duas palavras seguidas.

— Tia! — a repreendeu indignada.

— Filha, é igual a mim, seria incapaz de se concentrar, e ainda mais cansada como está. Coma algo sólido, demorarão cinco minutos a mais, mas se não o fizer, não servirá para nada.

Sabendo que, no fundo, estava certa, a ouviu e, alguns minutos depois, saíram para a casa da paciente.

Já no coche, tentou obter mais informações sobre o caso.

— Que doença ela tem? — o médico a olhou distraído — do que está morrendo?

— Na minha opinião, o fim foi acelerado por causa de dois açougueiros, já que não se pode chamá-los de médicos, decidiram fazer-lhe uma sangria, que era o pior para a sua doença. Tem um tumor que se espalhou por quase todo o corpo. Deve ter começado no útero, já que há anos sofria de grandes hemorragias. O mais contraproducente, nesses casos, é fazer com que perca mais sangue.

— E não tem solução? Lembro-me de que ela era jovem.

— Trinta e sete anos. Muito jovem, mas não há nada a fazer. A única coisa que posso fazer por ela é garantir que sofra o mínimo possível.

Alexandra assentiu emocionada. Não invejava a profissão do médico. O restante da viagem transcorreu em silêncio, com os dois mergulhados em seus pensamentos. Ao descerem do coche, olhou ao redor, o bairro não era dos piores que já tinha visto, mas à noite, não seria conveniente aventurar-se por aqueles becos, com certeza. Muitas crianças observavam curiosamente a carruagem e os dois adultos que dela saíram, pouco acostumadas a ver pessoas assim. Eles mesmos vestiam pouco mais que trapos. Alexandra sentiu-se profundamente afetada ao vê-los, como sempre acontecia quando via crianças tão maltratadas pela vida. Era preciso mudar isso. Se uma sociedade precisava que as crianças trabalhassem em vez de estudar e brincar, e que desfrutassem de sua infância, algo estava errado e precisava ser mudado. Com um último olhar para o grupo de crianças que continuavam a brincar na rua, alheias aos seus pensamentos, seguiu o médico que a esperava na porta da casa.

Entregaram os casacos a uma mulher que mais tarde o Dr. Sweets lhe disse que era uma vizinha. E o médico lhe perguntou:

— Como ela está?

— Muito nervosa, doutor, dormiu mal — assentiu e apontou para uma cadeira que estava no mesmo corredor, dirigindo-se a Alexandra.

— Importa-se de esperar aqui?

— Claro que não — sentou-se com as mãos cruzadas no colo e sorriu para a vizinha que lhe ofereceu um chá.

O Dr. Sweets tinha desaparecido atrás de uma porta ao lado da cozinha,

onde a paciente estava. A casa não parecia ter mais quartos. Graças ao seu trabalho, há muito tempo, era bem consciente da sorte que tinha por ter nascido em uma família rica. Minutos depois, o Dr. Sweets saiu e fez um gesto para que entrasse.

O quarto cheirava a mofo e doença, e apenas olhando para a mulher deitada na cama, dava para perceber que não duraria muito. Agora mesmo, era pouco mais que um esqueleto. Seus olhos estavam vidrados, imaginava que por causa da medicação que o Dr. Sweets lhe dava. Ele puxou uma cadeira para perto da cama para que ela se sentasse e pudessem conversar, depois, pôs a mão no ombro direito de Alexandra e disse em voz alta:

— Esperarei do lado de fora — a paciente a olhava intensamente. Não parecia capaz de falar ou não sabia por onde começar, então decidiu facilitar as coisas.

— Meu nome é Alexandra Wallace e tive o prazer de assistir a uma palestra que deu há alguns anos na Universidade de Cambridge. Era sobre a tradução de um artigo de um cientista italiano, embora eu não me lembre do nome.

— Luigi Federico Menabrea — murmurou a mulher e Alexandra assentiu.

— Não sabia quem era aquele senhor, mas a senhora nos explicou que era um renomado cientista italiano, e que o artigo tratava de uma máquina analítica que o professor Babbage queria construir. Tinha lido algo sobre a máquina nos jornais. Acho que dedicou muitos anos a esse projeto — a mulher assentiu, com os olhos um pouco mais vivos.

— Sim, isso... — respirou profundamente — é importante — Alexandra teve que se inclinar para entender o que estava dizendo. Fazendo um esforço, a paciente continuou, cada vez mais nervosa — as notas, preciso recuperá-las, são muito importantes. Sem elas, a máquina não funcionará. É a única herança que deixarei para meus filhos — olhou para Alexandra, angustiada — me ajudará?

— Sim, senhora King, é claro. Mas eu preciso de alguns dados. Tente não falar, certo? Apenas mova a cabeça quando eu perguntar, para que não se canse. Se eu não entender algo bem, direi para que me explique melhor. Vamos ver — tirou seu bloquinho de notas e a caneta-tinteiro, presente de seu irmão Jake, e que sempre carregava em sua bolsa.

— Essas notas, são algum tipo de fórmulas ou explicações, para que a máquina do professor Babbage funcione?

— Sim, mas ele não as tem e é preciso encontrá-las, é muito importante, entende? — ela se sentou um pouco na cama, fazendo com que sua respiração se tornasse mais superficial. Alexandra suavemente tocou seu antebraço para acalmá-la.

— Sim, eu entendo muito bem, acalme-se, por favor, Ada. Eu a ajudarei, prometo. Me diga, sabe onde estão essas notas? — a mulher negou com a cabeça.

— A última vez que as vi, estavam na minha casa, onde morava com meu marido. Talvez estejam lá, eu não sei. Tive que sair às pressas. Já faz anos que

não vejo meus filhos, cometi muitos erros — sua voz tremia. E Alexandra teve medo de que ela piorasse.

— Ada, escute — tentou fazer sua voz soar um pouco mais firme — se não se acalmar, não poderei ajudá-la, por favor, respire devagar e acalme-se, certo? — A paciente assentiu e se recostou novamente.

— Bem, vejamos, a primeira coisa que farei, nesse caso, é ir falar com seu marido.

— Ele não vai querer recebê-la.

— Não se preocupe com isso, ele irá me receber — assegurou com firmeza. — Alguém mais, próximo ao seu marido e que possa saber algo?

— Sim, aquela atriz tão bonita. A russa — Alexandra a olhou perplexa, sem poder acreditar na má sorte.

— Maria Feodorovna? — Ada assentiu. Com a letra um pouco trêmula, anotou o nome abaixo do Conde de Lovelace — muito bem, com isso tenho por onde começar. E o mais importante de tudo Ada, o que quer fazer, uma vez que tenha as notas novamente em suas mãos?

— Vendê-las — ela mal conseguia continuar falando — herança... para meus filhos — começou a respirar superficial e rapidamente, seja devido ao esforço ou à excitação, Alexandra não sabia.

— Está bem, entendi, não precisa dizer mais nada. Agora, o doutor entrará. Escute-me, Ada, farei tudo o que puder para recuperá-las e trazê-las de volta.

— Se eu não estiver viva quando voltar...

— Não diga isso — segurou sua mão, que estava muito quente — pense em seus filhos.

— Estou muito cansada — a encarou intensamente nos olhos, Alexandra estremeceu, porque sentiu como se a olhasse da cova, era como olhar para um fantasma — se eu morrer antes, te imploro que venda tudo e que o dinheiro que consiga seja para meus filhos. Não deixe que mais ninguém fique com isso. O médico diz que é uma boa pessoa e que devo confiar. Essas notas são meu trabalho e tudo o que tenho, o resto eu desperdicei. Pelo menos eu partirei mais tranquila, sabendo que eles não terão problemas financeiros.

— Dou minha palavra de que farei tudo o que puder. Agunte, Ada, assim que souber de algo, virei lhe contar — a paciente tinha fechado os olhos e parecia que estava dormindo, ou... algo pior, não tinha certeza, levantou-se rapidamente para chamar o Dr. Sweets. Ele entrou imediatamente e ela saiu respirando fundo e com os olhos úmidos, quando estava fora, beliscou as bordas das pálpebras, um truque para não derramar lágrimas. Depois, respirou fundo algumas vezes para se acalmar e quando o Dr. Sweets saiu, o olhou interrogativamente.

— Ela está bem, ainda está aguentando.

— Doutor, eu acho que já é hora de começarmos a nos tratar pelo primeiro nome, ainda mais considerando sua relação com minha tia. Acho absurdo que ainda nos falamos como “senhor” e “senhorita”, não acha?

— Sim, me chame de Robert, por favor.

— Está bem — se dirigiram para a saída. A senhora que os recebeu na chegada estava na porta, mantendo-a aberta.

De volta à carruagem, lhe perguntou.

— Vai trabalhar para ela?

— Sim, claro, tenho que reunir algumas informações antes de começar, mas não acho que haja algum problema. Vou para casa e, a partir daí, planejarei quais serão meus movimentos.

— Te deixarei lá então, tenho que continuar com meu trabalho.

— Robert, acho que o trabalho que faz é maravilhoso — falou pensativamente — nunca percebi até agora o quão desagradável é sua profissão nessas situações. Pessoas de qualquer idade morrendo em circunstâncias terríveis e sozinhas. Ainda bem que existem pessoas como você para ajudá-las.

— Assim como você agora.

— Sim, bom, mas meu trabalho não é tão importante — intimidou-se e olhou pela janela.

Sua tia estava fazendo crochê, uma atividade que estava se tornando moda entre todas as senhoras de certa idade. Sentou-se ao seu lado e a observou. Tinha aprendido a fazê-lo para os casos em que precisava se passar por uma idosa, porque isso dava ao personagem muita verossimilhança. Além disso, era uma atividade que a relaxava e já havia feito vários cachecóis de lã. Ficou em silêncio observando Margaret formar o trabalho com o fio. Era quase hipnótico.

— O que está acontecendo, querida?

— Foi muito triste e, embora eu esperasse — suspirou — nunca é como se imagina — sua tia segurou seu queixo com a mão e olhou em seus olhos.

— É como sua mãe, todo coração — não soube por que, mas embora sua tia tivesse dito isso muitas vezes, nunca lhe pareceu tão ruim quanto naquele momento. Levantou-se irritada.

— Não diga isso, tia, eu não sou como ela, nem cometerei o mesmo erro. Sabe o que significou para Jake e para mim, vê-la se consumir pela tristeza porque meu pai nunca vinha nos visitar? — Se aproximou da janela para olhar para a rua e tentar se acalmar — não se deve amar tanto um homem porque lhe coloca uma arma em suas mãos e depois não tem como se defender.

— Eu sei, querida, embora nunca falem sobre isso. Isso é suficiente para imaginar o que sofreram por causa do desgraçado casamento de minha irmã. Mas Alexandra, ela quando se casou, sabia que ele não a queria... — ela se virou para sua tia indignada.

— Não, não desejo saber nada, tia. Prometeu-me que nunca falaríamos sobre isso! — Margaret levantou-se e aproximou-se dela.

— Está bem, filha, sinto muito. Tem razão, mas permita-me te dizer algo, apenas uma coisa — aproximou-se e pôs a mão na sua face — tua mãe errou. Deveria ter valorizado mais do que tudo os dois filhos maravilhosos que tinha, e não o fez — Alexandra percebeu que estava prestes a chorar novamente,

mas o que estava acontecendo com ela?

— Vem, eu ia tomar um chá, acompanhe-me por favor. Quer me contar algo sobre o que aconteceu na casa dessa mulher?

— Sim — depois de fazê-lo, sentiu-se um pouco mais tranquila.

— Imaginava algo semelhante, já tinha ouvido rumores. Essa pobre mulher tem passado os últimos anos a oscilar, desde que se separou do marido. Arruinou-se com o jogo e os amantes. Já não é recebida em nenhuma casa, creio que foi a mãe dela que ficou encarregada dos filhos.

— Compreendo. E o que sabe do marido?

— Não muito — ficou pensativa um momento antes de responder. — Creio que, e perdoe-me dizer isto, ao lado da senhora Lovelace ele tem sido bastante discreto. Deve ter tido seus amores, claro, já que estão separados há bastante tempo, mas não causou escândalo algum.

— Bem, vou trocar de roupa, e depois, irei visitá-lo. Tentarei que me receba.

— A propósito, chegou um bilhete, está na bandeja da entrada.

Pegou o envelope antes de subir as escadas, a letra com que estava escrito o seu nome era tão autoritária quanto o homem que havia enviado, e a folha que estava dentro tinha apenas duas palavras:

— Esta noite? — subiu as escadas correndo, apertando o bilhete e o envelope contra o peito enquanto sorria, quase feliz.

QUATRO



O Conde de Lovelace recebeu-a no jardim de inverno de sua mansão, onde estava cuidando de algumas orquídeas. Não abandonou o que estava fazendo até terminar. Ela não poderia dizer o que ele estava fazendo, mesmo que a matassem, viu-o pegar algo com uma pinça e transferi-lo de uma planta para outra. Quando terminou, retirou o avental e as luvas que usava e entregou tudo a um criado.

— Percy, recolha tudo e desinfete, já sabe o que fazer — dirigiu-se a ela e observou-a fixamente, como se fosse um inseto sob um microscópio.

— A senhorinha vem por Augusta?

— Sim, senhor — havia uma estranha frieza naquele homem, não parecia irritado, preocupado ou surpreso — creio que seria melhor se pudéssemos falar em particular.

— Se desejar, será conduzida até o meu secretário, que marcará uma reunião para daqui a alguns dias.

— Senhor, receio que não tenhamos tempo, tenho más notícias.

— Meu tratamento é de Vossa Senhoria — Alexandra havia acabado de descobrir o que estava acontecendo, que era um completo idiota.

— Naturalmente, Vossa Senhoria, é uma questão muito urgente e grave — colocou sua expressão de tola, que nunca falhava.

— Muito bem, siga-me — examinou-a dos pés à cabeça — senhorita.

Ela o seguiu até uma sala perto da entrada, imaginando que queria que sáísse logo depois da conversa. Sentou-se em frente a uma escrivaninha e fez um gesto para que ela fizesse o mesmo, diante dele. O mordomo, silenciosamente, fechou a porta.

— Senhorita Wallace, meu tempo é muito valioso, mas ouvirei atentamente o que tem a me dizer sobre minha esposa.

— Vossa Senhoria está ciente de que a condessa está morrendo? — para o seu próprio benefício, teve que admitir que ele empalideceu.

— Não. Sabia que ela estava doente, me disseram, mas não que fosse tão grave. Imagino que haja coisas que ela queira resolver.

— Precisamente, a condessa lhe pede, nessas circunstâncias tão penosas, que lhe devolva algumas notas em que trabalhou muito tempo.

— Na verdade, não sei do que está falando — parecia genuinamente confuso.

— Os trabalhos que realizou, durante anos, para a construção da máquina analítica do Professor Babbage.

— Ah, isso! — de repente, ficou totalmente intimidado e começou a balbuciar — agora entendi. Não entendo para que ela as quer, não têm

nenhum valor — Alexandra o olhou com a testa franzida porque estava excessivamente nervoso.

— Vossa Senhoria, precisamente se não têm valor, espero que não haja problema em entregá-las — ele passou a mão pelos poucos cabelos que tinha na cabeça, desalinhando-os.

— Não posso.

— Escute! Estamos falando do desejo de uma moribunda — esforçou-se para manter a compostura. — Não sei o que ela fez, mas posso garantir que, se a visse, perdoaria o que quer que seja que tenha feito. Ou pelo menos, não guardaria rancor.

— Não é isso, senhorita — ele se levantou da cadeira e andou pela sala, muito agitado. Alexandra decidiu deixá-lo falar. E, de fato, a pressão do silêncio fez com que, alguns minutos depois, ele o fizesse:

— Não as tenho em meu poder — ela se levantou atônita.

— As vendeu? — ele negou com a cabeça. — As jogou fora? — negou novamente. — Se não as vendeu, nem as jogou fora — aproximou-se dele — as deu a alguém? — finalmente ele assentiu. Observou-o fixamente deduzindo que não mentia, era verdade que as tinha dado a alguém. Mas quem poderia querer aquelas notas?

— Por favor, pode me dizer quem tem essas notas?

— Me disse que colecionava fórmulas matemáticas porque seu pai fora professor na Universidade de Moscou. E que adoraria ter as de minha esposa, pois não tinha nenhuma de uma mulher científica. Admirava-a muito.

— Por favor, Vossa Senhoria, diga-me o nome dessa mulher — embora temesse o pior, havia muitos russos em Londres.

— Maria Feodorovna — é claro! Pensou ela.

Havia dado sua palavra a uma mulher moribunda e tinha que fazer o possível para encontrá-las, mesmo que ele tivesse que se encontrar com o próprio demônio. Ergueu-se da cadeira decidida a seguir em frente, custasse o que custasse.

— Posso perguntar a natureza de sua relação com ela? — ele ficou vermelho como um tomate.

— Não, não pode! Mas direi algo, mesmo que não seja de sua incumbência, nunca faltei aos meus votos com minha esposa. Infelizmente, ele não se pode dizer dela — parecia sinceramente indignado. Para si mesma, teve de admitir que ele não era o aristocrata arrogante que ela acreditava que fosse. Mas um homem apaixonado, a quem a vida tinha tratado mal, e que não sabia como lidar com isso.

— Lamento ter feito essa pergunta, Vossa Senhoria, mas preciso que me ajude a pedir as notas à senhorita Feodorovna.

— Não se preocupe, escreverei uma mensagem para que as devolva. Tenho certeza de que não terá nenhum problema — aquele homem era inocente. Sinceramente, havia acreditado em uma mulher que o havia dito para lhe dar um conjunto de fórmulas matemáticas porque iria guardá-las como

lembança? E tudo sob a justificativa de que seu pai era professor de matemática? Definitivamente, era como uma criança.

— Muito obrigada — escreveu o bilhete e o colocou em um envelope aberto, onde colocou o nome da atriz e seu endereço. Antes de lhe entregar, pareceu hesitar, como se quisesse perguntar algo. Ela esperou pacientemente.

— Poderia... poderia visitá-la? — sussurrou.

— À condessa? — ele assentiu. — Perguntarei, Vossa Senhoria.

— Me chame de William, por favor, ninguém usa meu título, não gosto que o façam, mas estava tão aborrecido, bem, ainda estou. De qualquer forma, preciso vê-la antes que...

— Sim, não se preocupe, entendo. Resolverei isso. Esta tarde mandarei a resposta. Está bem? — não se atrevia a levá-lo sem avisar, caso Ada ficasse muito nervosa e fosse contraproducente. Preferia falar antes com o Dr. Sweets.

Saiu da visita nervosa e preocupada. Não imaginava, ao entrar na casa, a reviravolta que a história tomaria. Quase esbarrou em um policial que fazia a ronda.

— Ah, desculpe — o homem abaixou a cabeça com um murmúrio tranquilizador e continuou seu caminho. Ela, antes de entrar em seu coche, olhou o envelope por alguns instantes, mas decidiu agir no momento e deu ao condutor o endereço da atriz.

A casinha de Maria Feodorovna a encantou tanto que ela pôde se imaginar morando em uma semelhante. Era uma construção baixa na área de Chelsea, com um jardim privado e árvores por toda a rua. Era encantadora e não se importaria de viver em um lugar assim.

Bateu à porta e esperou. Quem abriu foi uma jovem criada, que a olhou interrogativamente.

— Bom dia, preciso ver a senhorita Feodorovna.

— A senhora não recebe a estas horas, mas se quiser deixar um recado... — conhecia esse truque, a criada de sua casa também o usava quando não queriam receber alguém.

— Por favor, entregue este recado a ela. Vou esperar — a mulher pegou o envelope e fechou a porta. Virou-se para observar a rua. Havia uma carruagem esperando no final dela que lhe parecia familiar, embora não soubesse de onde. Semicerrou os olhos para ver melhor, mas estava muito longe — parecia tê-la visto saindo da residência do conde. Poderia ser uma coincidência, mas ela não acreditava nelas, embora também pudesse estar muito nervosa. A porta da casa se abriu novamente e a criada fez um gesto para que entrasse. Deu uma última olhada na carruagem antes de fazê-lo.

A atriz a recebeu em um cômodo muito alegre. A luz entrava pelas janelas que davam para o jardim, inundando o ambiente de luminosidade. O papel de parede era de um verde muito suave, com minúsculas margaridas. Ao entrar, observou em uma mesa um trabalho em uma moldura, assim como papel de carta e pena. Naquele momento, ouviu a porta. Então, que a senhorita

Feodorovna havia avisado alguém, e ela poderia imaginar quem, é claro: Gabriel, o que significava que ele havia mentido. Embora não tivesse dito diretamente que não estava mais com ela, deu a entender que tinha trocado de amante. Mas, pelo visto, ainda estavam juntos. Mas, pelo que parece, ainda estavam juntos. O veria em breve, só precisava esperar e ver se ele largaria tudo para vir. Ignorou o sentimento de tristeza que a invadiu por ter se enganado tanto com ele, mas não permitiria que isso a fizesse desistir de seu propósito. No final das contas, estava certa e a única coisa segura em que se agarrar era o trabalho.

— Bom dia, senhorita Feodorovna! — cumprimentou com sua energia habitual, fingindo ignorância.

— Senhorita Wallace — a atriz a cumprimentou inclinando a cabeça. De perto, era ainda mais impressionante do que no palco. Entre tanta maquiagem, uma beleza espetacular era desperdiçada. Alexandra sabia que não poderia competir e jamais havia pensado em fazê-lo.

— Por favor, sente-se — assentiu, a criada trouxe uma bandeja com bule e xícaras — ia tomar um chá, gostaria?

— Claro — sentaram-se e, por alguns minutos, conversaram sobre assuntos que não interessavam a nenhuma das duas.

— Senhorita Feodorovna, desculpe ir direto ao ponto, mas é urgente que consiga os documentos mencionados pelo Conde de Lovelace, na nota que lhe trouxe — a mulher deu uma olhada no papel que havia deixado sobre a mesa, junto à bandeja.

— Sim, imagino.

— Bem, poderia me entregá-las?

— Não quer algumas bolachas?

— Não posso perder tempo. A Condessa está morrendo — a atriz se entristeceu, demonstrando que não era tão fria quanto queria parecer, mas logo seus olhos se velaram para não deixar transparecer nenhum sentimento.

— Sinto muito, não conheci essa senhora, mas acredito que não teve sorte na vida. E não me parece justo que ninguém tenha valorizado seu trabalho só porque é uma mulher — parecia que falava sinceramente ou era muito boa atriz.

— Maria, irá me entregar as notas da Condessa, sim ou não?

— Não — Alexandra ergueu as sobrancelhas indignada — não posso dizer por que, mas acredite em mim, não é por capricho.

— Não, não acredito! — teve que respirar fundo para se acalmar e não a agarrar pelos cachos escuros, estrategicamente colocados por toda a sua cabeça. Levantou-se indignada.

— Só me esclareça uma coisa: ainda as tem em seu poder?

— Desculpe, Alexandra, realmente lamento esta situação — naquele momento ouviu-se a porta e Gabriel entrou, com sua própria chave, vindo da rua, e ficou na soleira da sala, então, Maria Feodorovna fez a melhor saída de cena de sua carreira e saiu, deixando-os sozinhos e fechando a porta atrás

dela.

— Alexandra, escute, não deixe sua imaginação correr solta, não é o que pensa — não havia nada pior para uma mulher furiosa do que tentarem acalmá-la com bobagens. Naquele momento, teria sido capaz de matar os dois, mas continuou sentada sabendo que aquilo era o fim de tudo. O que tinham tido e o que poderiam ainda ter, porque ela nunca o perdoaria, nunca, por uma mentira daquelas.

— Gabriel, por favor, sente-se. Preciso fazer algumas perguntas, estou aqui a pedido de uma mulher muito doente — ele, sem deixar de encará-la intensamente, concordou e sentou-se diante dela.

Alexandra seria profissional, embora seu coração doesse.

— Sim, ouvi falar, mas não sabia que conhecia a Condessa.

— Conheci esta manhã — ele observava seu rosto tentando vislumbrar seus sentimentos, mas ela tentou se manter fria, determinada a esclarecer tudo antes de sair.

— Preciso recuperar as notas de trabalho de Ada Byron King, Condessa de Lovelace, para que ela morra em paz, então me diga, Gabriel, está em sua posse ou pode me dizer como consegui-las?

— Alexandra, deixe-me explicar, primeiro, por que estou aqui e por que tenho a chave desta casa — ele falava em tom baixo, tentando parecer razoável.

— Não, só preciso que responda ao que estou perguntando, por favor — ele a olhou, rígido e ereto na cadeira, e sua voz mudou como se estivesse de repente falando com um estranho.

— Então, não me deixa outra opção senão dizer que não sei do que está falando e não tenho ideia de onde encontrar esses documentos — aí estava de novo aquela pose de aristocrata arrogante e insensível. Assim o conheceu e isso fez com que o odiasse desde então. Sabia que estava mentindo e sabia que ela sabia; furiosa, mas controlada, levantou-se, mais ferida do que nunca em sua vida.

— Tudo bem, então muito obrigada por ser tão sincero comigo, Gabriel — respondeu ironicamente e parou diante dele, em seu caminho para a porta, para deixar as coisas bem claras — Ah! E não me espere esta noite. Nem nunca, é claro. Eu te odeio, Gabriel — sussurrou em seu rosto — e odeio a noite passada, e juro que farei de tudo para apagá-la da minha mente. Isso é uma despedida — Gabriel empalideceu, mas ela estava vermelha de raiva — e desta vez, definitiva — respirou fundo tentando conter as lágrimas para terminar de dizer o que sentia. — Não me importa o que diga à minha família. Eu confessarei, se for necessário, que me deitei com o senhor em um ataque de loucura, para que não tenha nada com que me chantagear — cada uma de suas palavras parecia cortar o Marquês, que permaneceu sentado, pálido e com os punhos fechados, enquanto ela terminava — mas nunca te perdorei por isso, Gabriel — sussurrou, depois saiu quase correndo e bateu à porta com força.

Maria veio logo depois e se aproximou dele, sem saber o que dizer.

— Desculpe, Gabriel, não sabia o que fazer. Tive que te chamar.

— Claro — se sentia como se tivessem o esvaziado por dentro, lhe rasgando as entranhas ao fazê-lo. Sentiu uma dor tão intensa no peito que lembrou que seu pai tinha morrido de um ataque cardíaco, e se perguntou se havia chegado a sua hora.

— Não se preocupe, ela vai se acalmar e vai atender à razão.

Ele não respondeu e, pela primeira vez em sua vida adulta, lágrimas vieram aos seus olhos e não tentou escondê-las. Maria, impressionada ao vê-lo chorar, saiu da sala deixando-o sozinho com sua dor.

Com os olhos avermelhados pelo pranto, Alexandra regressou à casa de sua tia. De lá, enviou uma mensagem ao Dr. Sweets pedindo sua opinião sobre a visita do Conde à sua esposa. Depois, subiu para seu quarto e aplicou compressas frias nos olhos, na tentativa de acalmar a irritação, para então procurar por Margaret, que estava na sala de jantar.

— Ah! Querida, já retornou? Como foi tudo? — observou sua sobrinha e apertou os lábios ao ver seus olhos, há anos não via tamanha dor neles. Desde a morte de sua mãe, e assim jurou que o responsável pagaria.

— Regular, apenas tia. Preciso de mais algumas informações, se não a tem, talvez possas me dizer a quem posso perguntar.

— Diga-me, filha. Anthony, por favor, traga mais um prato para minha sobrinha.

— Certamente, senhora, já foram buscar os talheres — Anthony, percebendo que algo estava acontecendo, saiu deixando-as sozinhas.

— Querida, o que está acontecendo?

— Nada, tia, sou uma tola. Acho-me muito esperta e sou a mais idiota das mulheres.

— Não gostaria de me fornecer mais detalhes para que eu tenha uma ideia do que causou tanto desgosto? — mas ainda não podia falar sobre isso.

— Agora não, por favor, eu te contarei. Preciso que me diga se conhece alguém que possa me fornecer informações sobre Maria Feodorovna.

— A atriz? — assentiu. — Filha, se é sobre o Marquês...

— Não, tia, não é sobre ele. Acontece que o Conde de Lovelace entregou os documentos de sua esposa a ela.

— À russa? Por quê? Para se vingar de sua esposa?

— Pode ser — suspirou cansada e massageou suavemente as têmporas que pulsavam, reconhecendo que estava cansada e irritada demais para fazer bem o seu trabalho — não sei, o caso é que ela não quer ou não pode me entregá-las. Preciso saber mais sobre ela.

— Certamente, já pensou no dono do restaurante que frequentamos?

— Qual? — não sabia a quem se referia.

— The Clerk. É assim que se chama, não é?

— E por que deveria pensar no Sr. Black?

— Filha, você nunca fica sabendo de fofocas, não sei em que tipo de

mundo vive. Aparentemente, quando a senhorita Feodorovna chegou a Londres anos atrás, esteve bastante envolvida com ele, até que o Marquês a roubou na frente dele, como se diz vulgarmente. Por isso, outro dia estavam como dois cães brigando pelo mesmo osso.

Ela pensou que Gabriel tinha ficado com ciúmes das atenções de Black. Era muito mais idiota do que pensava. Isso era o que acontecia quando permitia que os sentimentos nublassem sua mente.

— Eu não sabia. Obrigada, tia. Tem algum remédio de envelope, daqueles que o Dr. Sweets lhe dá para dor de cabeça? — sentia que sua cabeça ia explodir.

— Sim, filha. Buscarei um agora, estão na cozinha.

— Eu pego.

A cozinheira lhe deu um com um copo de água para engolir o pó, depois de fazer uma careta pelo gosto amargo, voltou para a sala de jantar.

Quase não comeu, movendo os legumes de um lado para o outro no prato e, quando finalmente conseguiu escapar, escreveu algumas notas no escritório que deu a Anthony para enviar. Depois, foi deitar-se um pouco, na tentativa de aliviar a dor de cabeça.

Algumas horas depois, estava consideravelmente melhor, pelo menos conseguia manter os olhos abertos e, quando desceu, havia duas cartas a esperando.

A do Dr. Sweets dizia que parecia uma boa ideia de que o marido a visitasse, até mesmo porque sua visita poderia animá-la um pouco, e ela respondeu ao Conde dizendo que ele podia visitar sua esposa sem problemas. A outra nota era mais interessante.

“Às sete no The Clerk. Venha sem jantar.”

O famoso Black ia convidá-la para jantar, imaginou que seria um prazer um tanto perigoso, mas sua vida era cheia de prazeres perigosos.

Quando se vestiu, decidiu usar o vestido mais escandaloso que tinha em seu guarda-roupa, com os ombros descobertos e completamente preto. O decote frontal era, por si só, uma obra de arte, já que não entendia como se sustentava sem mostrar nada. Sua tia, felizmente, não o havia visto, pois, embora fosse muito liberal, não achava que iria gostar. Colocou um xale sobre si, pegou seu casaco e saiu até o coche. Estava com cabelo em um coque solto e brincos de pérolas que Margaret lhe havia presenteado quando completou dezoito anos. Maquiou-se levemente, principalmente para disfarçar os efeitos da irritação e da dor de cabeça. Quando se olhou no espelho antes de sair, percebeu que nunca esteve tão atraente.

O The Clerk estava cheio, como sempre. Era um restaurante diferente, perfeito para casais apaixonados, pois exalava uma espécie de romantismo, em grande parte devido à decoração e à luz suave do local.

O sr. Black estava de pé ao lado do balcão ao fundo, de onde dominava seu universo e, assim que ela entrou, a olhou intensamente, aproximando-se para recebê-la. Seus olhos eram verdes, mas de um tom muito diferente dos dela,

muito mais escuros. Poderia ser um homem muito bonito, não fosse pelo nariz quebrado, embora isso lhe desse um aspecto muito masculino. Chegou até ele e pela primeira vez o observou como homem, com os cabelos loiros quase tocando os ombros e não presos em um rabo de cavalo como costumavam fazer outros homens, mas soltos, embora o corte não cobrisse seu rosto.

— Boa noite, senhorita Wallace, acompanhe-me, por favor — inclinou a cabeça saudando-a e ela o seguiu, agarrando-se a sua capa, pensando se aquilo teria sido uma boa ideia até que ele parou diante de alguns comensais que estavam jantando. Em seguida, virou-se para ela com um sorriso zombeteiro.

— Creio que conhece o Marquês de Bute.

Black era um patife e aproveitava qualquer oportunidade para provocar um inimigo e Gabriel, com uma expressão de raiva contida, levantou-se cortesmente junto com o homem que o acompanhava na mesa, e ambos se inclinaram diante de Alexandra, que respondeu com uma inclinação régia de cabeça e, já que estavam nisso, decidiu dar o toque final à situação, dirigindo-se a Black.

— Alguém poderia guardar isto para mim? — tirou elegantemente a capa e Black a pegou educadamente, e então ficou com o vestido destacando as curvas de seu corpo e com o xale na mão, contente porque se tivesse planejado não teria saído melhor. Depois, sorriu para todos como se fosse a mulher mais feliz do mundo. — Onde está aquela salinha privada, Black? — ela o olhou, sedutora, e ele pareceu surpreso, mas reagiu rapidamente. Ela sorria interiormente porque nenhum daqueles homens a conhecia, nenhum deles, e Gabriel menos que qualquer outro.

Black, sorrindo maliciosamente para Gabriel, fez um gesto com a mão para acompanhá-la até uma sala cuja porta estava entreaberta. Ela, antes de ir, olhou fixamente para Gabriel, que parecia prestes a ter um ataque, e se despediu educadamente.

— Cavalheiros — continuou andando até entrar na sala, onde tudo estava preparado para um jantar íntimo. Então, virou-se para o homem misterioso que esperava que fosse lhe dar todas as informações que precisava e que, por sua vez, a olhava como se fosse um enigma que adoraria resolver.



— Senhorita Wallace, por favor, sente-se, creio que temos muito o que conversar — ela o fez, sentando-se na cadeira perto da saída, para ter mais visibilidade.

— Pode me chamar de Alexandra, por gentileza — embora estivesse mais acostumada ao tratamento informal, seu tom de voz e sua postura eram sérias, preferindo deixar claro que aquela visita era meramente profissional.

— Muito bem — serviu dois cálices de uma garrafa que repousava em um balde de gelo ao seu lado — pedi um rosado suave, costuma agradar às mulheres...

— Prefiro um uísque, se não se importa — ele pareceu surpreso, como se não tivesse avaliado bem o oponente que tinha diante de si.

— Claro, algum em especial?

— Se possível, que seja bom — ironizou, provocando um sorriso nele.

— Certamente — levantou-se e dirigiu-se ao móvel próximo à porta, onde havia várias garrafas, escolhendo aquela que estava atrás de todas as outras.

— Foi-me enviado da Escócia e a ofereço a poucas pessoas, mas creio que saberá apreciá-lo.

— Sou uma privilegiada então. Obrigada — serviu dois generosos cálices e os apreciaram tranquilos. Ele se acomodou na cadeira e, em tributo à sua inteligência, não abaixou os olhos para o decote de seu vestido, escandalosamente baixo.

— Alexandra, estou encantado em jantar contigo. É uma mulher belíssima, como tenho certeza de que sabe, mas minha curiosidade está aguçada. O que quer de mim, além de provocar ciúmes ao Marquês?

— Apenas informação, e estou disposta a pagar por ela. Digo-lhe a verdade, se não me ajudar, não sei a quem mais recorrer — encolheu os ombros e ficou olhando para o licor.

— Tem algum problema pessoal? — Black, pela primeira vez, lhe pareceu humano. Não esperava que se preocupasse com o que acontecia com outra pessoa, ainda assim, sorriu, negando com a cabeça.

— Não, apenas prometi ajudar uma mulher que está morrendo. Por isso, é muito importante para mim este caso. E sua ajuda.

— Bem, não sei se gosto de estar nessa posição. Está bem, conte-me o que precisa, e eu te direi se posso ajudar — disse-lhe após tomar outro gole do excelente uísque.

— Busco uns documentos. Fui contratada para fazer isso por sua legítima proprietária, a mulher que os escreveu. São umas fórmulas matemáticas — o observou fixamente, mas ele parecia não saber nada sobre o que lhe contava.

Começou a desesperar-se, existia a possibilidade de que não encontrasse as notas.

— Quem é a proprietária? — perguntou.

— A Condessa de Lovelace.

— A filha de Byron? — Alexandra assentiu. — O certo é que, já havia escutado que é uma espécie de especialista em matemática e creio que também escreve poesia, se não me engano — esfregou o lóbulo da orelha direita, enquanto olhava para um ponto da parede. — E essas fórmulas têm algum valor?

— A verdade é que não sei, mas ela acredita que sim. Os documentos estavam com seu marido, mas me confessou esta manhã que não os tem em seu poder, os deu a — hesitou por instantes, mas finalmente falou — Maria Feodorovna.

Black deu um pequeno pulo, mas ela notou porque o observava atentamente.

— Entendo. Imagino que saibas que há tempo não tenho nenhuma relação com essa... senhorita — fez uma careta antes de utilizar o adjetivo.

— Isso tenho entendido. Estive em sua casa depois de visitar o Conde, e não quis me dizer nada. Pouco depois, apareceu o Marquês — apontou com a cabeça para fora, para que soubesse a quem se referia.

— Imaginava que continuassem se vendo, apesar de quererem dar a entender que tudo acabou entre eles — franzindo a testa antes de prosseguir. — Por isso veio me ver, por minha relação com ela — deduziu. — Tem razão. Maria e eu estivemos nos vendo três anos, mas tudo acabou quando descobri que, ao mesmo tempo, ela se encontrava com seu Marquês.

— Não é meu Marquês.

— Embora não me caia bem, garanto-lhe que o homem que está aí fora está mais interessado na senhorita do que em qualquer outra pessoa. Já o vi com outras mulheres e, com nenhuma se comportava como contigo.

— Não me interessa um homem que mente para mim.

— Nem a mim uma mulher que o faça.

— Poderíamos ser o par perfeito — brincou.

— Sim — Black soltou uma gargalhada inesperada que o fez ainda mais atraente.

— E bem? Pode me dizer algo?

— Tenho que fazer algumas averiguações. Há pessoas a quem posso perguntar. Antes de tudo, quero te falar duas coisas: Uma suspeita e uma proposta — ela o olhou com os olhos brilhando pela primeira vez desde que chegou, pois lhe parecia um homem muito interessante.

— Nunca falei disto com ninguém e tampouco me decidi a investigá-lo a fundo. Por meu ego — sorriu zombeteiramente — queria aparentar, inclusive diante de mim mesmo, que não me importava que Maria me houvesse mentido.

— Mas importa, não é verdade? — se observaram, compreensivos,

finalmente, ele assentiu lentamente como com desgosto e ela suspirou.

— Desde algum tempo, umas semanas, tenho uma suspeita sobre essa relação. É uma sensação ou nem mesmo isso, não sei como explicar... chame-lhe intuição se quiser, mas começo a acreditar que tudo é uma farsa. E refletindo sobre uma série de fatos ocorridos durante o tempo que nos vimos, cheguei a pensar... — a olhou fixamente, ela não se moveu. Mal se atrevia a falar.

— Black, fala logo, que vou ter um enfarte.

— Cheguei a pensar que não são amantes, mas sim que Maria trabalha para Gabriel.

— O quê? Mas se ela é atriz — estava surpreendida, não entendia nada.

— É inocente — sorriu ao beber mais um gole de uísque.

— O que quer dizer?

— Não se lembra da antiga profissão do Marquês? — o olhou com os olhos arregalados e se apoiou totalmente no encosto da cadeira.

— Quer dizer que ele continua...? — não a deixou terminar a frase.

— Sim.

— E que ela também é...? — agora tampouco.

— Sim. Ouça, as paredes têm ouvidos, e mais esta noite. Te proponho que saíamos daqui e eu te conto o que acabo de pensar.

— Mas preciso que me diga algo sobre as notas da Condessa.

— Investigarei, te prometo, mas em troca preciso que faça algo por mim. Vamos, creio que a peça está prestes a começar.

— Que peça?

— Vamos ao teatro — levantaram-se, ela permitiu que ele lhe colocasse a capa, depois, a fez sair antes dele. Olhou para a mesa. Gabriel continuava lá, embora sozinho. Levantou-se ao vê-los partir, ela passou diante dele sem dedicar-lhe sequer um olhar, Black sorriu desdenhoso ao passar e lhe piscou um olho. Gabriel ficou esmagando um guardanapo com a mão direita, como se fosse o pescoço do dono do estabelecimento.

Saíram, fazia frio. Black perguntou:

— Trouxeste carruagem?

— Sim, olha, está em frente — seu cocheiro estava esperando por ela.

— Vamos — Black segurou-lhe firmemente o cotovelo para atravessar a rua, quando estavam prestes a subir, olhou para a sua direita.

— Entre, Alexandra, agora mesmo, estou contigo — dirigiu-se rapidamente para uma viela próxima, mas ao olhar, não havia ninguém, voltou-se pensativo.

— Viu algo?

— Pareceu-me ver alguém nos observando, mas acho que me enganei.

— Bom, e para onde vamos?

— Quero que veja onde trabalha a Grande Feodorovna — era assim que ela era conhecida entre o grande público.

O Teatro Drury Lane ficava no prédio Covent Garden. Era o maior teatro

da Europa. Tinha capacidade para 3.600 espectadores. Black era conhecido na entrada, e deixaram-nos passar diretamente, sem ter que esperar na fila da bilheteria. Uma vez dentro, houve uma troca de bilhetes, e seguiram um menino que os levou, através de uma galeria com várias portas, até a entrada dos camarotes. Black deu-lhe uma gorjeta e virou-se para sua acompanhante, apontando para a entrada.

— Mademoiselle, após a senhorita — ela fez uma pequena reverência, com a mesma ironia, e respondeu:

— *Merci beaucoup* — entrou no camarote e ficou, literalmente, de boca aberta. Nunca estivera naquele teatro, pois os ingressos costumavam ser restritos, e nem se fala nos camarotes. Aproximou-se da borda para olhar para o público, era gigantesco. Havia cinco níveis de galerias sustentados por enormes colunas de ferro.

Apesar de sua tremenda capacidade, estava quase cheio, exceto pelos camarotes. Tirou a capa, que entregou a Black, e sentou-se na cadeira mais no canto, para poder conversar com tranquilidade. Esperou que seu acompanhante se sentasse.

— Black, por favor, enquanto a peça não começa, pode explicar-me o que te ocorreu? — ele assentiu, olhando-a fixamente. Para Alexandra, parecia que ele não deixava de analisá-la desde que se encontraram naquela tarde.

— Olha quem está sentado no camarote em frente ao nosso — devido à distância, não conseguia ver bem a quem se referia, apenas um contorno borrado. Diante dela apareceu um binóculo, pronto para ser usado. Seu acompanhante estava com tudo. Olhou através dele, era o homem que estava jantando com Gabriel no restaurante de Black, há um tempo. Baixou o binóculo com a testa franzida e a cabeça a mil. Olhou para Black.

— Ele também é...?

— Sim, um dos pontos de encontro é meu restaurante, já faz tempo que sei disso. Por isso preciso saber o que está acontecendo. Damsworth, não costuma vir por aqui, imagino que seja porque é muito conhecido, mas em seu lugar envia este... acho que mensageiro é a palavra certa — ela assentiu, juntando todos os conhecimentos que tinha em sua mente, que eram claramente insuficientes.

— Bem, quer dizer — Alexandra sussurrou o resto no ouvido de Black, que se inclinou como se fossem um par de amantes — que Gabriel é o chefe, ela é uma espiã e este outro homem é usado para passar informações. Mas com que objetivo?

— Acredito que ele nunca deixou sua profissão. Quando ficou muito conhecido, por causa do assunto do Primeiro Ministro, fizeram parecer que sim, mas acho que ele ainda está no Serviço Secreto — olhou para o palco. — Começo a pensar que nunca esteve com Maria, não como eu pensava.

— E por que não me contou? Prefere que eu o odeie pensando que me enganou com outra?

— Não. É uma questão de lealdade ao trabalho, juraram não dizer nada a

ninguém. Investiguei, é um requisito que têm que cumprir ao entrar — ela assentiu. — A questão é se admite estar abaixo de seu trabalho em termos de importância para ele. Eu não admito. Quero ser o primeiro. Em tudo. Sou um egoísta e reconheço isso — parecia triste apesar de sua aparente resolução.

— Entendo, bem, a meu ver, isso muda as coisas. Mas o que as notas da Condessa têm a ver com tudo isso?

— Vamos descobrir, mas agora quero te fazer uma proposta.

— Nunca pensei que diria isso a um homem, mas me assusta — ele soltou uma gargalhada.

— Não diga isso, é uma mulher corajosa, nem todas fariam o que estás fazendo esta noite. Ouça, usarei todos os meios que tenho, e são bastante, para descobrir onde estão as notas, mas em troca, tenho um preço.

— Está bem, diz-me, estou tremendo, mas fale.

— Imagina que consigamos que eles dois acreditem que estamos apaixonados, não te parece que ficariam desconcertados o suficiente para cometer um erro e que seria mais fácil descobrirmos algo? Acredito que, especialmente seu Marquês, seria muito difícil continuar agindo com frieza. Dessa forma, podemos pegá-los e descobrir tudo. O que acha? — a olhou com emoção nos olhos. Ela baixou o olhar para suas próprias mãos e as observou cruzadas no colo. Suspirou, tinha razão desde o início, era um homem muito pigrioso. Olhou-o nos olhos novamente antes de falar.

— Parece-me que é a desculpa mais tola que já me deram para se vingar de alguém. Não quer que falem, quer que Maria sofra te vendo comigo.

— Sabia que era muito inteligente — fez uma careta.

— Nunca se é demais — sorriu maliciosamente, era o sorriso de sua tia.

— Então, não o faremos?

— Pelo contrário, sou má o suficiente para fazê-lo.

— Não pode dizer nada a ninguém que tudo é mentira. Pelo menos publicamente teremos que manter a aparência de apaixonados. Apesar do que pensa, tenho certeza de que terá efeito imediato neles.

— De acordo. Não se preocupe, sou especialista em — não conseguiu continuar falando porque Black a beijou de repente. Ficou quieta, esperando, sem saber o que fazer. Finalmente, sabendo que podiam ser vistos de outros camarotes, até mesmo do público, levantou as mãos para os ombros de Black e depois até sua nuca. Felizmente, foi um beijo longo, mas casto. Ele se afastou, lentamente, um pouco depois.

— Temos que nos acostumar — disse-lhe. Olhou para ver se ela estava zangada, mas Alexandra sentia-se, mais do que tudo, um pouco confusa.

— Está bem, mas agradeceria se esse tipo de demonstração de carinho fosse o mínimo possível, e que me avisasses antes — olhou para ele com desgosto. Ele assentiu.

— Nosso amigo da frente está olhando para cá com o binóculo, não! Não olhe — segurou uma das mãos de Alexandra e a beijou — quero que conte tudo a Damsworth assim que o ver — olha, a peça está começando.

Apagaram-se as luzes e o primeiro ator de Romeu e Julieta entrou. Claro que Maria Feodorovna era Julieta, e estava incomparável, além de lindíssima. Alexandra pareceu-lhe notar um pequeno titubeio em um momento da representação, quando os viu, mas era uma atriz tão boa que não se notaria. Então ainda era afetada por Black, ele contemplava a atriz ao seu lado, rígido.

— Por que escolheriam teu restaurante e o teatro para se comunicarem? Há muitas pessoas, não seria melhor a sós e na casa de algum deles? — ele encolheu os ombros.

— Imagino que estejam sendo vigiados, aqui é muito difícil pegá-los, não pode imaginar a quantidade de galerias que há, atrás do cenário.

— Entendo. E ocorreu-te algo para encontrar as notas da condessa?

— Parece-me que devo passar por certo bar para falar com o dono — olhou para o relógio — temos que ir embora se quero que dê tempo para fazê-lo. Se não o encontrar lá, perderei um dia.

— No meio da representação?

— Assim pensarão que temos pressa em ficar a sós. Convêm-nos — levantou-se e ofereceu-lhe a mão para ajudá-la a levantar-se. Saíram do camarote em silêncio e percorreram os corredores. Até chegarem à rua. Uma vez lá, dirigiram-se a carruagem de Alexandra e entraram.

— Te acompanharei até tua casa, se te convém, e lá pegarei um coche de aluguel. Na zona de Londres que vou visitar esta noite, é melhor viajar assim.

— Bem, me escreverá amanhã, com o que souber?

— Lembre-se que estamos apaixonados. Irei à tua casa com um ramo de flores, e daremos um passeio e ali te contarei tudo.

— Doces de chocolate. Flores não. Se me conhecesse de verdade, nunca me traria flores, mas também podem ser bombons...

— Meu cozinheiro faz os melhores doces de Londres, então prepare-se...

— Que deliciosos! Lembro-o que, no final, não me deu o jantar. Espero que minha tia tenha deixado algo de comida porque estou morrendo de fome. Bem, quem costuma guardá-la para mim é o Anthony, adoro esse homem — murmurou.

— Quem é Anthony? — perguntou curioso.

— O mordomo — respondeu séria.

— Ah! — naquele momento compreendeu quais eram as prioridades de sua sócia e brincou com ela. — Se quiser, podemos voltar ao restaurante para que o chef te prepare algo.

— Não! Preciso que consiga essa informação, Black, por favor — estreitou os olhos ao ver seu sorriso, pois estava rindo dela.

— Era uma brincadeira. Amanhã às 10 passarei para te ver e espero ter alguma novidade.

— De acordo — podiam brincar os dois. — Mas traga os doces, senão, nada de passeio! — Ele riu baixinho enquanto a ajudava a descer da carruagem em frente à sua casa.



Estava sozinha na sala de jantar, aguardando a chegada de Black. Tinha adormecido, algo estranho para ela, pois havia tido uma noite difícil, o que era evidente em suas tremendas olheiras. Enquanto esperava, aproveitou para tomar o café da manhã, ao mesmo tempo, fazer uma de suas listas, detalhando o que tinha para fazer durante o dia. Isso a ajudava a se concentrar e a não pensar no que não devia.

Ouviu os passos de sua tia descendo as escadas, mas continuou a anotar algumas coisas e a riscar outras em seu inseparável caderninho.

— Bom dia, querida — aproximou-se para dar-lhe um beijo.

— Olá, tia. Como dormiu? — ofereceu-lhe a face, concentrada em seus afazeres.

— Bem, muito bem, na verdade. E você?

— Também, bem — mentiu.

Sua tia a observou com olhos de águia, mas nada disse. Não havia chegado à sua idade sem aprender quando era hora de calar-se.

— Está fazendo uma de suas listas?

— Sim, tenho muito que fazer hoje e, se não me organizar, não terei tempo para tudo. Disse-lhe que o Conde irá visitar sua esposa?

— Não, mas me alegro, pobre mulher! — murmurou. — Não consigo imaginar nada pior do que morrer sozinha, abandonada pelos seus, onde nenhum ente querido vá visitá-la. Não creio que alguém seja tão mau a ponto de merecer isso.

— É muito boa tia, e muito inocente, não sabe quanto mal há no mundo — tomou um gole de café — e alegro-me de que não saiba. Hoje irei visitá-la, depois de... — teria que contar-lhe sobre Black em algum momento e ele devia estar para chegar.

— Depois de quê?

— Nada, é possível que venha um cavalheiro me buscar para um passeio.

— O Marquês? — sua tia tinha uma expressão entre emocionada e surpresa.

— Não exatamente, é Black, lembra-se?

— Não me diga que ontem foi vê-lo.

— Pois não digo.

— Alexandra! Há tempos decidi não me meter em sua vida, assim como não gostaria que se intromettessem na minha, mas não creio que esse homem... sinceramente...

— Tia, tenho 28 anos, não sou nenhuma menina recém-desmamada — assim que saiu de sua boca, percebeu que havia cometido um erro. Havia

certas palavras que sua tia não admitia.

— Que expressão mais infeliz! — comeu um pedaço de torrada com uma cara de raiva.

— Desculpe, tia, mas estou um pouco nervosa, desculpe minhas palavras — suspirou — sabe o que quero dizer. Sou adulta e, há muito tempo, tomo minhas próprias decisões, em grande parte incentivada pela senhora, se me permite lembrá-la. E já que estamos nesse assunto... o que tem contra Black, se posso saber?

— Ronda o rumor de que faz parte da máfia — sussurrou.

— Pois eu não acredito. Mas só vamos sair para dar um passeio, não se preocupe. A propósito, não creio que volte para almoçar. Quando voltar do passeio, irei ver minha cliente e depois à delegacia, creio que talvez James possa me ajudar com o assunto das notas.

— Quando o trará? Disse que o traria para almoçar um dia. Tenho ouvido tanto falar dele que gostaria de conhecê-lo.

— Lhe direi — levantou-se — vou me trocar, porque, se não, quando Black chegar, não estarei pronta para sair.

Black foi pontual, quando chegou, ela descia as escadas com um vestido rosa claro. Por cima vestia um casaco de lã combinando que sua tia lhe havia presenteado em seu aniversário, com um capuz lindo, com a borda coberta de pele de raposa branca. Sabia que o conjunto lhe caía muito bem.

Ele a observou enquanto ela colocava as luvas antes de sair, admirando sua beleza.

— Está muito bonita, Alexandra — ela o olhou com as sobrancelhas arqueadas, certa de que falava caso alguém ouvisse.

— Muito obrigada, igualmente — sua tia tossiu da sala de jantar. Alexandra revirou os olhos e sussurrou — sinto muito, tem que cumprimentá-la, senão não me deixará em paz. Leva-lhe os doces.

— Com certeza — seguiu-a até a sala de jantar, onde se saiu muito bem, era um charlatão encantador. Minutos depois saíam, deixando a idosa um pouco envergonha e sorridente, pelos elogios recebidos de Black. E pelos doces, claro. Alexandra esperava que, quando voltasse para casa, ainda restassem alguns.

Permitiu que ele a ajudasse a subir na carruagem antes de falar.

— Sabe lidar bem com as senhoras idosas — ele apenas sorriu, mostrando dentes perfeitos e brancos que contrastavam com sua pele morena, e agitou suavemente as rédeas dos cavalos. Antes de falar, esperou até estarem parados no parque, em frente ao lago Serpentine. Alexandra lhe prestava toda a sua atenção.

— Estou ouvindo — ele também virou a cabeça para observá-la.

— Inicialmente, quero garantir que esta associação é de igual para igual, nos contaremos tudo, estamos de acordo? Somos sócios e não permitiremos que ninguém se meta.

— De acordo — estendeu-lhe a mão para selar o acordo, ele a apertou

igualmente sério. Assentiu muito sério e continuou.

— Ontem estive visitando algumas pessoas que costumam estar muito bem-informadas e parece que, desta vez, também estão. Há meses ouviram dizer que alguém pagaria muito bem por qualquer informação sobre uns documentos com fórmulas matemáticas, escritos por uma mulher e considerados muito valiosos.

— Por quê?

— Não faço a menor ideia, por enquanto. Mas tenho um nome e amanhã à noite poderíamos visitá-lo.

— De acordo.

— Teremos que assistir a uma luta de boxe — parecia se divertir provocando-a.

— Muito bem.

— Ilegal — definitivamente, por sua expressão, ele estava se divertindo muito.

— Ótimo. Tem algum outro impedimento para eu não ir? — ele continuou sorrindo.

— Não. Gosto de você, Alexandra Wallace. E você? Há algo que queira me contar?

— Não, se está se referindo a informações, não tenho nenhuma, mas depois vou visitar a Condessa. E James Brown, um amigo policial de quem pedirei informações.

— Sim, aquele com quem faz as investigações. Leio os jornais — esclareceu quando ela o olhou, surpresa por ele conhecer seu nome.

— Sim, tive muita sorte. É o único que encontrei que não tem nenhum problema em trabalhar comigo. Não posso acreditar que, no século XIX, as mulheres ainda tenham que lutar tanto para serem consideradas iguais. Mas James tem a mente aberta, felizmente.

— Sim, não será que ele gostaria de ter algo a mais contigo?

— De jeito nenhum! — descartou a ideia imediatamente, embora sua tia também já tivesse mencionado, surpresa pelas facilidades que lhe dera desde que se conheceram.

— Tudo bem, tudo bem. Vamos dar um passeio pelo parque para que nos vejam? Terá que fazer cara de apaixonada, agora parece que quer analisar minha contabilidade — ela riu muito, sempre apreciava o senso de humor.

Ao voltar para casa, sem perder tempo, vestiu um casaco mais discreto. Afinal, não estava indo a uma festa, e pegou um coche de aluguel.

Ada estava sozinha, exceto pela vizinha, que voltava a estar com ela. Entrou no quarto devagar, já que lhe disseram que talvez estivesse dormindo.

— Olá — estava acordada e olhava um livro, embora mal conseguisse segurá-lo com as mãos. Sorriu com cansaço. Alexandra aproximou-se dela e sentou-se na cadeira ao lado de sua cama.

— Como se sente hoje?

— Um pouco melhor, o Dr. Sweets encontrou algo para a dor que faz me

sentir melhor. Hoje é um bom dia.

— Bem, me alegre. Por enquanto, não lhe trago boas notícias, mas estou trabalhando nisso. Seu marido veio?

— Sim, ontem. Estou muito feliz que ele tenha vindo, pude pedir-lhe perdão por tudo o que aconteceu. Ele foi muito generoso comigo depois do que lhe fiz. Sabendo que me perdoa, morrerei mais tranquila. Agradeço-lhe, Alexandra.

— Não me agradeça. Queria fazer-lhe uma pergunta, algo que me preocupa, mas só o farei se achar que está suficientemente forte.

— Sim, diga-me, não se preocupe — seus olhos estavam um pouco mais claros.

— Sabe de outra finalidade que poderiam ter as notas, além da máquina do professor Babbage? — a mulher ficou pensativa por longos minutos até que seu olhar se iluminou, lembrando...

— Não, a menos que... é uma bobagem, mas uma vez, o professor Babbage me disse que minhas notas eram perfeitas como base para criptografar mensagens — sorriu observando a expressão de ignorância de Alexandra — sabe como funcionam os algoritmos?

— Não tenho ideia.

— Bem, digamos que duas pessoas tenham a mesma folha com minhas notas, que seria uma espécie de chave, ambas poderiam ter uma mensagem sem sentido e com essa folha, em poucos minutos, poderia traduzi-la. Embora não fosse o propósito para os quais foram criados. Isso é pura teoria, na verdade, não sei para que alguém iria querer enviar mensagens cifradas nos dias de hoje.

— As mensagens poderiam ser acessadas por qualquer um, e sem as suas notas, seríamos incapazes traduzi-las? E poderíamos imaginar que essa mensagem fosse algo bem diferente?

— Claro, meus algoritmos são complexos, sem minhas notas seria impossível decodificá-los. Descobriu algo, Alexandra? Lembro-lhe que não tenho muito tempo — tentou brincar, embora percebesse que não tinha forças para fazê-lo.

— Ainda não. Mas tenho uma ideia, já sabe que seu marido não está com as notas.

— Sim, ele me confessou tudo. Então aquela atriz não as tinha em seu poder?

— Ao que parece não, mas não se preocupe. Vou encontrá-las, sou tremendamente teimosa.

— Confio em você.

— Uma última pergunta e a deixarei descansar. Utilizar suas notas e codificar mensagens, qualquer um pode fazer ou tem que ser alguém especializado?

— Não, qualquer um não, primeiro, imagino, seria necessário criar uma rotina de decodificação. Ou seja, outro matemático teria que projetar uma

espécie de roteiro, para que, ao codificar e decodificar, ambas as partes o sigam e o resultado seja o mesmo, não sei se me explico bem.

— Sim, perfeitamente, e qualquer matemático poderia fazer isso?

— Não — sorriu — talvez três ou quatro que eu conheça, incluindo a mim mesma, desculpe pela falta de humildade.

— Prefiro a sinceridade à humildade. Desses matemáticos, algum é britânico?

— Claro, o professor Charles Babbage, meu mentor — Alexandra se recostou na cadeira como um cão que tivesse farejado uma pista. Assentiu com um rosto impassível, mas seu instinto havia despertado.

— Já vou, Ada, descanse. Assim que souber de algo novo, voltarei a visitá-la.

— Obrigada por tudo, Alexandra.

— De nada, até outro dia.

Saiu do quarto em direção à rua, despedindo-se da outra mulher com a mão. Indicou o endereço ao cocheiro e subiu no coche, tentando se recuperar do espanto.

A próxima parada foi na delegacia, ao descer, ainda estava em dúvida sobre o que diria a James, mas falar com ele costumava ajudá-la a pensar. Era um bom amigo, e sabia que podia contar com ele.

A delegacia estava estranhamente calma, o sargento de plantão a saudou acenando com a cabeça, já a conheciam. Dirigiu-se diretamente ao escritório de James. Ele estava sentado entre um monte de papéis, e levantou o olhar, carrancudo, ao ouvir a porta se abrir. Quando a viu, sorriu ao se levantar para cumprimentá-la.

— Mas bem, parece que o dia melhora um pouco, e na hora do almoço — apertou-lhe a mão, mas ela lhe deu um beijo na bochecha.

— Sim, decidi ser magnânima e convidá-lo para almoçar. Na taverna que têm aqui ao lado — fez um gesto condescendente que qualquer rainha teria invejado. James riu muito, pela primeira vez naquela manhã.

— E como decidiu reunir-se com os pobres mortais? — ele zombou enquanto abotoava o botão superior da camisa, ajustando a gravata e colocando o casaco e o chapéu.

— Demora dez segundos para estar preparado? — ele encolheu os ombros.

— Acostume-se.

— Precisava falar contigo, e assim não come sozinho, o que acha?

— Vamos, antes que meus companheiros saiam e não tenhamos lugar para nos sentarmos. Estou cansado de comer de pé no balcão.

Fez um gesto com a mão para que ela o precedesse. Saíram da delegacia e viraram à esquerda na mesma rua, dobrando na próxima esquina. Lá estava a única taberna onde Alexandra havia entrado, Botón de Ancla. Não sabia o motivo desse nome, já que o dono, segundo James, era um antigo policial e não estavam perto dos cais.

O medo de James era infundado, pois havia várias mesas livres.

Escolheram uma, a mais afastada das outras, para terem um pouco de tranquilidade. O barulho das refeições já começava. Uma vez instalados e as bebidas pedidas, James esperou que ela falasse. Decidiu ser prudente.

— Preciso te fazer umas perguntas — observou seu rosto tranquilo, transmitindo-lhe confiança e respeito, nunca havia trabalhado com um policial, e não o faria se não fosse por ele. Sempre lhe estaria agradecida por isso.

— Claro, diga — deu um gole na sua cerveja enquanto a ouvia.

— Preciso saber se te soa algo o nome de Ada Lovelace.

— Claro, a filha de Byron, não é? — ele parecia surpreso com a pergunta.

— Sim, mas sabia que é matemática, e que escreveu uma série de fórmulas para fazer funcionar uma máquina?

— Que máquina?

— Uma que foi inventada pelo professor Charles Babbage.

— Ah, essa! Creio que li algo nos jornais, há anos. É uma espécie de máquina do futuro, que pode seguir ordens. Mas havia problemas para construí-la.

— Ouça, estive investigando — ela tirou seu livrinho de anotações para ler, literalmente, algumas partes — mas tenho que ler porque senão, não saberei te explicar bem: Charles Babbage concebeu uma máquina de propósito geral, a que um usuário qualquer pode ordenar que execute um repertório de instruções na ordem desejada. A máquina é capaz de armazenar 1000 números de 50 dígitos cada um, mas ainda não pode ser construída pois não existe, até o momento, a tecnologia suficiente. Poderia chegar a realizar qualquer tipo de cálculo, não apenas os referentes a tabelas logarítmicas ou funções polinomiais.

James a olhava como se falasse em outra língua.

— Já sei, não se entende metade. Imagina-se que é capaz de resolver, por si mesma, centenas de enunciados de todo tipo de fórmulas matemáticas. O operador da máquina não precisa saber resolver as fórmulas, apenas tem que inserir os dados. Não sei, para mim parece incrível.

— Está bem, entendo, mas se não se pode construir... — ele encolheu os ombros novamente.

— Sim, é verdade, mas isso não é o que queria te dizer. Sabe, para que essa máquina funcione, precisa de uns algoritmos, uns parâmetros... imagino que sejam uma espécie de regras — explicou ao ver a cara de assombro do policial — eu também não entendo muito bem. Isso, precisamente, é o que Ada Byron King inventou — ela ficou em silêncio esperando.

— Mas eu pensava que a invenção fosse do professor Babbage.

— A máquina sim, mas essas instruções ou regras necessárias foram inventadas por ela. Na verdade, ela assinou as notas apenas com suas iniciais sabendo que, por ser mulher, se soubessem quem as criou, não seriam levadas a sério.

— Entendi.

— E agora vem o mais incrível, acontece que ela se separou do marido e deixou as notas em sua casa. E agora, que está muito doente, quer recuperá-las. O marido as deu a outra mulher, com quem mantinha um relacionamento, e ela não as quer entregar para mim. Não sei o porquê. Pode investigar ou perguntar por aí, se surgir a oportunidade, para ver se descobre alguma coisa?

— Claro. Aliás, quem é a mulher, a que não quer te entregá-las? — ele perguntou enquanto atacava sua sopa de cebola.

— Maria Feodorovna — ele deliberadamente deixou cair a colher no prato e a olhou com intenção. Ela ficou vermelha sem poder evitar.

— Não me olhes assim, James.

— E agora vai me dizer que o Marquês não tem nada a ver com isso.

— Não sei — mentiu, e continuou tomando sua sopa — sei que estão juntos.

— Estão? Eu pensava que tinham terminado há muito tempo.

— Acho que continuam juntos — pelo menos profissionalmente, embora não tivesse certeza de que Black estivesse certo.

— Bem, quanto ao que me pede... não custa nada manter os ouvidos abertos, por uma amiga.

— Obrigada, James.

Depois do almoço, dirigiu-se à Universidade de Cambridge. Uma vez lá, perguntou onde poderia localizar o professor, era fácil de encontrá-lo. E a porta do seu escritório estava aberta. Ficou surpreendida por uma pessoa tão conhecida não ter sequer uma secretária. Entrou e viu um homem mais velho com a testa desimpedida, comendo uma maçã enquanto lia o jornal.

— Professor Babbage? — ele levantou os olhos do jornal e soltou a maçã.

— Sim, sou eu, e madame, quem é?

— Alexandra Wallace — ela se aproximou para apertar-lhe a mão, ele indicou-lhe a única cadeira na sala. Estavam totalmente rodeados de cacarecos mecânicos montados pela metade, e de livros. Ela sentou-se na borda de uma cadeira empoeirada e inspirou para começar a falar.

— Venho vê-lo por parte da Condessa Lovelace — o professor mudou instantaneamente a expressão. Até então, havia sido de afável indiferença, e agora, parecia vislumbrar uma expressão de angústia.

— E como está a querida Ada? Disseram-me que estava doente.

— Está morrendo — isso o deixou paralisado, provavelmente não lhe tinham dito o alcance da doença.

— Não sabia — ele olhou para a mesa, com o olhar perdido. Depois levantou os olhos para ela — e os seus filhos?

— Estão sendo cuidados pela mãe dela. Mora sozinha, não sei se estava a par de que se separou do marido.

— Sim, sim, isso eu sabia. Uma mulher com muita má sorte, sabia que a conheci quando tinha 17 anos? Já tinha uma mente privilegiada para a matemática. Extraordinária.

— Professor, tenho que lhe fazer uma pergunta — se o deixasse divagar, pressentia que não sairia dali.

— Sim, claro, diga.

— O senhor não saberá nada sobre as notas que a Condessa desenvolveu, para usar junto com a máquina analítica que o senhor iria construir?

Então aconteceu o que menos esperava. Aquele homem de 62 anos, de aspecto erudito e bondoso, olhou para ela como se estivesse perdido e não soubesse o que responder, e começou a soluçar como uma criança.



Alexandra sabia que não era boa ideia. Era melhor ir para casa e planejar o próximo passo, mas não conseguia evitar, o sangue fervia dentro dela. Tinha que saber se o que pensava era verdade. Quando chegou à casa de Gabriel, ficou olhando a fachada por alguns minutos. Depois, com um suspiro e endireitando as costas, bateu à porta. Informou seu nome ao mordomo, que a fez entrar, sem perguntar, até a sala de jantar, onde o dono da casa estava jantando. Ele se levantou ao vê-la. Entrou para que o mordomo pudesse fechar a porta.

— Se quiser, posso esperar em outro cômodo até que termine.

— Não, quer me acompanhar? — ele se comportou com toda a educação, apesar de ser impossível que a esperasse. — Sente-se, pela sua aparência não creio que tenha passado em casa antes de vir.

— Não, passei o dia todo fora de casa. Mas não é necessário que me dê de jantar, não temos por que ser tão educados. Termine de jantar, por favor, eu esperarei. Só quero que tenhamos uma conversa tranquila. Não é pessoal, não se preocupe.

— Preferiria que fosse — ele apertou a mandíbula furioso, por sua aparência cansada. — Sente-se, não é necessário que saia, podemos conversar aqui — ele afastou o prato de comida que estava quase intacto. — Na verdade, não estou com fome. Ultimamente não como bem. Tenho certeza de que isso não acontece contigo — disse ironicamente.

— Não, mas durmo mal, algo que nunca me ocorreu antes — ela se sentou em frente a ele na longa mesa. Viu-se refletida em seu rosto cansado e seu olhar triste, mas decidiu atacar, não ia ficar pensando no que poderia ter sido, esse não era seu estilo.

— Gabriel, estive conversando com o professor Babbage — ele se surpreendeu ao ouvir o nome — não o culpe por nada, ele desabou quando contei a situação de Ada e está muito arrependido pelo que fez. Principalmente agora, que sabe que ela está morrendo.

— Sim, já me disse que ela está muito doente — sua boca tinha um amargor — então Ada é quem te contratou.

— Por que te daria alguma informação se não tem essa consideração comigo? — ele apertou a mandíbula ao ouvi-la.

— Não posso falar desses assuntos com ninguém. Sabe disso.

— Sim, já me disseram ontem — ele franziu a testa. — Escuta Gabriel, não é minha intenção colocar em perigo a tua rede de espiões, expondo os documentos da minha cliente — suspirou. — Essa pobre mulher só quer deixar algo para seus filhos e estou disposta a levar uma proposta econômica,

desde que seja generosa. Quero uma pensão vitalícia para cada um dos filhos — ao ver sua expressão, esclareceu — quanto às condições, se achar necessário, falarei com outra pessoa.

— Não há outra pessoa, tem má sorte. Terá que negociar comigo.

— Não há nada para negociar. Ela lhe cede, por escrito, a propriedade dos documentos e, em troca, seus filhos recebem essa pensão vitalícia e terá que ser generosa para que possam viver bem.

— Não — ela, que ainda estava sentada aparentando tranquilidade, levantou-se de repente.

— Como assim não? Sabe o que estás dizendo? Irei a um jornal e contarei tudo. Imagino que isso colocará em risco o trabalho tão importante que você e sua amante fazem — seu olhar fulminante dizia que, se pudesse, não sairia vivo da sala de jantar.

— Não sabe como me excita que me olhe assim, achas que me assusta e o que consegue é me excitar. Sinto vontade de te levar para a cama mais próxima — ele se levantou e aproximou-se dela, o suficiente para que pudesse ver em seus olhos que o que dizia era verdade. — Está bem, darei a cifra que quiser para os filhos, me parece justo. Estou autorizado a fazê-lo. Em troca, quero duas coisas — ela semicerrou os olhos.

— O quê?

— Fica esta noite, sem perguntas. Não falemos de nada disso, será um parêntese que se repetirá ou não, mas aproveitemos esta noite. E a segunda, quero saber qual é a tua relação com Black.

— A relação que eu mantenho com Black não é assunto teu, assim como a tua com outras mulheres, como demonstrou, não é assunto meu. Quanto ao de esta noite, não posso, mas te dou minha palavra de que virei amanhã.

— Não, é esta noite ou nada. E sobre Black falaremos mais tarde, talvez esta noite não seja a mais adequada para isso — ela o enfrentou, com as mãos no quadril.

— Seria capaz de não fazer o acordo, só porque não nos deitaremos esta noite? — sua voz soou indignada.

— Sim, faria — ele também estava indignado, talvez com si mesmo. Mas não lhe havia deixado outra saída, era uma medida desesperada diante dos acontecimentos.

— Está bem, ficarei, deixe-me enviar um bilhete para minha tia — ele assentiu surpreso porque não acreditava que aceitaria.

Tinha muito má opinião dele se pensava que deixaria essas crianças desamparadas, agora que conhecia a situação real da mãe. Mas se aproveitaria do que fosse para ela que não lhe escapasse novamente. Não permitiria mais que se separasse dele, embora ela ainda não soubesse disso. Depois de mandar sua carruagem de volta para casa com um bilhete para sua tia, contando uma história sobre a investigação que duvidava que ela acreditasse, virou-se para Gabriel e exigiu.

— Bem, vai me dar de jantar ou não? — ele falou com o mordomo, e

colocaram mais um prato na mesa, mas ela, que devido à tensão, começava a doer de novo a cabeça, quase não comeu. Gabriel a olhou surpreso.

— O que tem?

— Está começando a doer-me a cabeça, ultimamente acontece-me frequentemente — ela reclinou-se na cadeira um momento, fechando os olhos. Ouviu Gabriel se aproximar, mas pensou que iria à porta para pedir algo ao mordomo. Sentiu suas mãos no pescoço primeiro, tateando, acariciando.

— Deixe-me, Gabriel, dói-me muito — endureceu seus músculos preocupada de que ele lhe fizesse mal.

— Fica quieta um momento, quero ver se posso fazer com que relaxe um pouco os músculos, tem o pescoço muito rígido. Incline-se levemente para frente — ela o fez e deixou-se massagear. Embora fosse doloroso, ao mesmo tempo sentia certo relaxamento, por onde os fortes dedos do homem passavam.

— Onde aprendeu a fazer isso?

— Fazendo em mim quando algum músculo tensionava. Anos atrás, eu costumava jogar futebol e muitas vezes acabava com uma lesão. Esta era a única maneira de poder andar, mais ou menos normalmente, no dia seguinte. Acho que começa a haver profissionais que dão massagens desse tipo.

— Sério?

— Sim, embora para fazê-lo bem, devia estar deitada — arriscando-se a se machucar, girou totalmente o pescoço para olhá-lo.

— Não tenho certeza, mas é uma das desculpas menos críveis que me deram para que me deite com um homem.

— E, claro, te despir — continuou ele como se ela não tivesse falado — tenho um óleo que poderia passar pelo seu pescoço e depois por todo o corpo. Não se arrependeria.

— Gabriel, não sou idiota — havia ficado vermelha só de pensar no prazer de estar nua, e ele acariciando seu corpo, untando-o com óleo.

— Façamos um trato. Se não estiver melhor quando terminar contigo, te prometo que cada um dormirá em um quarto. Façamos uma trégua esta noite — se olharam, com uma estranha combinação de medo e excitação.

— Está bem — a sensação de suas mãos na pele era maravilhosa. Se além disso aliviasse sua dor de cabeça, seria perfeito. Claro que ainda estaria zangada com ele.

— Bem, subamos, creio que o fogo do meu quarto já estará aceso.

Quando estavam no quarto Gabriel acendeu uma lâmpada de gás, mas ela ficou um pouco envergonhada.

— Por favor, não coloque mais luz, Gabriel — ele pareceu que objetaria algo, mas sua expressão fez com que aceitasse.

— Está bem — apagou a lâmpada e se aproximou dela. Tomou-lhe a mão e a colocou diante do fogo. Ela lembrou de outro momento, tão diferente... Por um momento duvidou do que fazia ali. Não era uma mulher que se deixasse pressionar por ninguém, mas a quem queria enganar? Precisava estar com ele,

pelo menos uma vez, antes de se despedir. Tudo havia sido muito rápido. Sabia perfeitamente que nunca conseguiria apagá-lo de seu coração, pelo menos não totalmente. Depois dessa noite, estava disposta a recomeçar e se dar uma chance de ser feliz, sem ele, e que tentaria ser mais generosa consigo mesma.

Gabriel a despiu, como se estivesse desembrulhando o melhor dos presentes. Com delicadeza, de vez em quando, em algum lugar, deixava um beijo. Alexandra não conseguia protestar. Já nua, ele a levou para a cama, onde fez com que se deitasse o mais perto possível da borda, de bruços. Ele, por sua vez, tirou o casaco e a gravata e arregaçou as mangas da camisa. Desapareceu atrás de uma porta, trazendo uma toalha e um frasco com uma substância oleosa. Cobriu seu corpo da cintura para baixo com a toalha e desenhou sobre suas costas algumas linhas com o óleo, que depois deixou na mesinha. Então começou a massagear seu corpo, começando pelo pescoço, que ainda estava muito dolorido. Pressionou na parte baixa da cabeça, fazendo-a gemer de dor no início e depois de prazer. De repente, veio-lhe ao nariz um cheiro muito conhecido. Lavanda.

— Gabriel, não posso acreditar que tenha óleo de lavanda.

— Tinha esperança de que me deixasse te dar uma massagem um dia.

Não tinha nada a ver com o que lhe fizera na sala de jantar. Aqui Gabriel usava toda a sua força quando era necessário, às vezes até causando-lhe alguma dor para conseguir que os músculos relaxassem. Meia hora depois, Alexandra pensou que aquilo era mais prazeroso do que o sexo; ele tinha esfregado sua parte traseira, braços, pescoço, diminuindo a intensidade cada vez mais, até que aquilo já não era uma massagem, mas carícias cada vez mais suaves que quase a deixaram dormir.

— Vira-se, Alexandra.

Fez isso sonolenta. Com as mãos oleosas e quentes pela fricção contínua, ele abarcou seus seios, massageando-os com suavidade, e puxando seus mamilos fazendo com que ela gemesse e o olhasse excitada. Ele se afastou para despir-se, Alexandra o observou fazer isso, curiosa. Nu, voltou para junto dela. Os lábios de Gabriel se fecharam nos dela, famintos, devoradores, ardentes. Sua língua entrou com urgência em sua boca e encontrou a dela. Ela jogou os braços em seu pescoço e perdeu qualquer pensamento racional, sentindo uma explosão de alegria e prazer nas veias. Em seguida, Gabriel se colocou sobre ela e introduziu as pernas entre as dela.

Foi uma penetração brusca e violenta. Ela gritou, arqueou as costas cravando as unhas em seus ombros. Seu pênis estava tão quente e duro, que quase lhe produzia dor ao entrar em seu corpo. Ele ardia de necessidade, seus músculos estremeciam ao penetrar cada vez mais profundo, em toda sua extensão. Sua boca se apoderou da dela, silenciando seus gemidos à medida que a excitação a inundava. Nunca tinha lhe acontecido nada parecido, ele a desejava mais do que a qualquer outra. Ela não conseguia pensar em nada além do que estava sentindo naquele momento, estava dentro dela até o fim,

como uma presença opressiva e transbordante. Terminou tão rápido quanto tinha começado, os dois geraram de prazer, como se tivessem descarregado a frustração que carregavam dentro de si.

Gabriel enterrou a cabeça em seu ombro e estremeceu de alívio, como se não pudesse suportar um instante mais separado dela. Aquele não era o Marquês de Bute que todos conheciam, régio e disciplinado. Era apenas um homem com um apetite incontrolável por ela. Era sua fraqueza. Se considerava um homem controlado, mas naquele momento, não conseguia se controlar. Alexandra acariciou as costas dele com as mãos, sentindo os fortes músculos sob a pele.

— Não teria sido melhor irmos um pouco mais devagar? — murmurou com um sorriso. — Ele levantou o rosto e esboçou um sorriso de tristeza. Apoiou-se nos cotovelos, adotou uma posição mais confortável sobre ela e a beijou nos lábios.

— Sou um homem desesperado. Assim que posso tocá-la, preciso estar dentro de você o mais rápido possível, antes que mude de ideia. — Aquelas palavras a surpreenderam, pois apontavam para uma vulnerabilidade, uma necessidade, que jamais tinha suspeitado que pudesse sentir por ela. Sabia que a desejava, mas ali parecia haver algo mais, mas ele não a deixou continuar pensando. Moveu-se novamente, lentamente, o que desencadeou um pequeno motim em suas terminações nervosas. Ela soltou uma leve exclamação e levantou as pernas para abraçar-lhe os quadris.

— Por que mudaria de ideia? Tomei minha decisão — conseguiu dizer.

— As coisas não são fáceis entre nós. — Também não eram fáceis naquele momento. Havia tensão, dor e incerteza, uma atração sexual explosiva e, às vezes, bastante hostilidade, provocada pelo choque entre duas personalidades fortes. Não havia nada sereno naquela relação, nem nunca houve. Ela deslizou os dedos entre os fios de cabelo de Gabriel, segurando-o, ao mesmo tempo em que levantava o quadril e começava a mover-se por conta própria. O corpo inteiro de Gabriel ficou tenso, e seus olhos arderam, embora fossem, praticamente, negros. Pareceu perder a capacidade de respirar. Ela, atenta, repetiu o movimento, levantando-se para absorvê-lo dentro de si e contraindo todos seus músculos internos para retê-lo, sugá-lo com seu corpo. Um áspero grunhido saiu da garganta dele.

— Onde aprendeu a fazer isso?

— Sou uma leitora incansável de todo tipo de livros. Tinha curiosidade para saber se haveria algum que descrevesse técnicas para fazer amor. E existem, aos montes, minha tia tem alguns.

— Adoro tua tia — em agradecimento, repetiu o movimento, até que nenhum dos dois pudesse mais resistir à nova avalanche de prazer.

Despertou em seus braços, na manhã seguinte. Permaneceu deitada e em silêncio, ainda sonolenta, entre a vigília e o sono. Estava encolhida sobre seu lado esquerdo. Gabriel era um muro sólido às suas costas, com as pernas entrelaçadas nas suas e um braço descansando sobre seu quadril. Sentia o

calor de sua respiração no ombro. Talvez nunca mais ficasse assim com ele. Aquela revelação a impressionou fortemente. Não viu o relógio, mas quase amanhecia, o céu começava a clarear. Sentia-se estranhamente contente por estar exatamente onde estava. Todo seu corpo estava relaxado, satisfeito, bem usado. Os lábios de Gabriel roçaram levemente sua nuca. Ela se encolheu um pouco mais contra ele e suspirou de prazer.

A ereção matinal de seu amante a empurrou por trás, insistindo contra suas nádegas. Tentou se virar, mas ele a manteve em seu lugar com um murmúrio, e ajustou sua postura para guiar-se entre suas pernas. Arqueou as costas para oferecer-lhe um melhor ângulo. Gabriel colocou uma mão em seu estômago para segurá-la e empurrou. Foi penetrando lentamente, Alexandra estava suave, úmida, mas as posições de ambos faziam com que seu corpo cedesse, a contragosto, àquela intrusão. Respirou pela boca, tentando manter-se relaxada. Tendo as pernas juntas, não havia muito espaço dentro de si. Sentia-o enorme, dilatando sua carne até o limite. Era uma sensação que beirava a dor, mais precisamente por isso era tão excitante. Jogou a cabeça para trás, contra seu ombro, lutando para suportar. Mais um centímetro, e soltou um gemido. Ele ficou imóvel.

— Está doendo? — Sua voz era grave, turva pelo sono e pelo desejo. Ela não sabia. Talvez.

— Sim, mas não pare — sussurrou. Ele subiu a mão direita até seus seios e começou a puxar levemente seus mamilos, como havia descoberto que ela gostava. Isso acendeu uma chama, que aumentou quando apalpou um deles com sua mão. Era assustador ver o quão rápido aprendia tudo, como gostava de ser acariciada. Tinha centrado sua atenção nela de tal forma que não escapava o menor detalhe de sua respiração. Após duas noites, conhecia seu corpo tão bem quanto ela mesma. Deslizou o braço esquerdo por baixo dela, para rodear sua cintura e descansar uma mão sobre seu púbis. Em seguida, introduziu o dedo médio e pressionou levemente o clitóris. Não o esfregou, apenas pressionou, deixando o dedo lá. Então, começou a empurrar com movimentos lentos e longos, fazendo com que o corpo dela avançasse e recuasse contra seu dedo. Ela gritou e se contorceu sob aquele tremor de prazer. Gabriel sussurrou algo reconfortante para acalmá-la e retomou os movimentos.

— Desejei-a desde a primeira vez que a vi — murmurou. — Meu Deus, como desejei! — Sua mão direita subia e descia pelo peito de Alexandra. — Estive separado de você por meses. Quando estivemos juntos na outra noite, foi como entrar no paraíso, para depois me enviar ao inferno. Mas não permitirei que se afaste novamente. Resolveremos tudo, Alexandra, só preciso de uma oportunidade. — Ela o ouvia pela metade, imersa em um prazer crescente. — Agora é minha, Alexandra. Minha. — Ela estava atordoada.

Gabriel, então, retirou os quadris e voltou a penetrá-la em um movimento firme, sem pressa, o que contrastava com a forma como seu coração palpitava.

— Gabriel, por favor, preciso que... — gemeu, virando a cabeça tentando

olhá-lo, mas não conseguia ver seu rosto.

Ele deslizou a boca até seu pescoço, procurando o ponto exato entre o pescoço e o ombro onde o contato mais leve a fazia estremecer de prazer e uma mordida a deixava louca. Então, mordeu-a, segurando seu corpo trêmulo, tenso contra o dele. Ela gritou e tentou separar as pernas, mas ele não deixou. Alexandra estava enlouquecendo. Por melhor que fosse aquele dedo entre suas pernas, ao tê-las fechadas, o contato não era suficiente. Seus carinhos não chegavam o suficiente dentro, nem rápido o suficiente. Ele a havia levado ao ponto de ebulição com palavras e carícias, mas não permitia que ela ultrapassasse.

— Mais rápido, por favor.

— Ainda não — beijou-a novamente no pescoço. Sussurrou em seu ouvido — antes tenho que te dizer algo. Sei que pensa que isso é o fim entre nós. Nada disso, meu amor. É minha, e continuará sendo minha.

— Gabriel — balbuciou Alexandra. — Te amo. Apesar de tudo, até de mim mesma. Tenho certeza de que em breve me arrependerei de ter dito isso, mas se não começar a se mover neste exato momento... — ele riu, feliz, e obedeceu. Ergueu sua coxa segurando-a com a mão e começou a se mover mais rápido, indo mais fundo. Ela se contraiu, com as pernas tremendo, e explodiu em um violento clímax. Gabriel se juntou a ela antes que os espasmos cessassem. A manteve abraçada contra ele enquanto isso acontecia, como se temesse que ela pudesse ir embora naquele momento.

Alexandra não conseguia parar de tremer. O prazer fora muito intenso, muito prolongado, e ela ainda não acreditava totalmente nas coisas que Gabriel havia dito. E o pior, no que ela mesma havia respondido. Virou-se para ver seu rosto, e imediatamente sua expressão se tornou cautelosa. Ela conseguiu sorrir, embora seu coração estivesse batendo tão forte que mal conseguia falar.

— Não pense que poderá dizer essas coisas só quando estiver de costas para mim. — Tocou seu rosto, segurando sua bochecha na palma da mão. — Está falando sério? Um arrepio percorreu Gabriel.

— Sim. Tudo.

— Eu também, embora vá contra todos os meus princípios e as decisões que tomei para poder fazer bem o meu trabalho — comentou triste. Gabriel pegou seus dedos e os levou aos lábios. Por um momento, parecia não ter palavras.

— Vamos devagar, não espero mais do que possa me dar. Sei quem é, não lembra? Tem um trabalho a fazer, e não vou pedir que desista dele, pelo menos não completamente. Chegaremos a um acordo.

Alexandra o fitou ironicamente, embora não pudesse deixar de tocá-lo. Todas aquelas longas horas passadas na cama com ele não haviam feito outra coisa senão aumentar seu anseio, em vez de aplacá-lo. Acariciou seu peito duro como uma rocha, depositou um beijo em sua garganta.

— Concordo, vamos pensar sobre isso. Mas tenho sido muito branda

contigo. Parece-me que não posso resistir a você, deve ter um odor especial ou algo assim, que me atrai irresistivelmente — ele soltou várias risadinhas que fizeram seu peito vibrar. Adorava vê-la, tão séria, buscando uma justificativa lógica para sua mútua atração.

— Querida, se serve de consolo, não foi nada branda. Nunca é. Fez-me suar mais do que qualquer outra mulher.

— Mas serei muito rigorosa na negociação da compensação para os filhos da Condessa, quero conseguir justiça para ela. O que acha de fazermos isso agora?

— A negociação?

— Sim — sentou-se na cama, cobrindo-se com as cobertas, olhou o relógio que estava sobre a lareira. Ainda havia algum tempo durante o qual ela poderia entrar em sua casa discretamente. — Tudo bem, temos alguns minutos, vamos resolver isso. Gostaria de poder ir hoje à casa dela para dar-lhe a boa notícia.

Gabriel sentou-se, apoiando-se no cabeceira da cama, gloriosamente nu, e a encarou fixamente enquanto sorria.

— Está bem, diga-me suas condições, querida — ela não sorria, assumiu uma expressão mais séria, apesar de estar nua com a pessoa com quem teria que negociar. Precisava pensar rápido, então estabeleceu uma quantia que lhe parecia justa e, em seguida, multiplicou por dez, então transmitiu isso a Gabriel. Ele aceitou sem regatear, o que a fez franzir a testa, pensando que ele a havia enganado.

— Acho que está me enganando — ele ergueu as sobrancelhas, surpreso.

— Está brincando? Sabe que qualquer outra pessoa não teria conseguido nem um décimo disso. Agora venha e fechemos o negócio — estendeu a mão para ela.

— Apenas um beijo, Gabriel, tenho que chegar em casa logo. Minha tia fecha os olhos, mas até certo ponto — aproximou-se dele e sentou-se em seu colo, para fazê-lo calar e usar melhor a boca.

Não muito longe dali, Maria Feodorovna acordou assustada. Havia dormido muito mal naquela noite, não conseguia tirar da cabeça a imagem de Black com aquela mulher. Sabia que não era uma coincidência, e que ele queria fazer todo o mal possível a ela. Sentou-se na cama nervosa. Entreceerrou os olhos ao observar a cadeira debaixo da janela, onde normalmente deixava as roupas. Se não soubesse que era impossível, pensaria que havia um homem sentado ali. Inclinou a cabeça para ver melhor, quando ouviu o estalido típico de alguém acendendo uma lâmpada. Seu coração começou a bater descontroladamente, estava muito assustada. Quando o viu, quase o matou. Levantou-se da cama, sem se importar que estava usando uma camisola leve, para enfrentá-lo.

Black havia usado suas antigas habilidades para entrar em seu quarto e vê-la dormir. Ele já havia feito isso outras vezes, mas ela nunca havia acordado. Dessa vez, tinha tido um pesadelo e o havia visto contra a luz. Caso contrário,

teria ido embora sem que ela percebesse. Ele a observou se aproximar com seus olhos de bruxa, aqueles cachos escuros movendo-se como se tivessem vida própria, e suas longas pernas. Sonhava com elas se enroscando ao redor de seu quadril enquanto faziam amor. Ninguém havia feito ele se sentir como aquela bruxa mentirosa. Imaginava que merecia. Ele havia pulado de cama em cama até encontrá-la. Tinha encontrado seu par.

— Como ousa entrar no meu quarto? — Quando ficava zangada ou assustada, era o único momento em que seu sotaque russo era perceptível.

— Preciso fazer algumas perguntas e pensei que seria melhor que não nos vissem juntos — sorriu maliciosamente — Ou quer chamar o Marquês para que esteja presente? — ela empalideceu ao ouvi-lo, mas não mudou sua expressão.

— O que quer?

— Que me diga quem tem os documentos pelos quais Alexandra Wallace perguntou, os que foram escritos pela filha de Byron.

— Black, por favor, não posso lhe dizer nada. Se veio por isso, está perdendo seu tempo — ela se virou e pegou seu roupão de um cabideiro, depois o vestiu calmamente, mas ele viu sua expressão, estava assustada. Levantou-se para se aproximar dela. Tirou o casaco e a jaqueta.

— O que estás fazendo? — sua voz saiu abafada.

— Me colocando em pé de igualdade para o interrogatório — ela recuou assustada, mas ele a segurou pelo braço, aproximando-a de seu corpo. Beijou-a como sempre fez, tomando tudo o que encontrava como se fosse seu, porque era, os dois sabiam. Não importava se ela tinha dormido com outros homens ou não. Ela, após alguns momentos, não conseguiu mais se negar e pôs as mãos em seu pescoço para atraí-lo para ela. Então ele se afastou.

— Maria, quem tem os documentos? — ela o olhou aturdida, tentando trazê-lo mais para perto dela. Ele resistiu, até perceber que ela estava começando a se irritar e se afastaria, então perderia tudo. Seria uma noite longa, talvez infrutífera, mas muito prazerosa.



“Sombra”, como era conhecido nos recantos obscuros de Londres, viu Alexandra Wallace sair da residência do Marquês de Bute acompanhada por ele, e embarcar em uma carruagem, confirmando suas suspeitas. Aquele romance, apesar de tudo, servia aos seus propósitos, pois finalmente havia descoberto o ponto fraco do Marquês. Agora todos pagariam.



Apesar de não ter dormido e estar terrivelmente cansada, estava de excelente humor. Por pouco, conseguiu se arrumar a tempo para acompanhar sua tia no café da manhã. E isso que havia tomado banho na casa de Gabriel. Sua tia sorriu, feliz por vê-la melhor.

— Bom dia, querida! — levantou-se para beijá-la e voltou a sentar-se junto dela à mesa, precisavam conversar e começou assim que ficaram sozinhas.

— Tia, queria falar contigo, antes que me pergunte sobre ontem à noite. Te mandei uma nota dizendo que não viria por causa da investigação, mas era mentira, passei a noite com Gabriel — sussurrou. Sua tia a olhou perplexa, mas não pela mentira, como logo percebeu.

— Realmente achou que eu iria acreditar nisso? Surpreende-me, Alexandra. Sei perfeitamente que estive com ele ontem à noite, assim como na outra noite em que faltou também — agora quem estava surpresa era ela, que não soube como responder — e me surpreende que me considere tão tola. Lembre-se que já tive a sua idade, e não fui completamente feia — a última frase foi dita intencionalmente, embora fosse desnecessária, pois ela já sabia há muito tempo que, apesar de nunca ter se casado, Margaret teve seus romances, como era lógico. Agora a observava atentamente, pois, com toda a confusão que teve nas últimas semanas, não havia prestado muita atenção em sua tia, mas ela parecia muito feliz. Talvez até demais.

— Tia, posso perguntar algo? — mas Margaret a conhecia perfeitamente e imaginou o que queria.

— Não, prefiro não falar sobre esse assunto — Alexandra levantou as mãos em sinal de paz.

— Está bem, está bem, só tinha curiosidade.

— Pois vai ficar na curiosidade porque é um assunto privado. Passe-me os ovos, por favor. A propósito, como vai sua investigação?

— Bem, muito bem, com muito trabalho. Primeiro, tenho que ir à casa da Condessa para dizer que consegui uma pensão vitalícia para seus filhos, pelo menos não terão problemas financeiros — continuou comendo às pressas.

— Que ótimo, Alexandra! Resolveu isso muito rapidamente, não?

— Sim, tive sorte. Estou muito feliz — levantou-se engolindo o último

pedaço de torrada com um gole de café — bem, vou indo, pois quero dar a notícia o mais rápido possível. — Sentia um pouco de remorso por estar tomando café da manhã tranquilamente, enquanto Ada Byron estava agonizando em sua cama esperando notícias.

— Está bem, filha, vá. Te espero para o almoço?

— Sim, tenho que visitar Black, irei ao restaurante, mas acho que dará tempo de voltar para o almoço. Se não, te mandarei uma nota — beijou a bochecha de sua querida tia e aspirou carinhosamente seu cheiro.

Desta vez coincidiu com o Dr. Sweets na casa, praticamente chegaram juntos. Deixou-o passar primeiro para ver a paciente e, quando saiu, ela entrou. Estava visivelmente pior do que no primeiro dia em que tinha a visitado, e ficou impressionada com a deterioração de seu corpo desde o dia anterior. Não sabia que isso fosse possível em apenas um dia. O Dr. Sweets já lhe havia dito que não achava que aguentaria mais do que alguns dias, e para que não a fizesse falar muito. Quando se sentou ao seu lado, tinha os olhos fechados, pelo menos parecia não estar com dores.

— Ada, está dormindo? — negou com a cabeça como se lhe custasse falar, mas abriu os olhos e virou um pouco a cabeça. O suficiente para vê-la.

— Tenho que falar contigo, não precisa dizer nada, tudo bem? — ela assentiu.

— O governo concordou em conceder uma pensão vitalícia, para cada um de seus filhos, de 20.000 libras anuais, porque estiveram utilizando seus documentos com a finalidade que me disse — decidiu não mencionar a intervenção que o professor teve em tudo, para não a machucar mais — e seus filhos não terão, nunca, graças a você, nenhum problema financeiro. Devido à sua situação com o Conde, e ao fato de estarem morando com a avó, pensei que talvez gostaria que alguém de sua confiança cuidasse do legado até que fossem maiores de idade. A quem quer nomear para cuidar de tudo enquanto forem menores? — a mulher parecia um pouco angustiada com a pergunta — talvez sua mãe?

— Não, ela... não, não é confiável com o dinheiro, assim como eu... — falava com muita dificuldade — eu também não fui. Agora mesmo não sei quem pode ser a pessoa mais adequada. Não conheço ninguém.

— Quer que volte um pouco mais tarde para me dizer? Além disso estão preparando um documento, que deve assinar, para ceder suas notas em troca do dinheiro para seus filhos — Ada assentiu novamente, mais tranquila ao saber que não precisava tomar essa decisão naquele momento. No entanto, disse algo, quando Alexandra estava prestes a abrir a porta.

— Alexandra, muito obrigada, e não venha muito tarde. Não acho que seja capaz de aguentar muito tempo — confessou com um sorriso trêmulo. Alexandra assentiu, e, assim que a porta se fechou, parou de conter as lágrimas. Era uma situação extremamente triste. Uns braços desconhecidos a acolheram com carinho, no começo ela se assustou, até reconhecer o médico. Deixou-se levar por alguns segundos e depois se endireitou devagar para que

a soltasse.

— Obrigada, doutor.

— Eu achava que tínhamos combinado que me chamaria de Robert.

— Robert, sim, está certo, desculpe, não pude evitar.

— Não há nada para desculpar, não seria humana se uma situação tão trágica não a afetasse. — Caminharam até a porta e, uma vez fora, deu-lhe um beijo na bochecha como tinha feito com sua tia, e subiu na carruagem. Tinha muitas coisas para fazer e pouco tempo.

Felizmente tinha combinado com Gabriel a uma hora e tinha tempo para passar no The Clerk antes. Como imaginava, Black ainda não tinha chegado, então deixou uma nota em um envelope fechado:

Black:

Não continue investigando, não é necessário, vim te contar as novidades, mas não posso esperar. Tenho que recusar o convite de hoje à noite, mas está tudo resolvido. Quando quiser marcar um encontro, me mande uma nota, e ficarei feliz em esclarecer tudo.

Obrigada por tudo, foi um prazer conhecê-lo.

Alexandra

Sabia que soava como uma despedida, mas era como se sentia depois da noite que passou com Gabriel. Havia coisas que precisariam esclarecer, e questões em que teriam que encontrar um meio-termo, mas a verdade era que estava totalmente apaixonada por ele. Aquela noite havia sido uma mudança para ela. Tinha sido capaz de dizer que o amava. Depois de ter feito isso, o resto foi mais fácil.

A delegacia de James ficava perto, então decidiu dar uma passada, já que não podia permitir que dedicasse nem um minuto a uma investigação desnecessária. O encontrou, como sempre, entre papéis, em seu escritório. Sorriu ao vê-la e se levantou para cumprimentá-la.

— Alexandra! Como vai tudo? — fez uma cara triste. — Sinto ter que dizer que, ainda, não tenho notícias para você.

— Não se preocupe, é sobre isso que eu queria falar, posso me sentar um momento?

— Claro, entre — a guiou até a cadeira em frente à dele, e a olhou atentamente, como sempre.

— Veja, não posso te explicar tudo, mas, no final, consegui chegar a um acordo com aqueles que estão utilizando os documentos. É o que minha cliente queria, e todos estão contentes.

— Mas não entendo, se os tinham roubado... — parecia desconcertado.

— James, digamos que, se fizéssemos uma denúncia, nunca prosperaria. Entende? — era o máximo que podia dizer. Tinha chegado a um acordo com Gabriel que a proibia de dizer para que serviam os documentos. Ele lhe

assegurou que qualquer comentário sobre isso colocaria em perigo a vida dos agentes britânicos que operavam por toda a Europa.

— Entendo, quer dizer que por trás está o Ministério do Interior, que significa o Marquês — ela o olhou franzindo a testa, mas sem dizer nada — tudo bem, entendo Alexandra, se conseguiu o que sua cliente precisava, é o mais importante.

— Sim, preciso ir. Só vim para que não dedique tempo a este assunto porque já está resolvido.

— De acordo. Muito obrigado por vir tão rápido me contar. Espero te ver em breve — observou fixamente enquanto ela se levantava e colocava as luvas.

— Claro que sim — ele se levantou e se despediram, depois ela saiu do escritório.

Dirigiu-se novamente à casa de Gabriel. No início disse que seria mais profissional tratar daquele assunto no Ministério do Interior, mas ele sorriu sarcástico e respondeu que não queria vê-la por lá. Estava convencido de que no primeiro dia que fosse, sairia de lá com um trabalho. E não estava disposto a isso.

Tinha tudo pronto, só surgiu um problema com o tema do tutor para os menores, porque ele não queria deixar o espaço em branco. Além disso, se recusou a assinar o documento antes que Alexandra o levasse para que Ada o assinasse. E foi inflexível nisso.

— Se quiser, irei contigo até a casa da Condessa e resolveremos lá. Além disso, prefiro que não passe por tudo sozinha — guardou os documentos em uma pasta fora de seu alcance e indicou-lhe a porta. Ela fez beicinho, mas o obedeceu.

— Tinha combinado com ela esta tarde, mas imagino que seja melhor ir o mais cedo possível. Ela está realmente mal — suspirou olhando pela janela da carruagem. Gabriel segurou sua mão e a manteve entre as suas, sem dizer nada.

— Como ela está? — ao chegar perguntou com medo à vizinha que cuidava dela, depois de apresentar a Gabriel. Se chegasse tarde, não se perdoaria.

— Igual — Alexandra assentiu e fez um gesto para que ele a seguisse. Respirou fundo antes de abrir a porta, e entraram.

Ela tinha piorado de cor e respirava mais superficialmente, e Gabriel apertou a mandíbula com força ao vê-la, provavelmente não imaginava que seu estado fosse tão grave, apesar do que Alexandra lhe havia dito, ela sentou-se ao lado da cama e pegou a mão da Condessa.

— Ada, escute, estamos aqui com os documentos — abriu os olhos com aspecto de cansada e, apesar de tudo, sorriu — poderá assinar?

— Acho que sim — sussurrou.

— Está tudo preparado, só falta nos dizer a pessoa que quer que administre o legado de seus filhos.

— Pensei muito nisso e é a, Alexandra. Acho que é uma mulher muito inteligente e, o mais importante, uma boa pessoa.

— Eu? Não acho que seja uma boa ideia — olhou para Gabriel, que a encarou sério — escute, deve haver alguém entre sua família ou amigos. Acontece que, agora, não se lembra. Está certa de que quer que seja eu?

— Não quer me fazer esse favor? Sei que talvez seja pedir demais, mas tenho que ter certeza de que estarão bem cuidados e de que estudarão. É muito importante que estudem o que quiserem, a mim não queriam me deixar estudar matemática — de repente pareceu que faltava o ar.

— Tranquila Ada. Farei isso, não se preocupe, cuidarei deles da melhor maneira possível, eu juro. Falarei com o Conde para explicar.

— Não se preocupe, já falei com ele. Os meninos ficarão com minha mãe, já conversamos sobre isso e ela concorda que seja você quem gerencie o dinheiro.

— Está bem — Gabriel, apoiado em uma mesinha ao lado da cama, aproveitou para escrever o nome de Alexandra no espaço em branco — então as duas devem assinar. A Condessa primeiro — indicou um espaço em branco e colocaram o papel sobre a pasta de Gabriel, em cima de uma almofada para que ela não precisasse se mover, e ela assinou.

— A assinatura está boa? — apressaram-se em dizer que estava perfeita e ela fechou os olhos, finalmente tranquila. Alexandra assinou em seguida aceitando o cargo, e Gabriel como testemunha. Quando teve os documentos em sua pasta, Alexandra se aproximou dele.

— Se importaria de me deixar alguns minutos a sós com ela? — ele concordou, mas antes de sair sussurrou em seu ouvido:

— Se eu já não te amasse, teria me apaixonado por você neste instante — depois, saiu do quarto. Ela se sentou novamente ao lado da cama e segurou a mão da Condessa.

— Ada, estou indo agora, precisa de mais alguma coisa?

— Não — negou com a cabeça — muito obrigada por tudo, foi muito boa comigo. Gostaria de tê-la conhecido antes, acho que poderíamos ter sido amigas.

— Claro que sim, tem certeza de que não há mais nada que queira que eu cuide?

— Não, já falei com meu marido sobre o enterro. O médico virá esta tarde ficar comigo, ele também tem sido muito bom. Tive muita sorte no final. Adeus, querida, acho que vou dormir um pouco — Alexandra se inclinou e a beijou na testa com lágrimas nos olhos, a situação daquela mulher a entristecia profundamente.

— Vou então, adeus — Gabriel a esperava lá fora, ele a segurou pelo cotovelo guiando-a até a carruagem e, uma vez dentro, a abraçou.

— Vou dizer ao cocheiro para irmos para minha casa, não quero me separar de você estando tão triste.

— Não, Gabriel, preciso dormir e com você ao lado é impossível — sorriu

entre lágrimas — além disso, quero contar tudo para minha tia.

— Está bem, mas esta noite...

— Não, já combinamos que nos veremos amanhã. Venha me buscar para darmos um passeio, é algo que nunca fizemos e estou ansiosa — ele respirou fundo e assentiu.

— Está bem, não posso negar nada se você estiver assim. — Ela enxugou as lágrimas e lhe deu um beijo rápido nos lábios, depois se ergueu no assento.

— Terá que me ajudar a administrar da melhor forma possível o dinheiro dessas crianças.

— Tenho certeza de que você pode fazer isso sozinha, mas sabe que te ajudarei no que precisar.

Sua tia a recebeu em seus braços quando lhe contou tudo o que tinha acontecido, e chorou, emocionada, com ela. Dr. Sweets confirmou que passaria a noite na casa da paciente, aguardando o desfecho. Naquela tarde, Anthony lhe entregou um envelope com seu nome. Era de Black.

Alexandra:

Apesar do que quer que tenha descoberto, é imperativo que nos vejamos esta noite, às sete está bom. O The Clerk está fechado, mas bata na porta e eu abrirei. Tenho algo no restaurante que te fará mudar de ideia sobre o que acha que descobriu.

PS: Maria e Gabriel podem estar em perigo, acredito que alguém armou uma armadilha para eles.

B.

Olhou o relógio na sala, eram seis e quarenta, subiu correndo as escadas para se vestir e pegar sua arma. Aquela nota não lhe dava uma boa impressão. Talvez tivessem que ir a algum bairro perigoso. Trocou de roupa em dez minutos e desceu as escadas correndo novamente. Deixou um bilhete rápido para sua tia, que tinha saído enquanto dormia, junto com a nota de Black, para que visse.

Naquela hora da noite, não se via absolutamente nada na cidade, a menos que estivesse iluminada. Algumas áreas, as mais ricas de Londres, começavam a se iluminar à noite com lâmpões a gás, há alguns anos. O The Clerk ficava em uma área comercial, que, naquela hora e estando fechado, estava totalmente escuro. Apenas carruagens passavam pela rua, mas não havia ninguém nas calçadas. Disse ao cocheiro da carruagem da sua tia que esperasse. O homem assentiu, acomodando-se no banco.

Bateu na porta da frente, que se abriu lentamente com a primeira batida de sua mão. Esteve prestes a não entrar, mas viu uma luz ao fundo, onde ficava o balcão. Lá costumava estar Black, de pé, vigiando os clientes como um falcão. Virou-se porque ouviu algo estranho atrás dela, mas já era tarde porque alguém a segurava pela cintura e lhe colocou um pano molhado em sua boca. Chutou e gritou, mas ninguém ouviu seus gritos e ela continuou lutando até

ficar sem forças e cair desmaiada. O homem que a drogou a pegou em seu colo e a levou pela porta dos fundos até o coche que os levaria até o esconderijo que haviam preparado para ela.



O Marquês de Bute bateu à porta, mas não lhe abriram. Surpreendido, voltou a chamar. O mordomo abriu a porta e o olhou, reconhecendo-o, parecia afetado por algo.

— Bom dia, venho buscar a srta. Wallace — ouviu-se um gemido vindo da sala de jantar. Gabriel não esperou mais e, apesar do mordomo que tentou retê-lo na entrada, dirigiu-se para lá.

A tia de Alexandra chorava nos braços do Dr. Sweets. Se aproximou deles verdadeiramente assustado, pela primeira vez em sua vida.

— O que está acontecendo?

— Gabriel! — a idosa levantou-se e caminhou até ele — por favor! Ajude-nos, algo aconteceu, eu sei! Minha menina não ficaria fora a noite toda sem me enviar uma nota — empalideceu ao ouvi-la, sabendo que ela tinha razão. Tinha visto, em primeira mão, sua preocupação em manter sua tia informada de seus passos, para que não se preocupasse.

— O que aconteceu? — Dr. Sweets aproveitou para fazer duas coisas, afastar-se de Margaret e entregar-lhe as duas notas. Uma que Black lhe havia enviado, e outra que ela havia deixado para sua tia, dizendo que voltaria em breve e jantariam juntas.

— Fizeram alguma coisa? — Dr. Sweets negou com a cabeça.

— Acabaram de perceber que ela não está em seu quarto, faz apenas meia hora, e então me avisaram. Agora íamos à polícia.

— Eu cuido disso. Preciso das notas.

— Claro — assentiu o idoso. Margaret se afastou dele e se aproximou de Gabriel.

— Por favor, traga-a para casa, não permita que nada lhe aconteça. Eu sei que algo aconteceu com ela, eu sei — ela começou a chorar novamente e Dr. Sweets a abraçou. Gabriel colocou a mão em seu ombro.

— Eu a trarei de volta, Margaret — seu rosto quando saiu da casa era uma promessa de vingança e horror para quem quer que tenha feito algo a Alexandra. Ele não descansaria até que a tivesse em segurança, e depois não permitiria que ela desaparecesse de sua vista.



A luz e o frio que adentravam pela pequena janela a despertaram. Tentou erguer-se, porém, não pôde fazê-lo logo de imediato, pois tinha as mãos e os pés atados. Arrastando-se, conseguiu apoiar-se na parede e subir pouco a pouco até conseguir ficar em pé; quando esticou as pernas diante dela, começou a doer-lhe a cabeça, era como se tivesse um sino dentro, tocando as horas continuamente. Então, inspirou profundamente e sentiu náuseas, inclinou-se para o canto à sua direita e vomitou. Devia ser um efeito da droga que lhe haviam feito inalar, e que lhe parecia clorofórmio. Observou ao redor, tentando não se deixar levar pelo pânico, apesar de que, o que mais desejava, era gritar e bater na porta que estaria trancada. O quarto parecia uma masmorra, embora provavelmente fosse um porão em alguma casa isolada, pois não se ouvia ruído de carruagens nem de pessoas. Era possível que estivesse no campo.

Devia ter amanhecido há muito tempo e sua tia estaria histérica, além disso, Gabriel iria buscá-la para seu primeiro passeio... Negou-se a continuar pensando em tudo isso. Observou novamente o quarto, havia uma mesa vazia e torta, uma cadeira, e pelo que viu, nada mais. A janela que havia na parede cinza era pequena e com grades, por isso sua única esperança era a porta. Infelizmente, haviam-lhe tirado sua bolsa, onde guardava a pistola. Olhou para os pés e alegrava-se ao ver que não lhe haviam tirado as botinas, felizmente. Dentro dela levava uma faca, sempre levava uma em um de seus sapatos, embora quase ninguém soubesse disso. Deixou-a ali por enquanto. Ouviu barulho na porta. Um homem com um lenço que lhe cobria quase todo o rosto, exceto os olhos, abriu e ficou no umbral. Trazia uma bandeja.

— Agora vou me aproximar, mas se fizer alguma besteira, meu sócio lhe dará um tiro com sua própria pistola. Isso seria bom, não lhe parece? Não nos interessa matá-la, mas sempre podemos atirar em uma perna — ela empalideceu ao pensar em sangrar lentamente naquele lugar até morrer.

— Não me moverei — permaneceu sentada observando. O homem depositou a bandeja na mesa. Havia uma jarra de água com um copo, e o necessário para escrever.

— Nos disseram que deve ter um gosto muito ruim na boca pelo clorofórmio, veja como somos atenciosos — o homem que apontava com a pistola e que estava atrás do que falava, riu às gargalhadas — bem, agora, vamos soltá-la um momento para que possa escrever — ela se deixou fazer sem opor resistência — nos avisaram que daria muita briga, mas é uma cordeirinha. — Ela não respondeu, apenas observava todos os detalhes que conseguia ver dos dois delinquentes. Uma vez solta, quase caiu ao levantar-se,

pois seus músculos estavam contraídos. Mordeu os lábios e dirigiu-se à cadeira, depois deixou-se cair nela. Colocaram a pena na mão dela e uma folha de papel na frente.

— Escreva:

“Querido Gabriel:

Se não entregar os documentos aos homens que me sequestraram, vão me matar esta noite. Espere outra nota como esta, vão lhe dizer onde entregá-los...”

O sequestrador lia uma nota que levava na mão, mas parou quando viu que ela não escrevia. Deu-lhe um golpe forte nas costas, fazendo-a inclinar-se para frente e sua mandíbula bater na mesa, mordendo os lábios por dentro.

— Escreva!

— Não o farei — sussurrou com o sangue enchendo-lhe a boca.

Não seria responsável pela morte de ninguém. Não acreditava que Gabriel trocaria os documentos por ela, mas preferia não o colocar nessa situação. Levantaram-na bruscamente da cadeira, depois o homem voltou-se para ela, segurando-a por um braço, e imediatamente sentiu o impacto de seu punho no queixo. O golpe foi tão forte que Alexandra foi arremessada a vários metros de distância e ficou atordoada no chão, tonta pela dor. Assim pôde ouvir a conversa entre os dois sequestradores, enquanto fingia estar desmaiada.

— Está louco? O chefe disse para não a tocar! E já sabe como ele fica quando se enfurece, não gostaria de estar em sua pele. Considere-se morto — sem deixar de olhá-la, dirigiram-se para a saída.

— O que Sombra pensou? Se queremos destruir o sistema, não podemos nos preocupar com essas coisas. Se for preciso matá-la e enviá-la em pedaços para o amiguinho dela — depois dessas palavras tenebrosas, fecharam a porta e ouviu os passos se afastando. Mantendo-se na posição, continuou ouvindo com atenção e pareceu-lhe que não haviam subido nem descido escadas, simplesmente haviam passado para um cômodo ao lado. Erguendo a cabeça, sua vista foi para o copo que havia na mesa, levantou-se sentindo a mandíbula pulsar de dor e pegou o copo de água, esvaziando-o, dirigiu-se à porta para ouvir o que diziam. No início não ouvia nada, mas mudando-o de lugar, conseguiu ouvir parte da conversa.

— É melhor que eu vá e conte a ele. Já sabe que disse que, se algo acontecesse, não tentássemos resolver nós mesmos e que lhe contássemos, porque ele não podia estar aqui. Fique vigiando-a e não volte a fazer nada. Está de acordo?

— Sim, claro, não voltarei a tocar a senhorita delicada, não se preocupe.

— E não beba, só faltava que ele viesse e estivesse bêbado.

— Está bem, não seja chato.

— Lembra do que nos disse. Se algo acontecer a ela, ele nos cobrará nas nossas próprias peles.

— Sim, chato, vai embora.

Alexandra observava tudo ao seu redor, desesperada, embora não houvesse

nada que pudesse usar para escapar e dali era impossível sair sem passar pelo guarda. Pela janela era impossível. Mesmo sem grades, ela não caberia no espaço. A única ideia que lhe ocorreu foi fazê-lo entrar novamente com alguma desculpa e surpreendê-lo. Teria uma chance, além disso não sabia quanto tempo o outro demoraria para voltar, então tinha que se apressar. Tirou a faca e a olhou hesitante, mas tinha que fazer. Antes de pensar demais, deu um bom corte no lóbulo da orelha, uma vez que tinha feito um corte acidental lá quando era pequena e sangrou muito. Esperou alguns momentos e colocou a mão debaixo da orelha para recolher parte do sangue e depois esfregá-lo pelo rosto. Repetiu a operação mais duas vezes e quando teve o rosto coberto de sangue, aproximou-se da porta pedindo socorro. Bateu na porta com toda a sua força como se estivesse aterrorizada, enquanto segurava a faca na mão direita, tentando não a deixar escapar. Tinha tanto medo, que o coração parecia querer sair pela boca.

— O que diabos está acontecendo agora? — quando abriu, deixou que ele visse seu rosto ensanguentado, depois se inclinou como se estivesse com dor de estômago, escondendo a faca com os braços.

— Socorro, dói muito, estou morrendo! — o homem se aproximou preocupado, provavelmente pensando na ameaça que seu colega tinha o lembrado.

— Mas por que está sangrando tanto? Eu mal te toquei... — ele se aproximou instintivamente e colocou a mão na cabeça dela para levantá-la. Alexandra deixou que ele fizesse isso e quando esteve perto dela, cravou-lhe a faca na barriga. O homem levou as mãos à ferida olhando-a com ódio, mas ela já corria em direção à porta e a fechava com a chave que o homem tinha deixado na fechadura, depois saiu do prédio com dificuldade. Não estavam no campo como ela tinha pensado, mas sim num beco de um bairro pobre de Londres, onde ninguém se intrometia na vida dos outros. Olhou para todos os lados procurando por um policial, mas não encontrou nenhum. Passaram dois coches de aluguel e ela os chamou, mas não pararam ao ver sua aparência. Ela devia estar assustadora. Rasgou um pedaço da saia com sua própria boca, e enquanto continuava a andar, limpou como pôde o sangue do rosto. Tentou novamente com o próximo coche e quase soluçou de alívio ao ver que o cocheiro freava e a deixava entrar. Deu-lhe o endereço de sua tia, assustada com a possibilidade de ser capturada novamente, mas não havia ninguém a perseguindo. Quando chegou, pediu ao cocheiro para esperar, e ao abrir a porta disse a Anthony para pagar. A expressão dele era um poema, mas ela não se demorou em falar com ele e foi direto para a sala onde imaginava que estava sua tia. Realmente, lá estava ela junto com o Dr. Sweets, Gabriel e Black, os dois com roxos espalhados pelo rosto, como se tivessem brigado. Gabriel empalideceu ao vê-la e ela, ao vê-los todos, de repente, sentiu-se incapaz de continuar sem chorar. Então, explodiu em lágrimas na frente de todos, cobrindo o rosto com as mãos e Gabriel a abraçou fortemente, enquanto sua tia se aproximava o mais rápido que podia.

— Filha de Deus, o que aconteceu com seu rosto? Dr. Sweets, por favor! — mas ela não conseguia falar para tranquilizá-los, só podia chorar como uma criança pequena. Gabriel a afastou um pouco de seu corpo, embora a contragosto, para que o médico visse o ferimento.

— É um corte no lóbulo, vamos desinfetar, mas acho melhor que tome um bom banho primeiro. Vai se acalmar — cheirou o cabelo de Alexandra — clorofórmio, eles a drogaram — Gabriel não aguentou mais e a abraçou novamente. Black se aproximou deles apesar do olhar de Gabriel, que parecia capaz de assassiná-lo se dissesse algo errado.

— Alexandra, vou indo, voltarei mais tarde para vê-la, ou talvez amanhã. Fico feliz que esteja bem — ela assentiu, ainda chorando, abraçada a Gabriel.

— Gabriel, por favor, leve-a para o quarto, eu lhe darei um bom banho — sua tia revirava ao seu redor muito nervosa, fazendo com que Alexandra chorasse ainda mais.

Gabriel não estava de acordo com a tia.

— Margaret, talvez seja melhor que não suba — ele olhou para o Dr. Sweets, que assumiu a situação.

— Querida, deixe que Gabriel a leve e a entregue à criada, está muito nervosa. Quero que termine a infusão — ele a pegou pela cintura para levá-la de volta ao sofá e ela assentiu com um murmúrio e beijou a sua sobrinha antes de subir, depois voltou para o seu lugar limpando os olhos com um lenço.

Alexandra tremia por todo o corpo, como se estivesse gelada. Gabriel olhou significativamente para o médico, Dr. Sweets assentiu para que a levasse tranquilamente. Ele a pegou no colo e a levou para o andar de cima seguido pelo mordomo, que indicou o quarto dela.

— Senhor, enviarei a criada imediatamente.

— Não, Anthony, por favor, deixe Gabriel ficar comigo e não diga nada à minha tia — o mordomo franziu a testa, claramente contra o pedido, até que ela se afastou o suficiente para que ele pudesse ver seu rosto. Ele assentiu consternado com o que lhe tinham feito.

— Não se preocupe, srta. Alexandra, não os incomodarei. Agora, vão trazer água para o banho.

Gabriel entrou no quarto com ela nos braços, a colocou sentada na cama e acendeu o fogo. Ela parecia estar realmente assustada e tinha um grande hematoma no queixo. Quando pegasse quem havia feito isso, nunca mais tocaria em uma mulher em sua vida.

Ajoelhou-se diante dela.

— Onde está seu roupão? — apontou para o guarda-roupa, ele o pegou e deixou na cama. — Vamos para o banheiro e te ajudo a se despir? — ela negou com a cabeça.

— Vou sozinha, não se preocupe, estou bem — sussurrou.

Enquanto ela se trocava, trouxeram a banheira entre dois criados, e as criadas entraram e saíram várias vezes com os baldes, até enchê-la. Deixaram um de água quente e outro de fria do lado de fora. Assim como o sabonete e a

esponja. Era estranho que ela ainda não tivesse saído. Bateu na porta e ouviu-a soluçar baixinho. Entrou sem bater, estava, já com o roupão vestido, sentada no chão, apoiada na parede.

— Querida, levante-se — ele a ajudou e a acompanhou até a banheira. — Venha, tire seu roupão, vai fazer muito bem tomar um banho, verá.

Ele a banhou como faria com uma criança. No final do banho, ela havia parado de soluçar, embora estivesse muito quieta. Não parecia ela. Secou cuidadosamente a orelha. Quando molhou novamente voltou a sangrar, então a vestiu com a camisola e o roupão por cima. Ela perguntou o que tinha acontecido com seu olho, que já estava inchado e roxo.

— Briguei com Black, não pensei que ele não tinha te mandado a nota no começo...

Não queria ir para a cama antes que o lóbulo parasse de sangrar, então pegou uma toalha e pressionou contra sua orelha. Não queria discutir com ela, então pediu que avisassem o Dr. Sweets e sua tia.

Margaret se aproximou sorrindo, fazendo um esforço. Dava para ver de onde vinha a fibra de Alexandra. Sentou-se com ela na cama. Enquanto isso, o médico colocou uma pomada no corte no lóbulo que finalmente parou de sangrar.

— Filha, como está? — Alexandra respirou fundo como vinha fazendo há alguns minutos, para parar de chorar. O banho e estar alguns minutos a sós com Gabriel a tinham tranquilizado um pouco. Ela tinha contado o que aconteceu entre beijos e carícias dele. Mas não sabia se, algum dia, o medo sairia de seu corpo.

— Estou melhor, tia, de verdade — sua tia a abraçou dando-lhe um beijo na bochecha. Ela retribuiu o abraço. Tinha pensado que não veria nenhum deles novamente. Por cima da cabeça de sua tia, Gabriel a olhava fixamente, um pouco afastado da cama.

— Acha que conseguirá dormir sozinha? Se não, posso lhe dar um comprimido para que fique tranquila.

— Não é necessário, Robert, muito obrigada.

— Eu ficarei aqui com você — sua tia parecia decidida, mas Alexandra observou o cansaço em seu rosto.

— Tia, quero que se deite, além disso, terei que fazer uma declaração. Talvez pudesse chamar James. Tenho certeza de que ele viria.

— Não é necessário. Tenho autoridade para colher sua declaração, na ausência de um policial, se for necessário. Mas prefiro que faça amanhã, se estiver se sentindo melhor, vamos ao Ministério. Avisei George Grey, ele irá nos esperar pela manhã, se estiver bem. Assim, com todos os detalhes que der, darão instruções às delegacias.

— Esse nome me é familiar — Margaret olhou para o Dr. Sweets distraída, ele olhava para Gabriel surpreso, mas respondeu à mulher.

— É o Ministro do Interior — Alexandra assentiu olhando para Gabriel.

— Sim, não se preocupe, iremos — Dr. Sweets e Margaret observaram

como eles se olhavam, sua tia, embora quisesse ficar, percebeu que precisavam conversar. Ela se aproximou de Alexandra para lhe dar um beijo.

— Querida, se quiser, depois direi para lhe trazerem uma bandeja com o jantar.

— Veremos, tia. Agora mesmo não tenho fome.

Os dois idosos saíram, fechando a porta cuidadosamente atrás deles.

Gabriel ficou em silêncio por um longo tempo, olhando-a fixamente. Alexandra sentia esse olhar desde que tinha se sentado na cama, depois de banhá-la. Sentia-se inquieta. De repente, ele se moveu em sua direção. Ela o olhou, sem saber o que estava acontecendo.

— Gabriel, o que aconteceu? — ficou ao pé da cama, e sorriu ironicamente ao ouvi-la.

— Não imagina o que aconteceu? — ele se aproximou sentando-se na cama ao seu lado. Ele não a tocou, ela se sentia tão vulnerável que teve vontade de sair dali e não ficar a sós com ele.

— Não, e aviso que agora não seria capaz de discutir — ele a abraçou, cuidadosamente, lentamente, e beijou sua testa com doçura. Agora era ele quem parecia estremecer e ela se surpreendeu.

— Ainda não posso acreditar no que te aconteceu. Quando sua tia me mostrou a nota de Black, fui atrás dele, e acho que teria sido capaz de matá-lo, mas ele não te enviou a nota.

— Eu sei, descobri isso imediatamente — ela não se importaria de ficar entre seus braços para sempre.

— Não imagina as horas que passei sem saber o que tinha acontecido contigo, nem onde estava.

— Sinto muito.

— Não vou passar por isso nunca mais, entende? — se afastou como pôde, para olhá-lo assustada. Provavelmente, enfim, tinha conseguido afastá-lo dela, embora desta vez fosse involuntário.

— Nos casaremos assim que se recuperar. Não me importa o que diga, ou que queira ser independente — permaneceu convenientemente calada. Mas isso não era suficiente para ele. Não depois do que aconteceu.

— Não vai me responder? Talvez não seja uma proposta de casamento comum, mas gostaria que me desse uma resposta.

— Sim, sim a tudo. Quando pensei que não voltaria a vê-lo, percebi o que realmente era importante — ela se afastou um pouco para que ele visse seu rosto — eu te amo, Gabriel, já lhe havia dito, mas quero que lembre disso sempre — engoliu um soluço que subia, furioso, em sua boca — o mais difícil ao saber que morreria, foi pensar que nunca lhe havia dito — soluçou.

— Quieta, meu amor — ele a beijou com cuidado pela marca roxa em seu queixo, e permaneceram abraçados por muito tempo.



“Sombra” fez uma careta ao ver o homem apunhalado no chão, embora ainda respirasse. Virou-se e enfrentou aquele que havia ido buscá-lo.

Felizmente, nenhum desses dois tolos sabia quem ele era. Antes de entrar no quarto, sabia que ela não estava lá, é claro. Ele a conhecia bem. Era intrépida e muito inteligente. Que mulher! Mas sua raiva aumentou ao ver o sangue.

— E este sangue?

— Não sei, ele bateu nela, mas não pensei que sangraria tanto... — “Sombra” se virou empunhando o revólver que sempre carregava consigo — Sombra! Não faça isso, eu disse para ele não fazer, mas não me ouviu!

— Eu disse para não tocarem em nenhum fio de cabelo dela, não é verdade? Pensei que minhas instruções estavam claras — não deixou que ele desse nenhuma explicação, simplesmente disparou dois tiros no corpo de seu subordinado com uma cara de desgosto. Havia decidido há muito tempo que ninguém o impediria de alcançar seus objetivos. Disparou também no que ainda estava desacordado no chão, com a faca na barriga, e depois retirou a arma do corpo para levá-la como lembrança. Depois, saiu para a rua andando normalmente.



Estavam esperando na porta do escritório do Ministro, Gabriel tinha sido saudado por todos os homens que encontraram pelo caminho. O próprio Sir George Grey, um homem de cerca de 1,60 metros, muito magro e extremamente elegante, saiu para recebê-los. Ao ver a relação entre eles, Alexandra percebeu que ele e Gabriel eram amigos, não chefe e empregado como ela tinha pensado. Foram levados para dentro e se sentaram calmamente. Ela não entendia por que estava ali, em vez de na delegacia com James.

— É um grande prazer finalmente conhecê-la, senhorita Wallace, Gabriel me contou o que fez pela Condessa de Lovelace. Um caso muito infeliz em que estávamos cometendo uma grande injustiça. Acredito que tudo se resolveu favoravelmente, não é? — ela assentiu.

— E como ela está?

— Ela morreu ontem à noite — ela tinha recebido uma nota do Dr. Sweets naquela manhã. Era triste, mas esperado. Agora ela teria que cuidar do patrimônio daquelas crianças.

— Sinto muito, uma pessoa tão jovem... — balançou a cabeça com tristeza — Eram muito amigas?

— Não — ela olhou para Gabriel porque não sabia o que ele teria contado — Acabei de conhecê-la, me apresentaram para cuidar de seu... “problema”.

— Sim, ouvi dizer que é muito boa no seu trabalho. Talvez gostaria de trabalhar para mim? Preciso de mulheres com sua inteligência e coragem.

— Ela não pode trabalhar para você, já aceitou um emprego em tempo integral comigo. Vamos nos casar — ela virou a cabeça para Gabriel surpresa. Eles não tinham comentado isso com ninguém ainda. Mas como tinha feito desde que voltou de seu curto sequestro, manteve a boca fechada porque era de seu interesse neste caso. Tinha descoberto que geralmente se beneficiava disso.

— Parabéns! Gabriel, estou muito feliz por você! — novamente apertaram as mãos. — Imagino que esteja cansada, Alexandra, se me permite chamá-la assim. Está dolorido — ele observou o hematoma em seu queixo, que estava inchado e quase preto.

— Sim, um pouco.

— Bem, então fique à vontade, por favor, e conte-me o que aconteceu ontem em detalhes — ela o fez, incluindo uma descrição dos dois sequestradores. Quando terminou, os dois homens se olharam por alguns segundos, finalmente, Sir George olhou para Gabriel e perguntou:

— O que acha? — Gabriel franziu a testa e pensou por alguns instantes.

— O que mais me chama a atenção é que tinham instruções para não a machucar, além disso, a falsificação da letra de Black era muito boa — encolheu os ombros. — Sim, poderia ser. E depois, querer obrigá-la a escrever aquela carta, sim, acho que é ele — Alexandra os observava sem dizer nada, esperando descobrir cedo ou tarde quem era o malfeitor do qual estavam falando.

— Tenho uma curiosidade — o Ministro a olhou fixamente. — Por que se recusou a escrever a carta?

— Estava certa de que me matariam de qualquer maneira. Tinha que tentar, pelo menos, que não machucassem Gabriel — Grey sorriu ao olhar para Gabriel, que permanecia calado com a mandíbula encaixada como um buldogue.

— Não acho que precisemos de mais nada por enquanto, depois enviaremos alguém até sua casa com a denúncia para que assine.

— De quem estão falando? — novamente, os dois homens se olharam sem responder. — Desculpe, mas não deveriam ter falado na minha presença. Entendo que têm algum suspeito em mente — olhou significativamente para Gabriel. Mas foi o Ministro quem falou.

— Sim, temos alguém. Acreditamos que é um homem que estamos procurando há anos. Principalmente, Gabriel, por isso ele não se aposentou completamente. É o maior criminoso que já tivemos na história recente da Inglaterra, mas não é um criminoso comum, ele deseja causar caos no país, total anarquia. Parece que odeia os ingleses ou nossa forma de vida, ainda não sabemos ao certo, apesar de todos os nossos esforços temos que admitir que não descobrimos quase nada sobre ele. Apenas seu apelido e as façanhas lhe atribuídas, incluindo numerosos assassinatos, além disso, acreditamos que agora está no centro de uma conspiração que quer derrubar o poder neste país. Mas temos apenas um apelido pelo qual ele é conhecido nos submundos, embora ninguém se atreva a dizer em voz alta, só sussurram, é o criminoso mais temido de nosso tempo.

— Como se chama?

— “Sombra”.

— Nunca ouvi falar dele — ela olhou para o Ministro como se tivesse sido hipnotizada.

— Claro, minha querida, nem ouvirá. Graças a Gabriel, conseguimos deter a maior parte dos ataques desse sujeito, mas ele é muito esquivo e inteligente. Não podemos contar muito mais e peço que não comente fora daqui.

— Claro, não se preocupe. E para isso queria as anotações de Ada?

— Sim, se ele descobrisse as chaves que nossa rede de espões usa, não é exagero dizer que desestabilizaria o país. É muito importante que o prendamos — suspirou — mas esse é nosso problema, agora vou deixá-la ir para casa descansar.

Gabriel a pegou pelo cotovelo e franziu a testa ao observar suas olheiras, ele tinha velado seu sono agitado em uma cadeira até o amanhecer, quando ela acordou e pediu para que a abraçasse e assim dormiu tranquila por mais algumas horas, mas não tinha sido suficiente.

Quando saíram do Ministério, Gabriel decidiu que a próxima parada seria ir a uma joalheria para escolher o anel de noivado, depois Alexandra poderia dormir o quanto quisesse.



— Black — surpreso ao ouvir seu nome, levantou os olhos do livro de contabilidade do restaurante e olhou para seu porteiro, surpreso. Sabia que, àquela hora, não deveriam incomodá-lo. Ainda estavam fechados, então não poderia haver problema com um cliente. Seu funcionário se afastou para que ele pudesse ver quem estava lá. Gabriel Damsworth. Se levantou de um salto e assentiu para que ficassem sozinhos, o fez entrar e fechou a porta.

— Sente-se, se quiser, Damsworth. Gostaria de algo para beber? — Os recantos do The Clerk eram como os de qualquer outro negócio, bastante comuns. Todo o luxo era reservado à parte vista pelos clientes. Voltou ao seu lugar, em frente à sua visita, surpreso de vê-lo por ali.

— Não, muito obrigado — sentou-se, observando o escritório espartano.

— Nunca teria esperado que viesse me ver em minha casa — observou o hematoma no olho do Marquês com satisfação. Estava cicatrizando, mas teria dóido, assim como o seu lhe havia incomodado também.

— Por favor, me trate por “você”, já que trocamos alguns socos, acho que seria ridículo continuar nos tratando com formalidade. Além disso, sabe que nunca tive nada com Maria. Alexandra insiste que deveríamos nos conhecer melhor, diz que nos daríamos bem — virou o rosto fazendo uma careta.

— Que sorte teve com essa mulher! Como ela está?

— Melhor, embora o médico tenha dito que ela tem um trincado em uma costela e não deve fazer esforços. Ela queria vir, mas precisa se mover o menos possível.

— Fico feliz. Tenho perguntado por aí, mas ainda não descobri nada, e olha que tenho boas fontes de informação.

— Sim, eu sei. Se souber de algo...

— Claro, nem precisa dizer. Não quero que nada aconteça com Alexandra.

— Na verdade, vim por outro motivo — Black o olhou levantando as sobrancelhas.

— Tenho uma carta para você, de Maria. Ela está fora do país, em uma missão — ele estendeu um envelope fechado com o nome de Black. Ele o pegou, mas não fez nenhum movimento para abri-lo, e Gabriel suspirou ao vê-lo. Faria um esforço para se dar bem com ele, como havia prometido a Alexandra.

— O que sabe sobre a vida de Maria na Rússia? — Black franziu a testa porque não esperava essa pergunta.

— Não muito, que o pai dela era professor na universidade. A mãe morreu há muitos anos e não tinha mais família, exceto alguma prima. Não me lembro de mais nada.

— Sim, basicamente, é tudo verdade. Quando veio para cá, o fez a convite de uma antiga colega de escola, que havia se casado com um britânico. Esteve de visita por alguns meses. Pensava em voltar para São Petersburgo, quando recebeu uma carta de sua prima, dizendo que tinham prendido seu pai e que ela não deveria voltar, porque a estavam procurando, mesmo que não tivesse nada a ver com isso — Black empalideceu ao ouvir isso, Gabriel deu uma olhada nele e continuou falando.

— O pai era um idealista e, em suas aulas na universidade, começou a falar contra o regime czarista. Não sei o que lhe passou pela cabeça, mas acabou sendo preso. Meses depois, se suicidou na prisão. Pelo menos, essa é a versão oficial, mas é mais provável que houve jogo sujo. Maria não acredita que seu pai tenha se suicidado. Ela te contou algo sobre isso em algum momento?

— Não — respondeu secamente — nem mesmo sabia que o pai dela tinha morrido.

— Sim, o aprisionamento foi o principal motivo para ela começar a trabalhar para o Ministério. Ofereceram a ela um acordo pelo qual, em troca de obter os documentos da Senhora King, a Inglaterra tentaria negociar com o governo russo para libertar seu pai. Claro, ela não deveria contar a ninguém. Então, quando te conheceu, como já estava trabalhando para nós, não pôde te contar nada. Infelizmente, não chegamos a tempo. Quando conseguiu os documentos, por meio diplomáticos, chegou-se a um acordo com a Rússia para uma troca de prisioneiros, mas era tarde demais para o seu pai. Tudo isso aconteceu enquanto eu estava fora, na guerra. Quando o professor morreu, ela pensou em desistir, mas acabou decidindo continuar. Acho que ela considera isso uma maneira de lutar, na medida de suas possibilidades, contra o regime que aprisionou seu pai. Na verdade, seu único pedido é que, sempre que possível, a enviem em missões contra a Rússia. Estou te contando muitas coisas, Black, mas aprecio Maria e estou preocupado com ela.

— Por quê? Eu diria que ela está lidando bem com tudo isso — respondeu secamente.

— Não é assim. Ontem eu a vi quando me trouxe a carta, estava muito pálida, e mais magra, como se não comesse nem descansasse o suficiente. E não tem ninguém que cuide dela — olhou-o, compreensivo, sabia como era quando a mulher que ama não deixa tudo para estar contigo.

— Onde ela está agora?

— Fora do país. Ajudando uma compatriota a vir para a Inglaterra, outra mulher corajosa que está em perigo.

— Está bem — respondeu friamente. Ou seja, Maria também estava em perigo.

— Só queria te dizer a verdade, porque ela não o fará — levantou-se para ir, mas antes de sair o olhou por um momento — por experiência própria, posso lhe garantir que não vale a pena ter orgulho se, em troca, deixar escapar a mulher da sua vida. Adeus, Black — saiu sem dizer mais nada. Black esperou alguns instantes e depois abriu o envelope.

Querido Black:

Sei que está muito bravo comigo, e que, pelas circunstâncias da sua vida que o fizeram ser como é, não vai me perdoar. Não posso me desculpar de forma alguma por tudo o que aconteceu, só posso reconhecer que você está certo. Há muito tempo tomei uma decisão e foi não te contar nada sobre as coisas que estavam acontecendo comigo. Decidi viver duas vidas, uma, a do meu trabalho oculto, desagradável, duro e, muitas vezes, sim, para que negá-lo, perigoso, e minha vida com você, onde eu era apenas uma mulher tremendamente apaixonada. Porque há apenas uma coisa sobre a qual não permitirei que duvide, e é que estive e estou apaixonada por você. Se esse amor tivesse sido suficiente para que o nosso durasse mais tempo, talvez anos, não sei, sinceramente.

Meu pai morreu poucos meses depois de começarmos a ser amantes, você estava viajando quando soube. Talvez não se lembre, mas quando voltou naquela ocasião, disse que eu estava com uma má aparência e eu disse que estava um pouco resfriada, o que não era verdade, é claro. Eu estava tão triste... gostaria tanto que vocês tivessem se conhecido... mas a vida é assim. Eu aproveitei meus momentos com você pensando, sempre, que poderia ser o último. Senti isso outro dia, quando descobri que você estava no meu quarto.

Me perdoe por não ter te amado como você precisava. Eu te amo e te peço para que seja feliz. Sei que há algo dentro de você que não o deixa ser, mas com a mulher certa, acredito que conseguirá. Infelizmente, eu não sou essa mulher.

Todas as noites rezo para que a encontre.

Adeus, meu amor.

Maria.

Black baixou a carta e a deixou na mesa com a mão um pouco trêmula, depois fechou os olhos e se recostou na cadeira, com uma expressão de dor no rosto.



O casal estava coberto, inclusive suas cabeças, pelas cobertas. Apenas se ouvia o som ocasional de risadas, provocado pelo homem, que parecia se divertir fazendo cócegas na mulher. Já fazia um tempo que tinham feito amor e, devido à sua idade, a recuperação não era simples, então aproveitavam a cama como duas crianças. Por fim, ele deu vários tapas nas roupas de cama para afastá-las de suas cabeças.

— Pelo amor de Deus, Margaret! Vamos nos afogar! — ela ria às gargalhadas, ainda parecia uma garota, especialmente quando ria assim. Quando ele propôs naquele dia ir a um hotel, ficou surpresa ao aceitar. Ele havia perguntado isso centenas de vezes ao longo dos anos, desde que se reencontraram. Mas hoje ela tinha dito sim. Deitou-se de lado para continuar olhando para ela, algo que nunca queria parar de fazer, mas ela era durona.

— O que está olhando, Robert? — ele acariciou uma mecha de seus

cabelos brancos e encaracolados e seu rosto com suas adoradas rugas.

— O que estou olhando? A mulher mais linda que já vi na minha vida.

— É muito exagerado! Nunca fui especialmente bonita, e sabe, mas eu agradeço — ela o olhou. Ainda tinha aquele mistério no olhar, que a tinha conquistado quando era jovem — é encantador, Robert. E temo que, por causa da minha família, não te tratei especialmente bem. Mas sabe que sempre te amei — ele assentiu sem dizer nada — quando minha menina voltou ontem, lembrei o quão rápido uma pessoa pode desaparecer da sua vida. E não quero que vá embora da minha — ele a abraçou, trêmulo, ao ver seus cílios molhados e decidiu fazer a pergunta. Novamente.

— Tudo bem, vou te perguntar de novo. Quer se casar comigo? — ela franziu a testa como se não esperasse essa pergunta e o olhou nos olhos por alguns segundos, depois sorriu e o coração de Robert deu dois saltos.

— Sim, está bem, maldição — ele respondeu com uma risada, logo a apertou contra ele quase sem deixá-la respirar e a beijou na boca, até que ela se afastou meio sufocada.

— Ei! Já não temos quinze anos — mas ria encantada.

— É justamente por isso, temos muitos anos para recuperar — voltou a beijá-la e desta vez ela não se afastou. Acariciou seus cabelos grisalhos, com a mesma paixão que tinha quando eram adolescentes. Por um longo tempo, não voltaram a pronunciar nenhuma palavra.



Anthony entrou na sala para anunciar a visita.

— O inspetor James Brown — James em sua casa! Emocionou-se ao vê-lo. Fez um gesto para que se aproximasse e se levantou para dar-lhe um beijo.

— Não se levante, por favor, Alexandra — ele a abraçou cuidadosamente com uma expressão de preocupação, logo olhou para o seu rosto — sente-se novamente, parece estar esgotada.

— Só se também o fizer. Por cinco minutos não se cruzou com Gabriel — disse maliciosa.

— Que pena! — sorriu seguindo a brincadeira. — Como está de verdade, Alexandra?

— Bem, o queixo está escandaloso, mas quase não dói mais. Só tenho um pequeno corte no lóbulo — mostrou a orelha — e minhas costelas estão doendo um pouco. Bem, e eu devo admitir que ainda estou um pouco assustada.

— Não tenho palavras para dizer o quanto lamento.

— Eu sei. Não se preocupe. Preciso reconsiderar minha vida. Tudo isso me fez pensar no que realmente é importante.

— Entendo.

— Imagino que tenha ficado sabendo pelo comunicado.

— Sim, me chamou a atenção que tenha ido direto ao Ministro do Interior, sendo você e eu amigos. Mas imagino quem te fez ir lá. Eu teria feito o mesmo.

— Obrigada por ser tão compreensivo. Queria falar contigo primeiro, mas Gabriel insistiu — encolheu os ombros — como está indo tudo?

— Como sempre, mas agora com um trabalho adicional. O trabalho mais importante para todos os policiais de Londres é localizar e deter esse bandido, “Sombra”, seguindo instruções do Ministro, o deteremos, Alexandra, eu lhe garanto — a apertou uma mão para transmitir seu carinho.

— Não tenho dúvidas — sorriu olhando para o seu amigo, mas seu sorriso desapareceu ao vê-lo se levantar novamente.

— Tenho que ir embora, pode imaginar como estamos com tudo isso...

— Sim, imagino. Não quer tomar algo?

— Não, muito obrigado, não se levante. Sei onde está a porta — ele se aproximou dela e a olhou com tristeza. Os dois sabiam que sua conexão especial agora seria impossível porque as circunstâncias tinham mudado. Inclinou-se e a beijou na bochecha.

— Adeus, James, espero que consiga ser feliz — ele sorriu com tristeza e saiu.

Alexandra também se sentiu triste, com a certeza de que tinha perdido um amigo. Não acreditava que essa amizade sobreviveria agora.

Um tempo depois, sua tia voltou, sozinha. Embora ela esperasse que o Dr. Sweets entrasse, desta vez ele não o fez. Margaret estava radiante. Aparentemente, sua desagradável aventura não tinha servido apenas para que ela percebesse o que estava perdendo.

— Olá, querida, como está? — se não pensasse que era impossível, diria que sua tia estava envergonhada.

— Muito bem, tia, como passaram? — o vermelhão subiu até suas orelhas. Sorriu feliz.

— Muito bem — parecia prestes a dizer algo, mas deve ter pensado melhor, porque fechou a boca.

— Tia, venha, sente-se ao meu lado — bateu no assento ao seu lado no sofá.

— Me diga, o que há? — Margaret olhava para frente. Pegou sua mão e colocou-a em sua bochecha. — Tia, me conte.

— Não sei como te dizer, talvez devesse esperar Jake chegar — tinham avisado o irmão de Alexandra sobre o que aconteceu, mas não sabiam quanto tempo demoraria para vir porque estava na casa da família em Gales.

— Me conte, por favor — a observou, sua tia parecia angustiada, o que era muito estranho nela.

— É que não sei como... em algum momento, há um tempo, aceitei... — de repente, parecia incrível o que havia acabado de fazer — casar com Robert — olhou para sua sobrinha, que tinha a boca aberta, incrédula que essa frase tivesse saído de sua boca.

— Tia! — sorriu feliz, há muito tempo esperava pela notícia. — Parabéns! — a abraçou muito animada. — Por que não me queria contar?

— Não sei, talvez porque passei a vida toda dizendo que uma mulher tem

que ser independente, e que não aconteceria comigo o mesmo que aconteceu com sua mãe. Quase parece uma hipocrisia me casar, mas não me importo. Quero aproveitar o que me resta de vida com Robert.

— Acho que já era hora. Agora pode ter certeza de que ele a ama, esse homem passou a vida toda esperando-a.

— Sim, e eu por ele.

Jake entrou agitado depois da viagem e observou a imagem das mulheres mais queridas para ele abraçadas, sorrindo e chorando ao mesmo tempo. Aproximou-se delas devagar sem entender o que estava acontecendo. Segundos depois, não sabia se devia sorrir pelo próximo casamento de sua querida tia, ou ficar bravo com sua irmã por se colocar em perigo continuamente. Decidiu se aproximar para abraçá-las e decidir depois o que fazer.



A noiva estava nervosíssima, até o Dr. Sweets tinha afirmado que, se fosse necessário, a sedaria para que se casassem. Todos tinham rido divertidos, mas ele os olhou sério, porque não tinha dito aquilo em brincadeira. Murmurava baixinho que não ia esperar nem mais um dia. Na noite anterior, a última que passaria solteira, esteve com sua sobrinha em seu quarto. Falando e comendo, chorando e rindo como adolescentes, e Alexandra nunca a tinha amado mais.

Margaret agora estava de pé junto à janela, depois de ter sido maquiada, mais calma, porque via que, finalmente, ia acontecer. Bateram à porta do quarto, era Amanda. Estava lindíssima grávida, embora ainda estivesse de quatro meses e quase não se notasse. Mas seu rosto nunca tinha transmitido tanta felicidade. Abraçaram-se e depois foi ver a noiva.

— Querida menina! Como agradeço que tenha vindo! — as lágrimas voltaram aos seus olhos. Alexandra já tinha retocado sua maquiagem, duas vezes.

— Tia, nem pense em chorar! — protestou meio em brincadeira.

— Tínhamos que vir, é nossa família. Além disso, Drogo já deve estar dizendo ao médico, então eu lhes. Disse-me, quando soube do seu casamento, que gostaria que fossem passar a lua de mel na propriedade de Toscana— observou a reação de Margaret, que arregalou muito os olhos, como uma criança pequena. Sempre quis viajar e nunca teve oportunidade de fazer.

— Que sorte, tia! Acho que é maravilhoso, já estiveram lá antes? — Amanda assentiu.

— Sim, até um mês atrás, quando confirmamos a gravidez, então Drogo ficou nervoso e não queria estar tão longe, por causa do parto — sorriu — está histérico e perdido.

— Margaret, deixa eu te olhar, está lindíssima, que vestido mais bonito e original!

Vestia um vestido de seda cinza-perolado sem cauda, com um véu um pouco mais claro e um buquê de margaridas e lavanda. O quarto inteiro cheirava a lavanda, tal como as mulheres da família. A noiva sorriu olhando para as duas jovens mulheres.

— Fizemos o que pudemos, com minha idade...

— Não diga tolices, tia — repreendeu carinhosamente Alexandra — está muito bonita, só precisa se olhar ao espelho.

Ela o fez de novo, mas Alexandra afastou-a quando viu que os olhos dela voltavam a ficar húmidos. Daquela forma, nunca saíam de lá.

— Como está vestido o noivo? De preto?

— Não, de cinza, mas mais escuro que o dela — respondeu Alexandra, que

estava colocando o véu sobre o rosto de sua tia com cuidado. Quando esteve pronta, sorriu para ela.

— Acho que está pronto — Margaret sussurrou um “obrigada” trêmulo.

— Bem, vamos te casar titia. Espera, vou procurar o Jake.

Seu irmão estava ao pé da escada junto a Drogo, que o observava zombeteiro porque Jake olhava constantemente para o relógio, como se fosse o pai, em vez do sobrinho da noiva.

O casamento foi celebrado numa capela com a presença de poucos convidados. Se dependesse do noivo, teriam fugido. Mas Margaret, apesar do que sempre tinha dito, queria um casamento um pouco tradicional. Alexandra estava na primeira fila acompanhada por Gabriel, que esperava que, ao ver a felicidade de sua tia, aceitasse casar-se o mais rápido possível. Do outro lado de Alexandra estava Jake, e junto a ele, Drogo e Amanda.

— Sim, quero — não tremeu a voz de nenhum dos dois, apesar de que, com o casamento estavam colocando o broche de ouro a um amor de mais de 50 anos. Quando começaram a andar pelo corredor, Alexandra correu para a saída, junto com Jake, para poder atirá-los o tradicional arroz.

Depois aproximaram-se para felicitar os noivos, depois todos iriam para The Clerk para celebrar. Black os havia convidado para o banquete e em alguns dias partiriam para Toscana, para passar um mês na vila de Drogo. Estava encantado que alguém da sua família a usasse, já que eles, por um tempo, não poderiam viajar até lá. Alexandra chorava de felicidade vendo com que cuidado o Dr. Sweets ajudava sua tia a subir na carruagem, e depois lhe beijava o dorso da mão.

— Não chore, sempre chora em casamentos — Gabriel a repreendeu ternamente.

— Não posso evitar, é tão incrível que tenham se amado todos estes anos. Imagina o que terão sofrido — o olhou — eu não teria conseguido, teria ido para qualquer lugar.

— Mas eu teria te seguido.

— Eu sei.

— Quando vai me dar a data do casamento, meu amor?

— Em breve, prometo, é só que tenho que me acostumar com a ideia, mas sabe que vamos nos casar, talvez no ano que vem... — ele ergueu as sobrancelhas zangado e, um pouco sério, um pouco brincando, encarou-a.

— Isso é demais, não vou esperar tanto! — ele a agarrou pela cintura, e ali, no meio da rua, diante de todos, deu-lhe um beijo, deixando-a sem fôlego.

— Gabriel!

— Vou fazer esse tipo de coisa em qualquer lugar, continuamente, até que se decida — ela sorriu porque ele não sabia, mas ia desfrutar do seu método de persuasão. Tentou fazer cara de horror, mas não conseguiu enganá-lo.

— É malvada.

— Sim.

— Mas eu te amo — Jake, que estava farto, dirigiu-se aos outros.

— Eu não sei vocês, mas sinto uma necessidade extrema de beber algo, diante de tanto meloso, estou com vontade de vomitar.

— Sim, vamos ao restaurante — encaminharam-se para as carruagens de cada um deles.



Outra carruagem permanecia estacionado numa rua lateral, de onde tinha uma visão perfeita da porta da capela. “Sombra” nunca tinha imaginado que esse seria o desfecho de todos os seus planos. Pela primeira vez em muito tempo, alguém destruía o que ele tinha levado meses para preparar. Fixou seu olhar no Marquês, a quem odiava com tanta intensidade que seu desejo de vingança era a única coisa que dava sentido à sua vida. Na escuridão da carruagem, seu rosto não podia ser visto de fora, mas quando Alexandra passou ao lado de sua carruagem rindo, agarrada ao braço do Marquês, o procurado criminoso se inclinou para a frente para vê-la melhor. Se regozijou com sua figura, com seus cabelos negros e seus olhos verdes; ela era a mulher mais bonita do mundo para ele, e aquele homem não a merecia. Jurou a si mesmo que faria qualquer coisa para afastá-la dele.



The Clerk tinha sido decorado para a ocasião. Embora houvesse poucos convidados, Black teve a gentileza de fechar o local para que ficassem sozinhos. Em troca, o convidaram para se juntar a eles à mesa. Estava organizando tudo em seu lugar habitual no balcão, antes de se sentar, quando Alexandra se aproximou dele. Tinha deixado Gabriel sentado, bastante tranquilo considerando que iria falar sozinha com Black. Talvez fosse a hora de se tornarem amigos de verdade.

— Black, muito obrigada por tudo — ela deu-lhe um beijo na bochecha. Ficou surpreso e talvez um pouco envergonhado, embora, é claro, nunca admitisse.

— Não me agradeça, é o mínimo que posso fazer — ele a encarou fixamente — não vejo mais o roxo em você.

— Felizmente, existe a maquiagem — ela sorriu, mas logo ficou séria.

— Estou feliz de poder falar contigo a sós, porque tenho informações sobre “Sombra” — sussurrou em seu ouvido. Os pelos do pescoço de Alexandra se arrepiaram ao ouvir aquele nome. Ela assentiu para Black, mas um garçom os interrompeu para perguntar algo.

— Podemos conversar depois? — ela perguntou.

— Sim, é melhor, se quiser, fique um pouco após a refeição, com Damsworth, é claro — ela assentiu e dirigiu-se à mesa, mas antes disse — venha se sentar, Black, faz parte dos convidados.

— Vou agora mesmo — ele assinou um papel que lhe foi apresentado e pegou duas garrafas para levar à mesa. Em seguida, a seguiu.

Alexandra, que havia sido encarregada de organizar o casamento, preferiu uma mesa redonda, que lhe pareceu mais íntima para a família. Sua tia daria uma festa para seus amigos mais tarde. Seria muito maior em número de

convidados, mas esta era a celebração com os mais próximos. Aqueles que tinham ido à cerimônia, aqueles que os conheciam e os amavam de verdade, os dois, e se alegravam com sua união.

No meio dos brindes, ela conseguiu sussurrar no ouvido de Gabriel o que Black tinha lhe dito, e ele aceitou com um gesto sem perder o sorriso, como se estivessem falando sobre o tempo. Sua tia, que estava ao lado dela e do outro lado estava seu marido, é claro, estava completamente envergonhada depois de beijar duas vezes seu marido, atendendo aos pedidos dos convidados. Apesar da preocupação que sentia por “Sombra”, ela não conseguia evitar se sentir muito feliz em vê-la tão alegre como uma menina. Trocou olhares com seu irmão, que também mostrava um olhar terno que não era comum nele, ao ver sua tia. Estava sozinho, como sempre, e ela se entristeceu por ele não ter ido com ninguém. Mas Jake, como todos, tinha que seguir seu próprio caminho.

Ao lado de Jake, estavam Amanda e Drogo. Depois do que aconteceu no ano anterior no País de Gales, ninguém teria dito que todos se tornariam grandes amigos. Amanda, por outro lado, havia confessado que ainda não havia recuperado toda a memória, perdida quase como uma bênção, quando tentaram assassiná-la.

Como era costume, quase no final, os garçons trouxeram o bolo de casamento e os noivos foram cortando pedaços, distribuindo para todos, pois diziam que trazia boa sorte que todos o comessem juntos. O bolo tinha sido feito pelo cozinheiro do The Clerk e estava delicioso. Depois de beber uma última taça de champanhe e recusar uma segunda, decidiram partir. Jake já sabia que ela voltaria com Gabriel e sua tia já iria, logicamente, com seu marido. Despediram-se de todos na porta e seguiram Black, para outro salão privado. Lá, ele serviu um copo de uísque para cada um deles e fez um gesto para que se sentassem. Era diferente das outras salas que Alexandra tinha visto no restaurante, havia vários sofás espalhados por ela. Parecia perfeita para ler um bom livro bebendo uma taça, ou conversando com alguns amigos. Poderia fazer parte de qualquer clube; Black nunca deixava de surpreendê-la. Gabriel e ela tinham se sentado juntos, em frente a ele, que olhava para sua bebida, organizando seus pensamentos.

— Bem, em primeiro lugar, devo dizer que não tenho certeza, cem por cento, da confiabilidade da fonte que me deu a informação. Como sabem, quando Alexandra voltou, eu disse a algumas pessoas que conheço nos submundos... — Gabriel o interrompeu.

— Criminosos? — Black encolheu os ombros elegantemente.

— Digamos que cada um ganha a vida como pode, eu também já fiz isso no meu tempo, por isso conheço esse mundo — Alexandra estava atônita, mas Gabriel não. Ele sempre havia suspeitado, embora não tivesse antecedentes. Havia investigado há algum tempo.

— Como eu estava dizendo, disse que pagaria muito bem em troca de qualquer tipo de informação sobre “Sombra”. Esta manhã, finalmente, recebi

uma nota para me encontrar com uma dessas pessoas. Estive com um homem, a quem não conhecia anteriormente, que me disse que ele conheceu alguém chamado assim alguns anos atrás. Este homem dizia de si mesmo que não tinha nome, nem passado, essas eram suas palavras exatas, que ele era apenas uma sombra. Quando o conheceu, estava doente e usava bandagens em parte do corpo.

— Sabe que doença era?

— Não — balançou com a cabeça — mas tinha dores fortes. Ele morou algumas semanas em um quarto no mesmo prédio que ele. Algumas vezes bebeu com ele e bêbado, falou sobre umas cartas que procurava, sobre uma mulher que tinha estado na corte com a rainha, e desacreditou os dois. Ele dizia que, se as encontrasse, afundariam a monarquia. Aparentemente, estava obcecado com isso. Algumas semanas depois foi embora e não soube mais nada dele — Alexandra se virou para Gabriel ao perceber que ele estava segurando a respiração.

— Ele disse de que mulher se tratava? — Alexandra franziu a testa ao ver a preocupação no rosto de seu noivo.

— Ele não sabia, falava de um escândalo, algo que poderia prejudicar a rainha, mas que as provas não foram encontradas, não sei mais, tudo é muito vago, mas... — encolheu os ombros — de qualquer forma, sabem que, se souberem de algo, e me contarem, sua informação valerá muito dinheiro. Então eu vou descobrir, se alguém souber mais alguma coisa.

— Certo. Muito obrigado por tudo, Black — eles se despediram e saíram do restaurante. Uma vez na carruagem, ela olhou para Gabriel. Ele estava muito calado. Demais.

— Gabriel, o que está acontecendo? — pegou sua mão para colocá-la em sua bochecha, ele sorriu com tristeza. Balançou a cabeça, negando-se a falar. — Diga-me, sabe que não vou parar até descobrir.

— Assim que chegarmos ao parque... se concordar, daremos um passeio.

— Ah, pensei que estávamos indo para a casa de minha tia.

— Não, sabia que não me deixaria em paz até conversarmos, então disse ao cocheiro para nos levar aos Jardins de Kensington, a essa hora não haverá ninguém. E lá ninguém poderá nos ouvir.

— Tudo bem — ela se assustou ao vê-lo tão preocupado, pois Gabriel sempre exibia grande presença de espírito. Saíram pouco depois, o acompanhou segurada pelo braço sem falar. Deixaria que ele se explicasse primeiro. Sentaram-se em um banco, havia outro casal um pouco mais afastado, alimentando os patos do lago que tinham diante deles.

Virou seu corpo para ele para prestar toda a sua atenção.

— Conte-me, Gabriel, o que está acontecendo?

— Três anos atrás, havia na corte uma dama de companhia da mãe da rainha, chamada Lady Flora Hastings. Correu o rumor de que ela estava grávida, a opinião na corte era que, esse rumor, tinha sido iniciado pela própria rainha junto com sua secretária particular, a baronesa de Lehzen. Ao

que parece, ambas odiavam Lady Flora. Esta, algumas semanas antes, começou a aparentar estar grávida, seu ventre inchou, causando-lhe fortes dores, o que deu origem aos rumores. Não deu atenção a eles e não quis, por modéstia, ser examinada pelo médico real. Alguns dias depois, toda a história saiu nos jornais e seu nome foi arrastado pela lama todos os dias. Então, Lady Flora concordou em ser examinada pelo médico. A revisão foi feita por três médicos reais, que diagnosticaram que ela tinha um grande tumor no fígado. Morreu dois meses depois em decorrência disso.

— Lembro-me da história, mas a rainha pediu desculpas, e a baronesa foi culpada de certa forma e enviada para casa.

— Sim, mas nunca conseguiram nenhuma prova da culpa da rainha, todos pensavam que a principal culpada era a baronesa. Entende a importância dessas cartas, caso existam?

— Sim, claro — e imaginava que ele não tinha contado a pior parte.

— Eu na época não estava no Ministério, mas sei a história em primeira mão, como vou te explicar depois. Vai se lembrar que, algum tempo depois, o Ministro do Interior foi demitido abruptamente e Sir George foi nomeado em seu lugar.

— Sim, mas o que isso tem a ver?

— O Ministro, acredito que, seguindo ordens, encarregou um funcionário do Serviço Secreto de ir a um prédio onde morava uma irmã da baronesa de Lehzen. Sua missão era tentar recuperar, a qualquer custo, algumas cartas que acreditavam que ela tinha em seu poder. Sua irmã as tinha dado para se proteger no caso de o governo ou a rainha tentarem algo contra ela. As cartas demonstravam claramente a culpa da rainha neste assunto.

— Meu Deus, que confusão!

— Sim — ele sorriu ironicamente — o caso é que, não se sabe se, por ordem do Ministro ou por decisão própria, ele matou a irmã da Baronesa, mas não encontrou as cartas. E, sem ter nada melhor, não ocorreu a ele outra coisa senão incendiar a casa. O fogo se espalhou por todo o prédio, matando quarenta e nove pessoas. Foi algo terrível, de acordo com os relatos.

— Como sabe tanto sobre tudo isso se não foi contigo que o Ministro falou?

— Lady Flora era minha tia, por parte de mãe. Minha mãe solteira se chamava Sofia Hastings.

— Gabriel! — ela estava de boca aberta há um tempo e não conseguia fechá-la.

— Eu havia trabalhado para o Ministério em algumas ocasiões, mas, quando voltei ao país, deixei claro que não voltaria. Fiz isso quando substituíram o Ministro do Interior por Sir George. Desde então, tenho ajudado um pouco, mas quando nos casarmos, vou parar. Minha família, é claro, não entende que eu continue ajudando-os depois do que aconteceu, mas faço isso pelo meu país. Não consegui não ajudar, ficar de braços cruzados, enquanto esse criminoso continua solto.

— Acha que “Sombra” é da família da baronesa?

— Eu não sei, mas acho que não, poderia ser qualquer um dos pobres coitados que viviam lá e que morreram de forma terrível e desnecessária — encolheu os ombros — o pior de tudo é que eu o entendo. Não o que ele faz, é claro, mas sim que quer justiça. O problema é que ele é muito inteligente e estudou o suficiente a polícia para entender seu funcionamento, sempre antecipa seus movimentos.

— Justiça ou vingança — ela assentiu e pegou sua mão. Os dois olharam fixamente para o lago. Pensou por alguns momentos e depois colocou em palavras seus pensamentos.

— Gabriel, precisamos de ajuda, imagino que pedir ajuda diretamente ao Ministério do Interior esteja descartado, dada sua possível implicação no passado.

— Totalmente descartado, exceto Sir George, que naquela época não ocupava o cargo, não sei quem, entre todos os outros, sabia o que havia acontecido.

— Está bem, temos Jake, que pode nos ajudar. Ele tem amigos na polícia e pode investigar discretamente e de forma não oficial. Black, que tem conexões que podem nos ser muito úteis nos submundos, e, é claro, James. Eu sei que não gosta dele, mas é um homem muito inteligente e conhece o seu ofício.

— Eu não gosto porque ele está apaixonado por você, eu não gostaria de nenhum homem assim e que ficasse ao seu lado.

— Eu já disse que não acho que seja assim, mas supondo que seja verdade, não temos muitas opções — olhou para ele decidida a discutir. Tinham que resolver aquilo.

— É verdade, está certa — ele se endireitou e sua mandíbula se tensionou — vamos ter uma reunião com todos em minha casa, se concordar.

— Claro, é melhor — assentiu

— Dará tempo para nos encontrarmos ainda no final desta tarde? Quero começar o mais rápido possível. Fiquei parado por muito tempo. Enquanto esse homem estiver solto, representa um perigo para você.

— Acho que sim, assim que voltar para casa vou escrever as notas e enviá-las com o cocheiro. Devemos voltar, minha tia vai pensar que fugimos, sabe como ela se preocupa.

— Por quanto tempo Jake planeja ficar? — agora era ela quem encolhia os ombros.

— Eu não sei muito bem, mas acho que até minha tia voltar de sua viagem. Parece que combinaram em não me deixar sozinha — olhou para Gabriel desconfiada, não tem algo a ver com isso?

— A outra opção é que nos casemos e que venha morar comigo. Não pode morar sozinha, pelo menos até resolvermos isso.

— Concordo — Gabriel assentiu com um arrepio. Uma semana antes, jamais teria admitido aquela proteção sem lutar, isso indicava o quanto estava

assustada.

Levantaram-se e saíram dali. Tinham muito o que fazer se quisessem se encontrar com os outros naquela tarde. Além disso, tinha prometido ajudar sua tia com a bagagem. Subiu para seu quarto assim que chegou em casa, e a primeira coisa que fez foi escrever as mensagens para seus amigos, e depois desceu novamente para entregá-las a Anthony, com instruções para que fossem entregues urgentemente. Depois, perguntou por sua tia, e ela confirmou que seu recém-marido não estava em casa. Ainda tinha muitos assuntos do trabalho para deixar nas mãos de alguns colegas, como ele havia comentado há dois dias, então não poderiam partir imediatamente.

O quarto de sua tia estava uma confusão, mas a bagagem avançava a passos largos. Tinham feito uma lista no dia anterior das roupas e acessórios que levariam, e Alexandra a entregou à criada para que começasse a prepará-la. Embora os noivos não viajassem pelos próximos três dias.

— Tia, acabou de se casar, não deveria estar relaxando sentada na sala com seu marido?

— Robert foi continuar com a transferência dos pacientes, e eu decidi ajudar Mary — a criada a olhou pedindo socorro, e ela assentiu discretamente.

— Vou tomar um chá, por que não me acompanha e toma uma xícara? Mary é perfeitamente capaz de se virar sozinha.

— Eu não acho... — mas Alexandra já havia segurado sua mão e a estava puxando para a porta, depois pegou seu braço e desceram juntas as escadas.

— Vou sentir sua falta, titia — murmurou carinhosa.

— E eu de você, querida — ela aceitou a demonstração de carinho encantada, já que Alexandra, e ela mesma, não eram muito dadas a eles.

Anthony já havia dado instruções para servir o chá, e esperava por elas. Sentaram-se e observou sua tia, que havia trocado de roupa, e agora usava um vestido de lã tricotado que a favorecia muito, embora Alexandra estivesse certa de que a felicidade que transmitia em seu olhar era o que a fazia estar mais bonita.

— Estou tão feliz por estar tão feliz — sorriu ternamente.

— Sim, eu não achava que pudesse ser tão feliz, e menos na minha idade.

— Tem que me escrever sempre e me contar tudo. Eu adoraria conhecer essa região, todo mundo fala muito bem dela.

— Se estiver casada logo, poderiam vir conosco.

— O que está dizendo? Um casal tem que estar sozinho, pelo menos por algumas semanas. Não vai querer ninguém por perto, eu não me atreveria a ir até lá para incomodar — sua tia a olhou com um beicinho, mas não protestou, porque tinha razão e colocou outro doce na boca.

Mais tarde, sua tia se vestiu para visitar a sua melhor amiga, a quem ia comentar sobre o casamento. Ainda ninguém sabia disso fora da família.

Duas horas depois, Alexandra estava sozinha, sentada na sala e sentia um nó no estômago, sua intuição dizia-lhe que havia algo que lhe tinha escapado. Estava diante de seu nariz, mas quando tentava vê-lo, escapava-lhe. Algo dava

voltas em sua mente, uma ideia, mas não era capaz de pegá-la. Suspirou, quando isso lhe acontecia era melhor não pensar no que a atormentava, e a qualquer momento viria à sua mente o que queria recordar. Pegou um livro que havia lido até a metade e recomeçou a ler, mas deixou-o em cinco minutos ao dar-se conta de que tinha que reler continuamente as linhas, porque não era capaz de se concentrar. Então bateram à porta e Anthony abriu, ela aguçou o ouvido e levantou-se ao reconhecer a voz de Jake. Por fim podia contar-lhe tudo.



Chegou com meia hora de antecedência para falar com Gabriel a sós, até pediu a Jake que fosse depois, para lhes deixar algum tempo. Jake sorriu, assentindo, perguntando quando iriam outra vez a um casamento, ela mostrou a língua e saiu de casa.

Gabriel estava muito sério. Sabia que estava muito preocupado com ela, e que se sentia muito mal não poder protegê-la diretamente. Resolveriam isso logo, mas antes queria parar esse criminoso que era um perigo, não só para ela, mas para qualquer um que se colocasse em seu caminho. E pelo que pressentia, não se deteria por nada. Não falaram nada até chegarem à biblioteca, onde havia uma mesa redonda em que todos poderiam sentar-se, estariam mais confortáveis. E era a sala mais discreta da casa.

Apoiando as costas contra a porta, Gabriel puxou-a para si e a beijou profundamente, depois, antes que aquilo se descontrolasse, apoiou a bochecha na cabeça de Alexandra, respirando fundo. Precisava de mais, mas por enquanto, tinha que se contentar.

— Sinto a tua falta — sussurrou rouco.

— E eu também, estive quase a vir esta noite, sem que ninguém em casa soubesse.

— Se sair sozinha a noite, te mato, não será necessário que ninguém mais o faça! — ficou vermelho em poucos segundos, seu noivo não aguentava brincadeiras.

— Era uma brincadeira.

— Pois não tem graça — numa tentativa de acalmá-lo, deu-lhe um beijo rápido nos lábios, mas ao ver que não mudava a cara de zangado, deu-lhe outro no nariz. Baixando-lhe a cabeça para ficar à sua altura, deu-lhe nos olhos até sentir que ele tinha relaxado. Então beijou-a de novo, mas ela afastou-se sorrindo.

— Vamos sentar-nos, se não, quando chegarem, estaremos na cama ou em cima da mesa do escritório, e será bastante embaraçoso.

— Quem me dera estarmos sozinhos! Quando resolvermos isto, fugiremos, não me importa o que os outros digam. Iremos para a Escócia. Afinal de contas, a minha família é de lá, por isso é o mais conveniente — esperou pela reação dela, mas não houve.

— Não vai dizer nada?

— Não — encolheu os ombros — lamentaria que a família não estivesse, mas entendo que seria mais rápido. — Ele assentiu e beijou-lhe a mão.

— Explicou aos outros por que viriam?

— Não tive muito tempo, então simplesmente, chamei-os aqui dizendo-

lhes que era algo muito importante, mas nada mais. Agora, quando vierem, contaremos tudo.

— Sim, acho que funcionará — bateram à porta, Jake tinha chegado, acompanhado por Black, tinham se encontrado na porta. Já era hora. James chegava atrasado. Cinco minutos depois, estavam todos. Alexandra apresentou a todos, a maioria conhecia-se, exceto James, que não conhecia Jake e Black. Quando apresentou este último, Black olhou fixamente para ele e disse-lhe que parecia tê-lo visto antes, mas James, com um sorriso, respondeu que ele não lhe parecia familiar. Black encolheu os ombros e sentaram-se todos à mesa.

Alexandra foi quem começou a falar, como havia combinado com Gabriel.

— Primeiro, quero agradecer a todos por terem vindo, ontem Black deu-nos uma informação graças à qual temos uma pista sobre “Sombra”. Agora, Gabriel continuará, mas repito que, muito obrigado por terem atendido ao meu convite — sorriu para todos.

— Inicialmente, quero saber se querem fazer parte deste grupo cujo único propósito é deter esse criminoso. Quem não quiser, pode ir embora sem problemas, isto é voluntário, claro — observou a todos, mas ninguém fez menção de se levantar.

— Bem, acreditamos que “Sombra” surgiu há alguns anos devido a um incidente ocorrido em Londres. Há três anos exatamente, um prédio em Whitechapel foi incendiado, Alexandra e eu acreditamos que esse incêndio está diretamente relacionado com as ações de “Sombra” — decidiram não falar sobre o assunto das cartas ainda. Gabriel não queria, se pudesse evitar, revirar tudo e fazer sua família sofrer novamente — de alguma forma, a partir desse acontecimento, esse criminoso nasceu e, poucas semanas depois, “Sombra” fez sua primeira aparição.

Estavam todos em silêncio e incrédulos, apenas James se atreveu a falar.

— Na polícia, até o comunicado do Ministério, não tínhamos informações sobre este sujeito, então eu, por enquanto, não posso dizer nada de novo, mas estarei atento, é claro.

— Sim, o Ministério do Interior decidiu que o Serviço Secreto cuidasse dele, mas até agora não teve sucesso.

— Pensava que era membro do S.S. — recriminou James, todos olharam incrédulos e voltaram os olhos para Gabriel, para ver o que ele responderia.

— Já fui, há anos, agora não. Mas tenho um interesse particular na resolução deste caso — todos olharam para Alexandra, que baixou o olhar.

— Isto não se resolverá com o S.S., é preciso movimentar-se nos submundos, a polícia também não pode fazer nada — Black falou olhando para James, com a testa franzida. Não entendia o que fazia ali. Compreendia o de Jake, porque era irmão de Alexandra, mas aquele policial! A ele os policiais nunca tinham agradado.

— Todos podemos contribuir. Jake tem amigos em outras delegacias que talvez possam ajudar, Black tem contatos muito interessantes, que outros não

tem e James é um inspetor muito reconhecido, que pode investigar internamente sem levantar suspeitas — Gabriel não disse mais nada, confiante de que não seria necessário.

— Já que temos uma pista. Black, poderia marcar um encontro com seu informante para que nós possamos ir vê-lo?

— Sim, mas, devido ao sistema que temos, só poderá ser amanhã de manhã. Assim que chegar em casa, enviarei um aviso com a hora, o local é sempre o mesmo.

— Bem, então nos encontraremos pela manhã. Avise-me para te acompanhar?

— Melhor eu te buscar diretamente. Às sete? Vou encontrar-me com ele às oito porque o bairro é um pouco longe. E leve uma arma.

— Querem que lhes acompanhe? — Jake parecia preocupado por ficar de fora da ação.

— Não — Black sorriu — não quero que se assuste, já é complicado alguém vir comigo. São pessoas muito desconfiadas, como podem imaginar.

— Está bem, mas se mudar de ideia... — Alexandra sorria ao ouvir seu irmão, chateado por não poder estar na linha de frente.

— Claro — concordou Black. Alexandra estava surpreendida com a cooperação de Black, não entendia. Com seu histórico, imaginava que não o fazia por justiça.

— Bem, temos um objetivo: obter qualquer informação sobre “Sombra”, e caso desejem, nos encontramos aqui em dois dias. No entanto, se conseguirmos alguma informação relevante amanhã, os avisaremos. Vamos ver se, entre todos, conseguimos detê-lo. Só pelo que fez a Alexandra, devia apodrecer na prisão — todos concordaram e terminaram suas bebidas — quem conseguir alguma informação, por favor, comunique-me, e convocaremos os outros. Alguma pergunta? — todos responderam que não, e começaram a levantar-se para sair.

Jake lançou um olhar interrogativo à irmã, que por sua vez olhou para Gabriel. Era tarde, nove horas da noite. Se não fosse pela expressão de Gabriel, ela não teria hesitado em ir com ele, mas algo dentro dela dizia que ele precisava dela.

— Jake, se importa se eu levar sua irmã mais tarde? — seu irmão pareceu hesitar. Alexandra temia uma discussão, então colocou a mão no braço de Gabriel, pedindo um momento a sós com Jake. O Marquês saiu, deixando-os sozinhos.

— Alex, se te deixo aqui, a tia, quando voltar, corta-me em pedaços — estava com a testa franzida, o que sempre era mau.

— Não use a tia como desculpa, ela é muito mais liberal que você. Jake, o Gabriel está passando por algo muito ruim, por algo que não posso te contar, e que afeta a investigação — respirou fundo, tentando encontrar as palavras certas — preciso estar a sós com ele por um tempo. Vamos casar-nos assim que isto passar. Desde o sequestro, percebi que é uma tolice perder tempo,

quando se pode estar com a pessoa que se ama.

— Vai mesmo casar-se? — parecia realmente surpreso.

— Sim, o mais cedo possível.

— Está bem, inventarei alguma história para a tia. O que acha de dizer que tinham um jantar com alguns amigos? — ele perguntou sorrindo.

— Parece-me uma boa desculpa. Se eu chegar tarde, que não se preocupem, tenho chave.

— Ótimo, até amanhã então, irmãzinha. Já sei que sabe o que está fazendo

— deu-lhe um beijo na bochecha e saiu. No corredor, despediu-se do Marquês.

— Que não volte sozinha, por favor.

— Não se preocupe, e obrigada por deixar que ela fique, Jake — assentiu, não muito feliz com a situação, mas conhecia a sua irmã, e como ela era quando algo lhe entrava na cabeça.

Gabriel acompanhou-o até a porta e, ao voltar, encontrou Alexandra bebendo, sentada novamente. Sentou-se em sua frente, desta vez, com o olhar fixo em seu rosto, desfrutando de sua beleza, parecendo-lhe impossível que, finalmente, tivesse aceitado ser sua esposa.

— Vamos para cima?

— Não jantei, nem sequer lanchei como deve ser, estou com fome — olhou para ela divertido, levantou-se, agarrando-a pelo pulso a levou para a cozinha. Sabia que, se não comesse, estaria intratável.

A cozinheira os recebeu, e jantaram na cozinha. Alexandra fazia-o ocasionalmente na casa de sua tia, com ela, mas Gabriel, antes de a conhecer, nunca o tinha feito.

Quando terminaram a sobremesa, sua expressão já estava mais relaxada, e ele também reconheceu que se sentia melhor. Subiram as escadas lentamente e, de mãos dadas, quando chegaram lá acima, fechou a porta do quarto e a puxou para perto de si para que pudesse encostar o rosto em seu ombro e sentir seu cheiro. Precisava tê-la perto. Olhou-a fixamente e tomou seus lábios com um beijo dominador, depois, tomando-a nos braços, foi até a cama e a jogou em cima dela. Rindo às gargalhadas, ela lutou com as saias, que se enroscavam nas suas pernas, mas ficou sem forças devido ao riso. De repente, o corpo de Gabriel estava sobre ela, e ela estava cravada no colchão.

— Me pegou desprevenida — olhou sorridente, já fazia muito tempo que não estavam tão próximos.

— Sim, vejo que terei que fazer isso muitas vezes se quiser que esteja nesta posição — passou o olhar acariciando o seu rosto sem as mãos — já disse alguma vez que é a mulher mais bonita que já vi na vida?

— Sim, mas não é verdade — ela baixou o olhar, esse tipo de comentário de Gabriel sempre a envergonhava — é que, como me ama, pareço ser assim — ela sussurrou — também é o mais atraente do mundo para mim — ele baixou a cabeça e deu uma leve mordida numa parte do seu peito, que ameaçava transbordar do decote, provocando um riso abafado e excitado que

escapou da garganta de Alexandra. Mas, imediatamente, ela ficou séria, assim que sentiu a mão dele subindo pela sua perna com um objetivo muito definido.

— Não nos vamos despir?

— Não consigo esperar, se não se importa, primeiro experimentaremos vestidos, quero que possa apreciar as... diferentes técnicas que se pode usar no decorrer desta atividade — sorriu maliciosamente, e ela riu às gargalhadas.

Aproximou novamente o nariz do seu pescoço e inspirou profundamente.

— Meu Deus! Como senti a tua falta, sonho contigo todas as noites. Todas as mulheres deviam cheirar como você — antes que ela pudesse responder adequadamente, ele a beijou de forma tão persuasiva que todo pensamento racional desapareceu da sua cabeça. Meteu a língua em sua boca, para se deliciar vagarosamente até que ela sentisse a cabeça girando. Tentava segurar-se a algo, mas só podia fazer isso ao cobertor da cama, que mantinha amarrotado entre os punhos. Ele afastou os lábios e mordeu-a delicadamente na garganta. Em seguida, murmurou com crueza em seu ouvido a necessidade que sentia por ela.

— Não posso ficar longe de você, não suporto. Acordo várias vezes durante a noite depois de sonhar contigo, olha como estou sempre! — pegou uma das mãos dela e a pressionou firmemente em sua virilha para que soubesse como ele se sentia habitualmente. Em seguida, colocou a mão por baixo do seu vestido até alcançar sua lingerie. Baixou-a rapidamente, fazendo com que ela se erguesse para facilitar, e a deslizou por suas pernas, jogando-a para longe. Sua mão avançou novamente por baixo do seu vestido, desta vez sem barreiras. Tocou seus cachos delicadamente, separando seus lábios, observando-a o tempo todo. Não deixavam de se olhar nos olhos. Primeiro ele roçou o clitóris, fazendo-a morder os lábios; depois deslizou sua mão para baixo por sua vulva e a penetrou com dois dedos, devagar.

— Está molhada — ele sussurrou com prazer. Fez algumas penetrações mais profundas e se afastou por um momento para desabotoar suas calças, pegou sua ereção com firmeza, e Alexandra aspirou profundamente ao ver sua expressão e o tamanho de sua virilidade. Deitou-se sobre ela novamente.

— Quero que grite quando eu a penetrar, que perca a cabeça, que desmaie nos meus braços — sussurrou e a penetrou com força, e ela reclamou da dureza da investida. Ele parou ao ouvi-la e a observou, então ela sorriu e acariciou o seu rosto para que ele continuasse. Ele o fez, continuando a entrar e sair dela com movimentos lentos e profundos. Ela lutava para recebê-lo dentro de si sem desconforto, era a ocasião, de todas as vezes em que estiveram na cama, em que estava sendo mais selvagem. Gabriel estava com o rosto em um tom avermelhado e ela sentia o coração martelando contra as costelas. Chegou a um ponto em que seus olhos se encheram de lágrimas porque se sentia angustiada, e Gabriel a tranquilizou com murmúrios suaves, enquanto continuava a investir com os quadris, mas com movimentos mais suaves. Voltou a beijá-la, como se quisesse absorver todos os seus gemidos,

enquanto ela começava a precisar alcançar o clímax. Felizmente, aconteceu pouco depois e foi tão intenso que ela pensou que desmaiaria em seus braços, como ele havia pedido pouco antes. Nem percebeu que ele teve o seu próprio logo depois.

Sua consciência se abriu relutantemente em uma névoa de prazer, sentindo-se saciada e cheia de amor. Não sabia como tinha chegado a essa posição, mas tinha a bochecha apoiada em seu peito, ouvindo os batimentos de seu coração, e ele, além disso, tinha desfeito seu penteado e estava acariciando seu cabelo. Em outro momento, ela o teria repreendido, mas não tinha forças para mais nada além de ficar ali, ouvindo o som daquele coração, que havia se tornado o centro de sua existência. Dormiram um pouco e fizeram amor novamente, desta vez, devagar e com ternura. Ela, ao perceber que ia adormecer, sentou-se na cama, e ele a olhou surpreso.

— Quero te contar algo — ele a olhou, deitado de lado.

— Tudo bem, mas pode me explicar deitada.

— Não, isso é importante, tenho que explicar direito.

— Está bem — sentou-se na cama, como ela havia feito — estou ouvindo.

— Tudo bem. Meus pais se separaram quando eu era pequena, bom, não foi exatamente uma separação. Meu pai vinha nos visitar de vez em quando, mas minha mãe nunca aceitou essa situação. Ele não a queria, ela, no entanto, sempre esteve obcecada por ele. O queria tanto que não havia espaço em seu coração para Jake ou para mim — estendeu os braços para ela, mas ela fez um gesto para que a deixasse terminar.

— Quando fiquei madura o suficiente para entender a situação e ver o sofrimento de minha mãe e o nosso, já que precisávamos muito mais dela, prometi a mim mesma que não permitiria que um homem fizesse o mesmo comigo. Por isso, quando te conheci e vi o que sentia por você, tentei te afastar. Mas não fez isso.

— Nem farei, meu amor. Nunca — neste momento, permitiu que a abraçasse, trazendo-a para junto de seu corpo. Segurou-a assim, para que ela pudesse sentir seu amor e ternura.



Pararam o coche a uma distância segura do local da reunião e seguiram a pé. Tinham tido o cuidado de não se vestirem bem para não destoarem do lugar. Entraram na taberna e, seguindo uma indicação de Black, Gabriel o seguiu para pedir duas cervejas no balcão.

— Dois copos — o homem que os servia, ao ver Black, ficou nervoso e olhando em volta. Esperou que o homem que havia acabado de lhe entregar uma caneca fosse embora antes de falar com Black.

— Veio ontem, dei-lhe o bilhete, mas receio que não possa vir hoje.

— Por quê? — sussurrou, como o outro homem havia feito.

— Ele foi morto no beco ao lado. Quando saiu daqui com o bilhete. A polícia veio algumas horas depois e levaram o corpo, mas antes eu pude ver que o haviam matado. Além disso, ouvi os tiros.

— Por que a polícia demorou tanto? — Gabriel não conseguia acreditar.

— Curiosamente, chegaram muito rápido, às vezes o morto fica dias na rua. Depende do fato de estar ou não atrapalhando.

— Sabe se foi a delegacia do centro ou quem?

— Não, os Runners, de Bow Street — Gabriel assentiu, pelo menos conhecia alguém de confiança lá.

— Muito obrigado, até logo — Black deixou uma moeda de prata sobre o balcão, que o dono cobriu com a mão e embolsou imediatamente.

Vinte minutos depois, estavam em Bow Street, na sede dos Runners. Gabriel perguntou por Henry Goodard. Quando se certificaram de que eram bem-vindos, um policial os acompanhou ao porão, onde aparentemente ele fazia seus experimentos. Lá estavam também as celas dos detidos. Depois de passarem por elas, no fundo, a última porta era a do “laboratório” de Henry.

Ele não era um Runner como os outros; os demais de seus colegas costumavam ser homens altos e musculosos, bons em seu trabalho, mas intelectualmente limitados. Nesse contexto, a presença de Henry Goodard era notável. Estava se especializando na identificação das armas usadas em crimes, estudando as balas disparadas, suas estrias e protuberâncias. Tinha descoberto isso por acaso e concluído que, embora fossem do mesmo tipo de arma e calibre, cada arma disparava de uma maneira única; ou seja, cada bala que saía de uma arma tinha uma marca inconfundível. O magistrado de Bow Street, reconhecendo a importância da descoberta, lhe havia concedido um espaço para continuar suas pesquisas e o retirou das ruas.

Eles o encontraram olhando através de um microscópio e, embora tenha ouvido a porta, não levantou a cabeça.

— Henry, bom dia, precisamos conversar. Tem um momento? — desta vez ele os olhou e sorriu ao ver Gabriel. Se aproximou com a mão estendida para cumprimentar.

— Gabriel, quanto tempo! Fico feliz em te ver — Gabriel o apresentou a Black e explicou que precisava consultar algo com ele. Naquele momento, um companheiro entrou para lhe trazer uma arma com balas. Conversou com ele por alguns instantes e, depois de anotar uma série de coisas em uma folha de papel que deixou sob a arma, voltou-se para eles. Quando seu companheiro saiu, voltou-se para Gabriel.

— Vamos lá fora, tomar uma cerveja. Aqui não vamos conseguir conversar — saiu na frente para guiá-los até a saída e depois para um lugar bastante afastado da delegacia, onde se sentaram na área mais escura para conversar.

— Como vem tão longe para tomar uma cerveja? — ele sorriu ironicamente, depois que Henry pediu cerveja para todos.

— Não sou totalmente tolo, Gabriel. Se veio me procurar, é por algo extraoficial, senão, teria me enviado uma nota do Ministério, como outras vezes. Imagino que seja algo pessoal. E se quer que ninguém saiba, é melhor que alguns dos meus colegas não saibam, te garanto.

— Está bem, preciso de algumas informações. Acredito que recolheram um

cadáver de um homem em um beco de Whitechapel ontem à noite.

— Sim, ele foi baleado. Não sei todos os detalhes, mas me deixaram algumas balas que estavam por lá para que eu as examinasse quando pudesse. Tenho alguns outros trabalhos antes, mas se estiver muito interessado, posso começar imediatamente.

— Agradeceria muito.

— Por enquanto, só posso dizer que vêm de um Colt, o que é estranho, porque, embora o Sr. Colt tenha começado a fabricá-los em Londres, na parte norte do Tâmis neste ano, ainda não começaram a ser vendidas em solo inglês porque o modelo ainda não foi aprovado. Este deve ter sido fabricado em solo americano.

— Eu vi alguns no mercado negro, os trazem de lá e vendem muito bem, têm muita aceitação — os dois olharam para Black, que decidiu ficar calado.

— Mais alguma coisa? — o homem negou com a cabeça, pensativo.

— Apenas uma coisa, meus colegas disseram que parecia um acerto de contas porque ele estava com dinheiro e não foi roubado. Este homem esteve em uma taberna próxima e, ao sair, aproveitaram que ele passava por um beco e o mataram. Deve ter visto o assassino, pois corria na direção oposta quando o balearam.

— Ou seja, ele o conhecia? — encolheu os ombros.

— Pode ser, ou simplesmente o viu com a arma, assustou-se e fugiu.

— Tudo bem, muito obrigado Henry — fez um sinal para a garçonete.

— De nada, vou analisar minuciosamente as balas para ver se posso lhe dizer mais alguma coisa e perguntarei detalhes do caso. Vou te avisar assim que souber algo — eles apertaram as mãos do policial e saíram dali. Black não conseguiu resistir mais, enquanto caminhavam até o coche que haviam deixado em uma quadra, ele explodiu:

— Que filho da mãe! Mas como ele sabia que ia à taberna pegar a nota? — ele se virou para Gabriel, que o olhou com a testa franzida.

— Há várias possibilidades, incluindo a de que tenhamos alguém em minha casa ou na sua passando informações.

— Coloco a mão no fogo por minha gente — deu um salto de indignação.

— Black, depois disso, há alguém próximo a nós que não é o que parece, e eu diria que precisamos investigar as pessoas que nos rodeiam — Black concordou depois de pensar por um momento — eu vou fazer isso em minha casa, afinal de contas, é onde tivemos a reunião.

— Tudo bem, isso está ficando cada vez mais complicado, mas está certo. Quando chegar em casa, farei algumas perguntas — Gabriel assentiu, muito sério, já que ele havia mantido sua principal suspeita em segredo, embora a expressão de Black dissesse que não era necessário dizer nada. Também havia percebido que o mais provável era que um dos participantes da reunião fosse “Sombra”.

Se apresentou na casa de Alexandra para informá-la do que havia acontecido. Estavam em uma salinha perto da entrada, buscando um pouco

mais de privacidade. Esperava que ela explodisse, mas não o fez, apenas o olhou com tristeza.

— O que está acontecendo?

— Acho que sei quem é — olhou para a janela, repassando os mesmos detalhes como havia feito em sua mente durante toda a manhã. E então, se jogou nos braços de Gabriel, agradecendo por tê-lo ao seu lado. Depois, sussurrou o nome em seu ouvido e ele a olhou surpreso.

— Tem certeza? — ela assentiu sem dar mais explicações. Teria que assumir que aquela pessoa a estava enganando por tanto tempo.



O plano era fazê-lo se revelar sozinho. Todos estavam reunidos em torno da mesa no dia seguinte, como na primeira reunião. Black começou a dizer que tinham matado a pessoa que lhe passou a informação. Gabriel observava o suspeito como um falcão, esperando que ele fizesse algum movimento estranho. Tinha sua arma no bolso direito, pronta para ser usada. Mas ele tinha um sangue-frio tremendo, não disse nada, falou indignado como os outros e não conseguiram descobri-lo. Finalmente, Alexandra não aguentou mais, embora Jake e Gabriel tivessem sido muito firme ao dizer para que ela não falasse nada, tinha que fazer isso, queria ver a cara dele quando soubesse que ela sabia.

— James, me diga por que — Gabriel ficou tenso a seu lado, colocando a mão em seu antebraço, temendo que ela cometesse algum erro perigoso.

— Não sei do que está falando — James sorria aparentemente tranquilo.

— Sabemos que é você. O informante disse que “Sombra” tinha as mãos e o rosto enfaixados, e pensamos que era algum tipo de doença, mas então lembrei que tem o rosto e as mãos queimadas. Na verdade, quase sempre está de luvas. Investigaram e sabem que você não existia até três anos atrás. E tem uma colt. Eu sei por que me deixou atirar com ela. Por que, James? — ela tinha lágrimas nos olhos e ele um sorriso triste. Sabia que tudo acabaria assim quando foi à reunião.

Era um homem inteligente e havia notado os movimentos durante todo o dia, sentindo-se encurralado na delegacia. Sempre teve colegas, mas hoje não haviam se separado dele, quando antes costumava estar sozinho. Outros insistiram em almoçar com ele, quando nunca o faziam. E alguns homens o seguiram o dia todo até chegar à casa do Marquês e ele estava muito cansado. Não queria mais continuar assim, tinha pensado que seria uma boa morte partir enfrentando seu odiado inimigo, mas vendo Alexandra, percebeu que não poderia fazer isso.

— Há três anos, eu estudava para ser médico, e minha irmã Daisy para ser professora, ela era uma garota muito doce. Nossos pais nos deixaram algum dinheiro e, com isso, e alguns trabalhos esporádicos, teríamos como estudar e seguir em frente até trabalharmos. Mas destruíram nossas vidas. Por ordem de uma mulher mimada, sua rainha, que era tão maliciosa que arrastou o nome de uma inocente pela lama, minha irmã morreu em um incêndio terrível. Ela e

outras 48 pessoas. Daisy nunca fez mal a ninguém, Alexandra, e eu também morri naquele dia. Foi quando nasceu “Sombra”. Minha única finalidade era derrubar o demônio que reina neste país, mas não contava com você, Alexandra — ele tirou a colt do bolso. Jogue fora — disse a Gabriel, apontando para Alexandra. Gabriel, embora não acreditasse que ele fosse capaz de atirar em Alexandra, colocou a pistola na mesa. Não podia correr nenhum risco, não com ela. — Ordenei que a sequestrassem para chantageá-lo, mas disse a eles para cuidarem de você como se fosse da família deles. Quando descobri o que fizeram contigo, os matei como cachorros — ele olhava fixamente para ela e Alexandra não conseguia desviar o olhar de seus olhos.

— Ontem pensei que Black havia me descoberto por que me viu de relance na viela, quando os vigiava, no dia do teatro — Alexandra sentiu um arrepio. — Eu, ou um de meus homens, sempre os vigiamos. E quando percebi a importância dos documentos da filha de Byron, entendi que precisava consegui-los para poder derrubar a monarquia. Mas hoje na delegacia, soube que deram instruções para que não me deixassem sozinho. Sabiam que era eu. Tenho certeza de que já tinha adivinhado, Alex — ele a olhava com carinho. — É a mulher mais inteligente que já conheci. Quisera tê-la conhecido antes de tudo isso. Damsworth, tire-a daqui — Gabriel, ao ver sua expressão, a pegou pela cintura e saiu correndo da sala com ela. Mal tinham chegado ao corredor quando ouviram o tiro.

James havia virado a arma para a própria testa, enquanto sussurrava. — Afinal, já estou morto — e disparou sem hesitar. Jake e Black pularam de suas cadeiras, observando-o cair desabado sobre a mesa. Gabriel a levou para a sala e sentou-se em uma poltrona, com ela em seu colo, chorando, e com o rosto escondido em seu pescoço.

EPÍLOGO



A última reunião do grupo aconteceu uma semana depois. Black, Jake, Gabriel e Alexandra estavam sentados na casa de Margaret. Todos queriam entender o que havia acontecido. Gabriel precisou de poucos dias para descobrir os outros três comparsas de James e montar todo o quebra-cabeça. Depois de informar Sir George, decidiu compartilhar com o restante dos participantes daquela investigação.

— Há alguns dias, antes de saber quem era James, Alexandra me disse que, durante a investigação, sentiu como se estivesse sendo vigiada várias vezes. Mas só viu, em três ocasiões, policiais patrulhando. Imaginou que era por isso que se sentia vigiada. E estava certa, mas não como ela pensava. — Eram subordinados de James disfarçados de policiais que nos seguiam, Alexandra, a mim mesmo, e até Black. É claro que ninguém desconfia de um policial.

Quando Black enviou a nota para Whitechapel para se encontrar com o informante, só precisaram seguir o criado que entregou a nota e observar a taberna onde foi entregue. Ao ver quem a recolhia, o seguiram e, na rua mais próxima, o assassinaram.

Estava especialmente preocupado, quando tudo acabou, como descobriram a utilidade dos documentos da Condessa, mas foi mais simples do que parece. Alexandra já havia dito a James que estava procurando informações sobre esses documentos, só precisaram segui-la para descobrir onde a Sra. King morava. E subornar a vizinha que, a partir desse momento, estava sempre em sua casa cuidando dela, e escutando, é claro, todas as conversas. James era um homem muito inteligente, e com o pouco que essa senhora lhe disse, ele percebeu a importância que esses documentos tinham para o governo da Inglaterra. Isso provocou o sequestro de Alexandra — ele inspirou e olhou para sua futura esposa sério, ainda não conseguia falar sobre isso sem tremer por dentro — embora acreditasse que ele não planejava fazer-lhe mal. Acho que o começo do fim dele foi quando viu o que tinham feito com a mulher que ele amava, pelo menos como amiga, por sua culpa.

Quando ocorreu o incêndio em que sua irmã morreu, ele se queimou ao entrar para tentar salvá-la, já que não estava no prédio. Ver tantas pessoas morrendo diante dele deve ter sido terrível. Acredito que sua mente não suportou o que aconteceu. Era um homem atormentado pela brutalidade cometida contra sua irmã e contra outras quarenta e oito pessoas, mas errou ao buscar vingança a qualquer custo. O resto podem imaginar, ele procurou aliados entre a escória, homens que quisessem derrubar o sistema, por qualquer motivo que fosse. Criou uma identidade, James Brown, e ingressou na polícia para ter acesso a toda informação possível que pudesse criar o caos

e cometer os crimes mais lucrativos para seus propósitos.

Todos ficaram em silêncio, impressionados.



Antes de sair em viagem, convenceu Gabriel a visitar os filhos da Condessa, que estavam passando alguns dias com o pai. Embora a avó tenha comentado que provavelmente acabariam morando com ele. O Conde estava realmente abalado pela morte de sua esposa e convidou sua sogra para morar com ele e com os netos.

Depois de ficarem lá um pouco mais de uma hora, Gabriel começou a insistir para que saíssem, e eles partiram. No entanto, o cocheiro parou dez minutos depois, e ela o olhou surpresa.

— Tanta pressa e agora paramos? Precisa fazer alguma coisa?

— Sim, vamos, desça — ela fez isso, surpresa com a pressa. Estavam em uma das esquinas da praça do Parlamento, mas ela se recusou a continuar avançando até que ele dissesse o que estava acontecendo.

— Gabriel, o que está acontecendo?

— Vamos, é um momento! — continuou puxando-a até atravessarem a grade da Igreja de St. Margaret, onde Jake estava na porta, muito sorridente. Ele a recebeu com um beijo na bochecha. Ela olhou para os dois sem acreditar no que estava acontecendo.

— Não fazia sentido fugirmos. Não somos menores de idade, aos quais as famílias não permitam casar-se. Somos dois adultos apaixonados. Quando saímos daqui, iremos para a Escócia, mas em lua de mel, para nossa casa — ela sentiu os olhos se encherem de lágrimas.

— Sabia que estava triste por se casar sem ninguém de sua família, então, exceto sua tia e o Dr. Sweets, seus amigos e o resto de sua família e da minha estão aqui. Custou-me encontrar sua amiga Mary, mas ela chegou ontem à noite — ele pegou seu lenço e secou suas lágrimas — como gosta de chorar em casamentos! — ela o abraçou, se perguntando como era possível amar tanto alguém. Enxugou os olhos e assoou o nariz como uma criança pequena, fazendo os dois homens sorrirem.

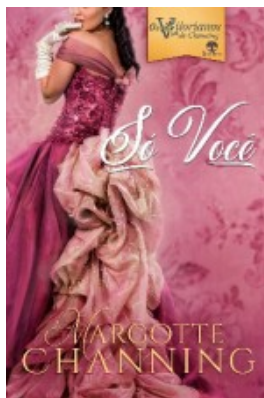
— Eu te amo, Gabriel.

— Eu sei, querida, e eu amo você — Jake, cansado, fez uma careta.

— Por favor, se casem logo, não consigo suportar isso por muito mais tempo — Gabriel assentiu e lhe deu um beijo antes de entrar na igreja e caminhar pelo corredor lateral até seu lugar, aos pés do altar. De lá, virou-se para observá-la se aproximando. Todos os convidados se levantaram e fizeram o mesmo, com um sorriso.

Jake ofereceu, orgulhoso, seu braço à noiva, que o aceitou feliz e manteve os olhos fixos no rosto de seu futuro marido enquanto percorria os poucos metros que a separavam de sua nova vida.

EM BREVE



Londres, 1854

Maria Feodorovna é uma atriz russa de sucesso, vivendo em Londres, que se envolve em um caso com Black, o charmoso proprietário do restaurante mais badalado da cidade. Um dia, ele suspeita que Maria o tenha traído e, tomado por ciúmes insanos, põe um fim ao relacionamento. Pouco tempo depois, recebe uma carta dela, na qual ela jura nunca ter sido infiel, embora admita ter escondido algo, o seu trabalho como espiã para o governo britânico.

A carta é uma declaração de amor e uma despedida, pois recebeu uma missão extremamente perigosa em Madrid e, quando Black finalmente a encontra, ela foi esfaqueada e está gravemente ferida. Enquanto aguarda sua recuperação, Black rememora o tempo perdido devido à sua estupidez e percebe que talvez agora seja tarde demais.

VITORIANOS DE CHANNING



Londres, 1851

Drogo “King” Siddal é um inglês rico em seus trinta anos de idade e atormentado pelo remorso.

Uma manhã, quando está navegando, algo bate no casco de sua embarcação e ele descobre que é uma mulher inconsciente que sofreu uma tentativa de estrangulamento. Quando a estranha acorda, horas depois, não consegue se lembrar de nada, nem mesmo seu nome.

A partir desse momento, os dois unem forças para desvendar quem tentou matá-la e descobrir a verdade mais importante de todas: que, às vezes, alguns segundos são suficientes para que duas almas reconheçam uma à outra.

MARGOTTE CHANNING



Margotte Channing escreveu e publicou 42 romances até o momento.

Trabalhou em um banco por quase trinta anos até não aguentar mais e decidiu se dedicar ao que realmente ama, escrever. Já faz mais de seis anos e não se arrependeu nem por um momento, apesar do quanto é difícil ganhar a vida escrevendo hoje em dia. Ela publica na Amazon e seus romances, felizmente, são lidos em todo o mundo, embora a maioria dos seus leitores estejam na Espanha, nos Estados Unidos e no México.

Tenta criar histórias que surpreendem, façam suspirar e, acima de tudo, que abracem seu coração.

INFORMAÇÕES LEABHAR

Acompanhe-nos e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o [E-mail Leabhar Books®](#)